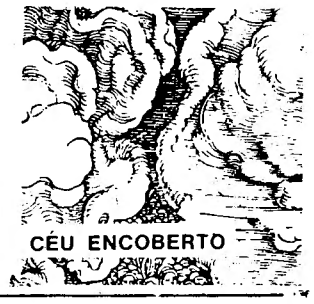
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1974 N.º 018388 — ANO 53.º — PREÇO 2$50



MARCELLO CAETANO À ASSEMBLEIA NACIONAL

"NÃO TRANSIGIREMOS"

Aguardada com grande expectativa, a comunicação do Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, à Assembleia Nacional foi atentamente seguida, em todo o País, graças à transmissão directa feita pela Rádio e pela Televisão. O Chefe do Governo chegou à sala das sessões da Assembleia às 16 horas, acompanhado pelo respectivo presidente, eng. Amaral Netto. Presentes, 121 deputados, todos os membros do Governo e alguns representantes do Corpo Diplomático.

Frequentemente interrompido por ovações da assistência (as galerias encontravam-se repletas), o prof. Marcello Caetano proferiu o discurso que, adiante publicamos na íntegra. No final, o deputado Netto de Miranda, presidente da Comissão do Ultramar, apresentou uma moção de firme apoio à doutrina definida pelo Presidente do Conselho. O eng. Amaral Netto suspendeu então a sessão, que continuará amanhã, tendo como ordem do dia discussão da referida moção.

Eis o texto do discurso do prof. Marcello Caetano:

Senhor Presidente:
Senhores deputados:

Nenhuma dúvida pode haver de que o mais grave problema que presentemente se põe à Nação portuguesa é o Ultramar.

Normalmente nunca o Ultramar constituiria um problema para Portugal. Portugal, desde há cinco séculos, é uma Nação dispersa por vários continentes, está na África, na Ásia, na Oceania como na Europa. E encontrará sempre, no génio natural do seu povo e na experiência tradicional dos seus contactos as soluções adequadas ao desenvolvimento harmonioso de todas as suas parcelas, à convivência fraterna de todos os seus filhos, à fusão enriquecedora de todas as suas culturas.

Mas na hora actual essa evolução de uma sociedade pluricontinental e multirracial é perturbada por crescente pressão internacional adversa. Uma pressão determinada por preconceitos ideológicos, por interesses imperialistas, por solidariedades continentais que cada dia encontra novas maneiras para se manifestar, afastando todos os limites da razão e todas as normas da moral e do direito internacionais. Uma pressão que encontrou nas assembleias constitucionais ou dependentes das Nações Unidas o ambiente propício de formação, de ampliação e de aplicação. E de que decorre a mais incrível campanha contra o nosso País, com mobilização de recursos avultados e de poderosas forças e com o uso das mais variadas armas — desde a calúnia à agressão.

Em face deste ataque, que tudo indica estar em aumento, impõe-se que os portugueses adoptem uma atitude consciente e definida. E por isso se lhes pede, através da sua mais alta assembleia representativa, nova reflexão.

É para a facilitar que me proponho recapitular a orientação que tem sido seguida pelo Governo, de acordo com o sufrágio popular e dentro das linhas traçadas na revisão constitucional de 1971.

São já tantas as vezes que me tenho debruçado publicamente sobre este magno problema nacional, que não se estranhará reportar-me agora em muitos passos ao que disse noutras ocasiões.

Nunca será de mais recordar que as operações militares em Angola, em Moçambique e na Guiné, resultaram da legítima defesa perante uma agressão preparada e desencadeada a partir de territórios estrangeiros.

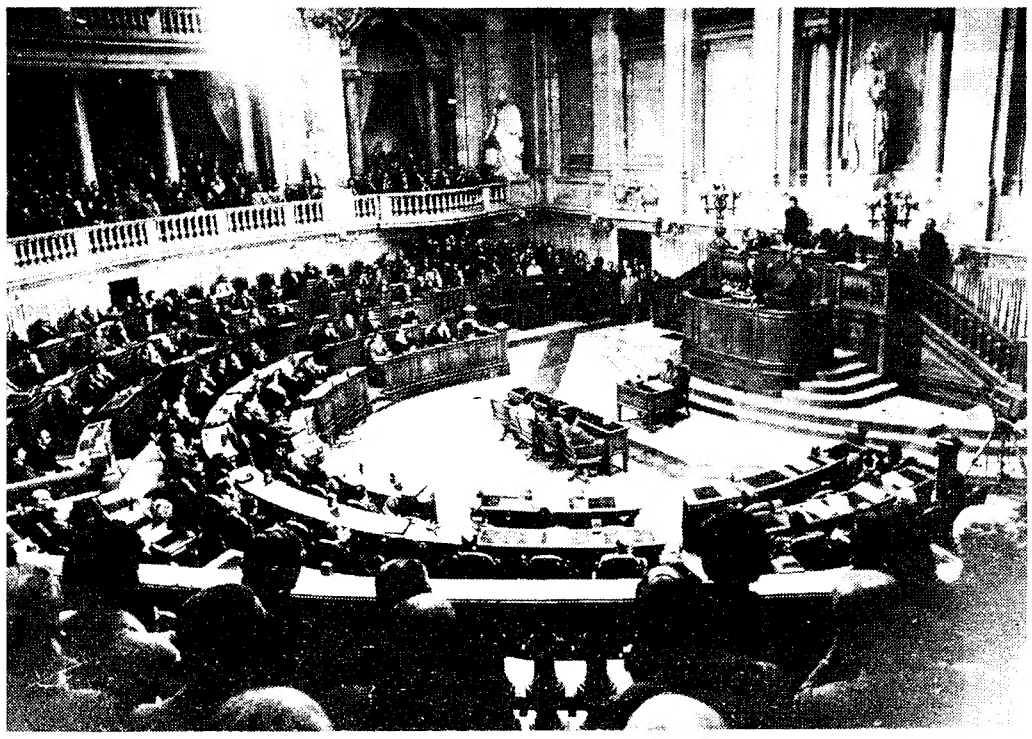
Perante o ataque a vidas e fazendas em território português o nosso dever era conter a agressão, castigar os agressores e tomar as medidas indispensáveis à segurança de pessoas e bens.

As forças militares foram chamadas a cooperar nesta acção de polícia. Só que o ataque dos adversários foi continuando sob as formas insidiosas da guerra subversiva. E vimo-nos assim envolvidos numa luta desgastante de todos os dias, em que fatalmente o ini-

Continua na pág. 10

28 páginas incluindo "Economia"

2.ª EDIÇÃO



O sr. Presidente do Conselho proferindo a sua comunicação perante a Assembleia Nacional

DENIS HEALEY CHANCELER DO TESOURO

LONDRES, 5 (R.) — O primeiro-ministro Harold Wilson nomeou hoje Denis Healey para o cargo de chanceler do Tesouro (ministro das Finanças), que será o encarregado da política financeira do novo Governo Trabalhista.

James Callaghan sobraçará a pasta dos Negócios Estrangeiros e Michael Foot a do Trabalho.

Roy Jenkins, o partidário mais conhecido do Mercado Comum Europeu, no seio do Partido Trabalhista, será o novo ministro do Interior.

DIAS INCERTOS ESPERAM WILSON

Telex de JOAQUIM LETRIA

LONDRES, 5 — A Grã-Bretanha é governada por um Governo trabalhista desde a noite passada, como se previa já no meu artigo de ontem. Harold Wilson vai, para já, pôr em prática a sua promessa: pôr o país a trabalhar cinco dias por semana e resolver a crise dos mineiros, outros vencedores das eleições da última quinta-feira em que o povo disse «não» à política deste último Governo Conservador.

O princípio da noite de ontem teve, como se pode calcular, toda a efervescência para os correspondentes e jornalistas nacionais em Londres que os grandes acontecimentos sempre despertam, embora este pudesse ser previsto à distância. Mas a visita de Heath à rainha foi feita pouco depois do líder liberal Jeremy Thorpe ter anunciado a sua recusa definitiva de participar com os conservadores numa coligação e propor como alternativa outra saída que nascera durante o fim-de-semana e que também o meu artigo de ontem mencionava: uma coligação dos três principais partidos.

A decisão anunciada por Thorpe deve ter sido dolorosa, na medida em que pela primeira vez em muitos anos era oferecida aos liberais a oportunidade de participar no Poder e contrariar futuramente dessa forma aqueles que alegam em seu detrimento que os liberais

Continua na pág. 20

«A gasolina e as nossas pernas» — lê-se no cartaz de um, entre cem, manifestantes paralíticos que protestavam em New York contra as medidas de restrição do consumo de combustíveis. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

PESQUISA DE PETRÓLEOS EM ANGOLA

NOVAS CONCESSÕES ONDE O ESTADO TEM DIREITO A METADE DO PRODUTO

Ao abrigo de decretos enviados para o «Diário do Governo», vão ser celebrados dois novos contratos de concessão para prospecção e produção de petróleo em Angola: um em águas profundas (cerca de 20 000 km2, além da batimétrica de 200 metros, na zona de St.º António do Zaire — Ambrizete, a atribuir à ESSO) e outro em terra e águas de menos de 600 metros de profundidade (numa faixa de 10 000 km2, entre Novo Redondo e Benguela, a atribuir á três companhias associadas — a Sun Oil, a Amerada Hess e a Cities Servive International). As companhias concessionárias foram escolhidas depois de confrontadas todas as propostas apresentadas para as mesmas áreas, e as bases contratuais são fruto de negociações que se seguiram à abertura das propostas.

Algumas das cláusulas dos contratos a celebrar são comuns a anteriores contratos, outras constituem inovações.

Ficou acordado que não só em caso de guerra, mas também em emergência grave que afecte o abastecimento do País, toda a produção das sociedades fica à disposição do Governo, sem necessidade de quaisquer formalidades. Por outro lado, o Estado mantém, em situação normal, o direito de preferência na aquisição de 37,5 por cento da produção e o direito de recebimento em espécie do imposto de produção (12,5 por cento), o que perfaz uma disponibilidade de 50 por cento.

Também, em face do actual clima inflacionário, houve a preocupação de assegurar a actualização permanente das importâncias devidas pelas Companhias e expressas em escudos (rendas de superfície,

Continua na pág. 17

DL/NACIONAL

Cinco por cento das crianças são diminuidas mentais

A Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais anunciou para o dia 8, sexta-feira, o seu peditório anual, a realizar nos centros onde tem delegações com actividade: Lisboa, Porto, Castelo Branco, Évora, Coimbra, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo.

O peditório do ano passado rendeu mil e quinhentos contos e a Associação confia abertamente que a boa colheira se mantenha pois cada vez é maior o número dos que trata e acolhe e é também imensa a vontade de lhes proporcionar melhores condições de tratamento e acolhimento.

Segundo estatísticas recentes, um a cinco por cento das crianças, são diminuídas mentais. Os casos de mongolismo, que lhe estão próximos mas são mais graves, acontecem, em média, a uma criança em cada 700. E à semelhança do que se verifica noutros 67 países, a assistência respectiva está em Portugal, fundamentalmente, entregue a particulares. O Estado apenas contribui com um subsídio para remunerar o pessoal técnico com vencimentos fixos — médicos, enfermeiras, professores e empregados — recolhendo-se as verbas restantes à manutenção da obra de assistência, no peditório anual agora anunciado, nas quotizações dos sócios da Associação, em donativos e na venda, pelo Natal, de artigos fabricados pelas próprias crianças deficientes mentais.

Estas informações foram ontem fornecidas à Imprensa pela direcção da Associação, representada pelas senhoras Alice de Mello Tavares, Sheilla Stilwell, Maria da Graça Simões Ferreira, Maria de Lourdes Medeiros e Maria Helena d'Orey Vieira da Rocha.

«DIREITO AO RESPEITO»

O deficiente mental tem os mesmos direitos fundamentais que os outros cidadãos do mesmo país e da mesma idade, pode ler-se no artigo primeiro da declaração dos direitos dos diminuídos mentais proclamada em 1968 e aprovada pela ONU em 1971.

Na mesma declaração se diz que o deficiente mental tem direito à segurança económica e a um nível de vida decente, assim como a executar um trabalho produtivo ou exercer qualquer outra ocupação útil.

Foi para por em prática estes princípios básicos que se criaram as Associações de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, existindo a portuguesa desde 1962. Fundou-a um grupo de mães de crianças mongolóides que tenta integrar, pelos meios ao seu alcance, não só os seus próprios filhos como o diminuído mental em geral, na família e na sociedade.

Além de recolha de fundos que tão necessários são ao trabalho da Associação, o peditório serve também para mentalizar a população em geral que o diminuído mental tem de ser amparado e acarinhado ainda mais do que uma criança normal disseram-nos as dirigentes da APPACDM.

A Associação tem a funcionar em Lisboa, na sua sede, uma consulta multidisciplinar onde estão inscritos cerca de mil diminuídos mentais de ambos os sexos, de todos os extractos sociais, e dos quais uns 75 por cento são economicamente débeis. É principalmente para estes que existe a Associação e se faz o peditório. Medicamentos grátis são-lhes fornecidos. Igualmente grátis ou em regime de comparticipação, segundo as disponibilidades das famílias, a Associação distribui complementos vitamínicos e proteícos. Nas delegações são assistidas mais 300 crianças.

Para além desta assistência médica e medicamentosa funcionam em Lisboa dois Centros de Educação Especial, frequentadas por 150 crianças e com aulas de ensino sensorial e pré-oficial, iniciação à leitura, escrita e cálculo. No primeiro semestre deste ano, entrará em funcionamento, em Lisboa, o 1.º Centro de Trabalho e um Lar, de segunda a sexta-feira para as crianças que moram mais longe do local das consultas. Durante o Verão estas crianças frequentam uma colónia de férias da Associação, numa praia do centro do País.

Mas se algo já se fez, muito mais se pretende fazer. Dentro dos planos de actividade a curto prazo, disseram-nos ser intenção da Associação das Crianças Diminuídas Mentais criar creches onde as mães possam deixar os seus filhos entregues a quem saiba cuidar deles. Recensear todas as crianças em tais condições para as poder assistir, orientar os pais na educação, e intensificar as campanhas de consciencialização em torno deste problema. É que, acompanhando a recuperação técnica das crianças afectadas, deve haver, sempre, o carinho da família a ajuda dos que lhe estão próximos e, sobretudo, respeito.

Como se acentua no folheto alusivo à campanha em favor do peditório nacional da próxima sexta-feira **acima de tudo o atrasado mental tem direito ao respeito.**

POR DOIS MIL CONTOS

Um maravilhoso massacre de pintura e obras de arte

Cerca de dois milhões de escudos em pinturas foram ontem à noite movimentados no primeiro dia do leilão da Sociedade Afra Filhos, nos baixos de um moderno hotel lisboeta. A peça mais cara custou ao seu arrematante 115 notas de mil — tratava-se de um óleo sobre contraplacado, datado de 1930 e da autoria de Mily Possoz com tudo, ficou sem licitantes e portanto, à disposição de quem aparecer hoje ou depois de amanhã um óleo sobre tela, assinado por Fausto Sampaio, e que tem à partida uma base de licitação de 300 contos.

Venderam-se, também, dois Vieira da Silva e uma belíssima colecção de seis desenhos aguarelados de Stuart, cada um ao preço de 4500 escudos. Estranhamente, Almada Negreiros não encontrou comprador, nem mesmo as suas delicadas «Figuras», a tinta-da-china, que mereceram a primeira página da nossa edição de ontem. Pelo contrário: o único momento de «frisson» na sala deveu-se à dúvida em torno da peça «Desfolhando o Malmequer», da autoria do mestre pintor, desenhador, caricaturista, dramaturgo e escritor. O catálogo anunciava-a como sendo desenho a tinta-da-china mas um assistente levantou o problema observando. **Dá a impressão que é uma litografia**

O exame sumário pelos peritos presentes na sala, dispondo apenas de lupas, não chegou a conclusão nenhuma.

A peça de Almada Negreiros foi-nos apresentada à última hora por uma fonte em que confiamos plenamente e só pôde ser incluida como suplemento ao catálogo, sem passar pelos nossos serviços de laboratório, explicou-nos Jaime Afra, da agência leiloeira.

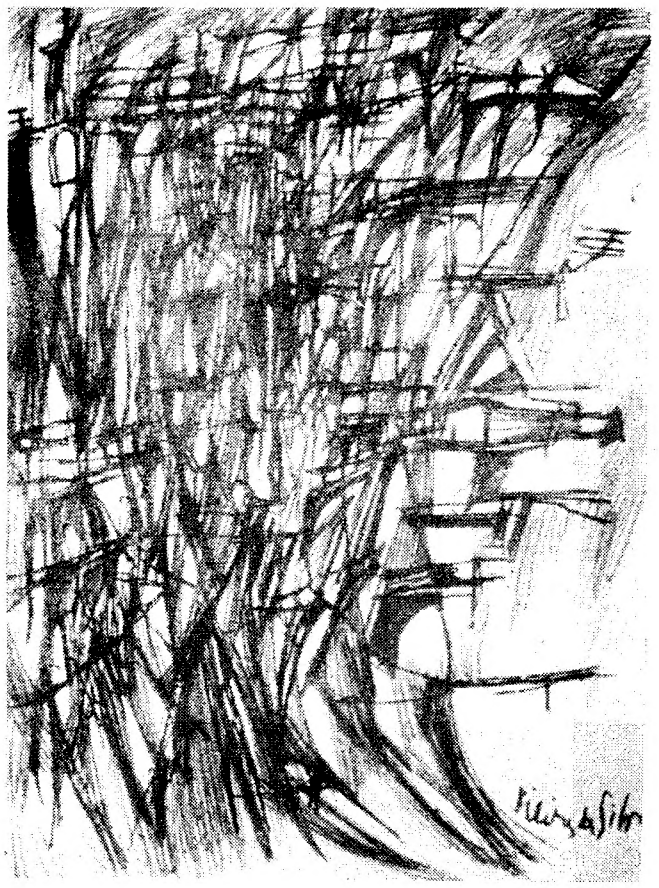
O quadro foi retirado do leilão, para os competentes exames e peritagens, posto o que baixará à praça, possivelmente ainda hoje.

A sala do leilão assemelhava-se mais a um museu do que a centro de compra e venda do trabalho de artistas. As paredes foram totalmente revestidas de pinturas — 188 quadros no total. Ao fundo da enorme sala, toda a cópia de instrumentos bélicos que hoje vão ser gritados pelo eficientíssimo pregoeiro.

Temperatura aquecida, alcatifas, o requinte que se presume quando comparecem os senhores do dinheiro, os únicos que têm acesso a este desfile de maravilhas. Notória a presença de figuras importantes na cidade, do professor universitário ao banqueiro, do marchante de arte ao novo-rico endinheirado e de maneiras suficientemente distintas para não se evidenciar, pelo contraste, no ambiente rumoroso dos elogios.

Indisfarçados também — por habituais e conhecidos e, ainda pela quantidade de obras arrematadas — representantes dos nomes sonoros da finança lusa. Em suma, um clima propício ao desfile de maravilhas que começou com Abel Cardoso, passou por Almada Negreiros, a correr e sem o ver, apesar dos desenhos apresentados a 25, 30 e 40 contos e só animou, verdadeiramente, ante as sombras e a fresquidão de uma paisagem de Sintra passada a óleo, sobre madeira, por António Saúde, em 1946 e vendida por 81 contos.

Mais de trezentas pessoas — tantas contámos — ouviram a lenga-lenga despachada do pregoeiro, avançando, catálogo fora, sem uma trégua, sem um descanso, quatro horas a fio, enquanto os gestos combinados dos interessados se sucediam, imperceptíveis para os leigos, discretos e furtivos na generalidade, mas «caçados» sem uma falha pelos intermediários na venda.



O quadro de Vieira da Silva.

Boa, boa mesma, foi a discussão, com argumentos de notas de mil, pela posse dos guaches de Francis Smith, os óleos de Fred Kradolfer os óleos sobre tela de Frederico Ayres e as três peças de Mily Possoz.

De Francis Smith (pintor, paisagista, aguarelista, ilustrador de cenários discípulo de José Ribeiro Junior e Constantino Fernandes, nascido em 1881 e falecido em 1961) venderam-se quatro óleos: «Casas portuguesas e figuras», por 51 mil escudos, «Paisagem portuguesa», por 90 (a base de licitação era apenas de 70 contos), «Os tenistas», por 61 e «Casas e figuras portuguesas», por 56 contos.

Um óleo sobre tela, intitulado «New York» e assinado por Fred Kradolfer duplicou o preço base enquanto outro quadro da mesma natureza, mas pintado por Frederico Ayres e intitulado «Composição», desenho a tinta. A gravura a ponta seca, número 29 de uma tiragem de 50, valeu 8 250 escudos. O nível destes preços pareceu demasiado baixo, pelo que a casa leiloeira mandou repetir várias vezes que se responsabilizava pela autenticidade dos quadros vendidos.

À uma e vinte da manhã a nossa contabilidade já acusava 1 800 e tal contos de vendas. Enquanto somávamos o dinheiro ali despendido por outros, olhos atentos perscrutavam os objectos do leilão restante certamente calculando as disponibilidades de conta bancária para atacar a partir das 21 horas de hoje, ainda no Hotel Altis, mas agora em armas brancas e de fogo. Há lá muito por onde gastar, dos artísticos punhais às mais esquisitas espingardas. Uma destas (quatro canos, equipada com fechos de pederneira e guarnições em ferro gravado) está avaliada em 300 — !!! — contos. Espectaculares são também duas armaduras orçando os 150 e um par de canhões dos séculos dezasseis e dezassete, a atirar para a meia centena de contos.

Isto já não falando nas antiguidades e objectos de arte, reservadas para quinta-feira e nos quadros retirados ontem e hoje novamente sujeitos a licitação. Como sejam o tal Fausto Sampaio («redes à vista - Costa Nova Aveiro»), as «Duas mulheres ao espelho», de Artemisia Gentileschi (base de 200 contos) e os rigorosos desenhos de Almada Negreiros em que eu atacaria se tivesse dinheiro.

O embaixador da França no norte

PORTO, 5 — Para uma visita de dois dias ao Norte, chegou esta manhã a esta cidade onde apresentou cumprimentos às principais entidades oficiais, acompanhado do consul do seu país no Porto, o embaixador da França em Portugal, Bernard Durant. Ao princípio da tarde este diplomata presidiu a um almoço que lhe foi oferecido pelo Instituto Francês. Visitará ainda hoje a Escola Francesa e o Instituto Francês. Amanhã deslocar-se-á aos estaleiros das empresas francesas em Leça, que trabalham nas obras de ampliação da Refinaria da Sacor e em seguida, o Instituto do Vinho do Porto onde será obsequiado com um almoço. As 18 e 30, o consul-geral da França dará uma recepção em honra daquele diplomata, que na quinta-feira regressará a Lisboa.

BANCO DE PORTUGAL

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital realizado:

Esc. 193 560 000$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A sessão periódica da Assembleia Geral Ordinária dverá realizar-se no dia 29 do corrente mês, pelas 15 horas, no edifício do Banco, com a seguinte ordem do dia:

I — discutir e deliberar acerca :
- a) do balanço, relatório e contas, da proposta para a distribuição dos lucros líquidos e dos demais documentos apresentados pelo Conselho de Administração;
- b) do parecer do Conselho Fiscal.

II — proceder à eleição :
- a) de membros do Conselho Geral do Banco;
- b) da Mesa da Assembleia Geral.

Os livros gerais estarão patentes aos Srs. Accionistas nos quinze dias da lei.

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, em 4 de Março de 1974.

O SECRETÁRIO

a) **José Luís de Abreu Valente**

TEATRO S. LUIZ SÉRIE FINALISTAS DE CONCURSOS INTERNACIONAIS

O CONCURSO VIANNA DA MOTTA apresenta os seguintes jovens artistas:

30 de Abril — ERIKO SATO, violinista norte-americana

7 de Maio — DAVID OEI, pianista norte-americano

11 de Junho — MIROSLAV LANGER, pianista checoeslovaco

ENTRADA LIVRE Grupo A — maiores de 6 anos

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

PERIGOS PARA A IMPRENSA DO FUTURO

«Numa democracia, a liberdade de informação e o direito à expressão para todos supõe a pluralidade dos meios que para isso podem contribuir», lê-se no relatório de cento e cinquenta páginas que apresentou Michel Drancourt na abertura da sessão plenária do Conselho Económico e Social, no passado dia 12 de Fevereiro na presença do ministro Lecat da Informação.

O último recenseamento da tiragem global, que data de 1972 faz ressaltar o número de 11,4 milhões de exemplares por dia, ou seja cerca de 221 exemplares para 1000 habitantes. «Se a Imprensa escrita não recuou em números absolutos, escreve Drancourt, surge no entanto em estagnação relativa se considerarmos o aumento da população (44 milhões em 1957 contra 51 milhões em 1971).»

Notando que a sorte da Imprensa se encontra ligada não somente à evolução do mercado dos câmbios, mas também ao da publicidade, Drancourt acentua a forte concorrência dos meios de informação audio-visuais. Seria desejável garantir, acrescenta, uma repartição «conveniente» entre as receitas publicitárias da Imprensa e as dos meios audio-visuais.

Além disso, um auxílio público deveria, na sua opinião responder a duas exigências:

1) Assegurar a diversidade de expressão, mantendo a pluralidade dos órgãos de Imprensa;

2) Modernizar os materiais e as técnicas a todos os níveis.

O relator advogou em seguida o arranjo do regime da patente aplicada à Imprensa, do da TVA igualmente e de um auxílio excepcional para os jornais de opinião que beneficiam de magros recursos publicitários.

A título de comparação citou vários exemplos de auxílio no estrangeiro.

«Na Bélgica, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália bem como nos Países Baixos, a Imprensa beneficia como em França de um auxílio do Estado. E difícil fazer comparações de país para país. Cada regime de auxílio é com efeito o resultado de uma evolução histórica e de uma política particular.

Em cada um dos países citados (à excepção da Grã-Bretanha) tarifas postais reduzidas são concedidas à Imprensa escrita. Na Grã-Bretanha nenhuma redução está oficialmente prevista, mas os jornais são encaminhados como despachos urgentes sem pagarem mais do que as tarifas de velocidade normal.

Por toda a parte, ou quase por toda a parte, existem arranjos da TVA a favor da Imprensa. Em compensação, nenhum país possui um sistema comparável ao do artigo 39 do código dos impostos ou do sistema em vigor em França no que diz respeito às taxas sobre os salários.

Auxílios desconhecidos ou pouco praticados em França encontram-se pelo contrário previstos:

— Nos Países Baixos, em que existe um sistema de taxação sobre as receitas de publicidade da televisão (em França doravante alguns diários beneficiam do mesmo sistema);

— Na Itália, onde foi adoptada, em Dezembro de 1972, uma lei destinada a auxiliar as empresas de Imprensa prevendo nomeadamente, além de subvenções orçamentais e reduções sobre o custo do papel, empréstimos a taxas de juro reduzidas e anúncios publicitários subscritos por empresas de Estado...;

— Na Alemanha, onde para lutar contra a concentração, foi prevista a possibilidade de empréstimos a taxas preferênciais para as pequenas empresas jornalísticas.»

As conclusões práticas a que chega Drancourt são as mesmas que reúnem a unanimidade entre os directores de jornais. Depois, o relator escreve:

«A economia actual está assinalada por dois riscos de crise.

Um refere-se ao ano em curso. Uma modificação fundamental do ritmo de crescimento é previsível. Os jornais serão tocados por ela nomeadamente nos seus recursos publicitários (...);

O outro perigo é a médio e longo prazo. As mudanças na orientação e os preços de produção, a utilização das matérias-primas, os hábitos de consumo terão repercussões sobre o conteúdo dos jornais, para satisfação das necessidades dos leitores, mas também sobre a própria forma da Imprensa...»

Finalmente, os aspectos sociais não devem ser descurados no que diz respeito à evolução técnica das empresas jornalísticas.

Mentiras

O contra-almirante da marinha americana, Robert Welander, foi submetido ao detector de mentiras, em 1971, durante o inquérito às fugas de documentos secretos do «Conselho Nacional de Segurança» da Casa Branca em proveito de membros do Pentágono. A revelação foi feita ontem pelo presidente da comissão das forças armadas do Senado, John Stennis, que ouviu o contra-almirante, à porta fechada, em 20 e 21 de Fevereiro findo. Welander declarou a Stennis que nunca teve conhecimento dos resultados do detector de mentiras.

Mais tarde, John Ehrlichman, na altura próximo colaborador do presidente Nixon, pediu ao contra-almirante que espionagem política na Casa Branca». Robert Welander negou, especialmente ter ordenado que espionassem Kissinger nas suas viagens ao estrangeiro e sobretudo à China.

Preços

Os preços dos combustíveis e da energia em França aumentaram 13,2 por cento só no mês de Janeiro, contra 10,5 por cento em relação a todo o ano de 1973, revelou o Instituto Nacional de Estatística e estudos económicos.

Este aumento deverá prosseguir designadamente no sector da electricidade cujas tarifas vão aumentar em média 14,5 por cento a partir do corrente mês. Prevê-se igualmente um agravamento do preço do carvão e do gás.

Os peritos pensam que se encontra comprometido o objectivo de uma maior estabilização dos preços no primeiro semestre de 1974, a qual permitiria, em caso de necessidade, dar novo impulso à actividade no segundo semestre.

Petróleo

O rei Hassan II de Marrocos anunciou em Fez que estudos geológicos recentemente realizados deixam prever importante riqueza petrolífera no País.

«As nossas reservas nestas rochas e nestas pedras são tais que irão suprir as nossas necessidades de petróleo durante séculos.

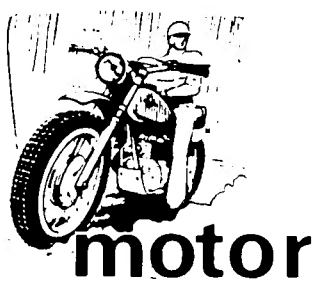
«Mesmo que essas necessidades aumentem e a procura se desenvolva, as reservas — acrescentou o soberano — irão com efeito assegurar-nos um excedente, que nos permitirá exportar e aumentar os nossos proventos e lucros...»

O rei marroquino não esclareceu, no entanto, qual o local onde se verificou a descoberta, nem deu pormenores sobre cifras calculadas.

Inimigos

O «Diário do Povo», num artigo de fundo dedicado à campanha «anti-Lin Piao, anti-Confúcio», assinala, pela primeira vez, a presença, no interior do país de um «pequeno punhado de inimigos de classe» acusado de «sabotar a revolução» e de «conspirar contra produção». O «Diário do Povo» lança um apelo à «vigilância revolucionária» para atingir «esses inimigos».

Os quadros dirigentes devem estar na «frente de combate» e, nos campos. É necessário que «se misturem com os camponeses pobres e medianamente pobres» para participar nos trabalhos agrícolas e tomar parte no movimento de crítica.



motor

JOSUÉ DA SILVA

O RISCO DA PALAVRA

. A palavra é uma coisa danada. Difícil de dominar — mesmo pelos melhores estrategos do verbo —, sai-nos impetuosa quando a pretendemos cediça, hedionda quando a desejamos sublime, castrada quando a queremos altissonante, sinuosa quando a procuramos límpida. Glória ou castigo — conforme sejamos ou não capazes de lhe medirmos os perigos que oculta, as ciladas que germina. Às vezes trai, dissimulando. Outras vezes, prega-nos a partida de caras e se nos chegamos a aperceber do facto já não há remédio que nos valha.

Mas, apesar disso — e de todos termos disso a percepção — continuamos a usá-la como quem usa um objecto anódino, como quem manipula moeda corrente ou a concha de água que atiramos com inocência à cara do parceiro. Sem nos preocuparmos com o mal que ela, palavra à rédea solta, possa provocar a cada um de nós e assim a todos por igual. Simples lugar-comum ou página rebuscada, serve os mais estranhos desígnios, as mais disparatadas convicções — ainda as que estão contra a História —, os mais claros oportunismos. E se tiver a seu lado a autoridade, logo se torna argumento incontestado, ordem pública irrecusável, razão plena. Por fim, até há-de acabar por parecer que tem na sua arquitectura as sólidas certezas de presente e futuro que a tornam simpática a gregos e troianos.

No entanto, seria bom que não nos iludíssemos. A palavra é em si mesma um acto e não há actos humanos que, ao merecerem a atenção da História, não tenham tarde ou cedo de serem avaliados segundo o que mereceram. Segundo o que negaram ou afirmaram diante dessa mesma História. Segundo o que deram ou roubaram ao Homem.

O tribuno, seja qual for a sua directriz, não deve abdicar da sua responsabilidade de tribuno. Não lhe é nada favorável o facto de, através da palavra fácil, tentar iludir os problemas do seu tempo. Sempre que abandona a humildade das próprias limitações — as limitações pessoais e as do espaço e tempo que habita —, cai na deplorabilidade duma demagogia deprimente. Com todas as consequências que já conhecemos na demagogia. E se essas consequências não podem ser vislumbradas — pelo menos por alguns — a curto prazo, um dia, decerto tardiamente, vir-se-á a verificar como o cântico embalador da palavra gratuita não chega para ocultar a mais subjectiva das realidades.

Por MARCEL NIEDERGANG «Le Monde»/«DL»

O FRANQUISMO E OS ULTRAS-2

A VINGANÇA DE OUTUBRO

MADRID — Nas fileiras da oposição da esquerda (da esquerda excluída da vida política depois da guerra civil), a rotura é cada vez mais nítida entre, por um lado, os grupos anarquistas ou os bascos revolucionários partidários da luta armada e do terrorismo, e, por outro lado, as formações políticas clandestinas, incluindo o Partido Comunista, que se pronuncia sem equívoco pelos meios pacíficos e pelo seu regresso à legalidade.

A controvérsia travada desde o atentado de 20 de Dezembro entre comunistas e esquerdistas, em Espanha e em França, é um sinal claro disso. Os comunistas espanhóis condenaram o atentado. Viram nele, em primeiro lugar, e não sem uma razão aparente, um mau golpe desferido na causa das comissões operárias, aonde a sua influência não é negligenciável, no próprio dia em que se abria em Madrid o processo de Marcelino Camacho e dos seus companheiros.

A coincidência é, por certo, perturbadora. Pode-se, no entanto, considerar que os autores do atentado pensavam, em primeiro lugar, agir durante a visita a Madrid de Henry Kissinger. A deslocação a Espanha do secretário de Estado americano foi, no último momento, adiantada 48 horas. Aliás, é espantoso que as indiscreções da polícia não tenham sido maiores nessa Rua Claudio-Coelho que tão perto se encontra da embaixada dos Estados Unidos e que ladeia, na sua maior parte, o convento dos jesuítas, ao qual o presidente do Governo espanhol se dirigia todas as manhãs à mesma hora. Carlos Arias Navarro, então ministro do Interior, teria, diz-se hoje em Madrid, posto pessoalmente em guarda o almirante Carrero Blanco contra os perigos que podia comportar um itinerário imutável e regular. O almirante teria negligenciado estes avisos, embora tivesse recebido, há já alguns meses, ameaças mais precisas e mais numerosas.

O P.C.E. E A VIOLÊNCIA

Os comunistas espanhóis, e **Santiago Carrilho, secretário-geral do P.C.E., precisou-o numa declaração pública, consideram também que o atentado da Rua Cláudio-Coelho é um trabalho de profissionais**. Por consequência, deixam perceber que os autores do atentado não são necessariamente aqueles que foram apontados a dedo em Madrid no sábado 22 de Dezembro, e que todos os aspectos desta operação particularmente espectacular e plena de consequências políticas, ainda não são conhecidas. Sê-lo-ão alguma vez?

Em todo o caso, está-se hoje quase convencido de que os seis jovens bascos oficialmente considerados pelas autoridades **espanholas como o responsáveis directos por este crime político, não são os verdadeiros culpados.** As mesmas autoridades deixaram perceber oficiosamente que o número de militantes bascos implicados era, de facto, muito mais elevado, pelo menos uma dúzia. No entanto, as listas dos «procurados» publicada pela Imprensa e pela televisão não foi modificada.

Referindo-se à reunião organizada pelos militantes da ETA nos arredores de Bordéus, a Imprensa espanhola denunciou uma vez mais as **negligências e as fraquezas inadmissíveis da polícia francesa. Porém, muitos** espanhóis notaram que os pormenores da operação da Rua Claudio-Coelho, dados quando desta conferência de **Imprensa, já tinham sido revelados** na própria Espanha, senão na totalidade na Imprensa, pelo menos nos meios informados. Puseram também em destaque uma ligeira contradição: em Bordéus, os porta-vozes da ETA declararam que não havia linha a tinta vermelha sobre a parede do convento dos jesuítas. Os meios madrilenos que ali se deslocaram — à Rua Claudio-Coelho — depois do atentado, viram essa famosa linha à altura do número 104.

Trata-se, sem dúvida de um esquecimento ou de uma **confusão, porém a controvérsia** não está prestes a terminar. Porque é muito importante no plano político. Em Madrid, os partidários de uma abertura e de uma autêntica liberalização não podem fazer cara de quem acredita que os partidos da esquerda clássica (comunistas e socialistas) **querem derrubar o regime actual pela violência.** É

Continua na pág. 14

DL/GERAL

Comissão da ONU recomenda a condenação de Portugal por desobediência

NAÇÕES UNIDAS, 4 — (R.) — A Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas recomendou hoje que o Conselho Económico e Social condene vigorosamente a Africa do Sul, Portugal e a Rodésia pela sua persistente e flagrante desobediência às moções da ONU sobre auto-determinação e direitos humanos na Africa Austral.

A recomendação está contida numa resolução estabelecida no âmbito do Conselho Económico e Social e aprovada na Comissão por 19 votos contra um e três abstenções. O único voto adverso foi lançado pelos Estados Unidos, tendo-se abstido a Inglaterra, a França e a Itália. Nove dos 32 membros da Comissão não assistiram à sessão.

A moção, que deve ser também aprovada pelos 54 membros do Conselho Económico e Social, convida igualmente a Assembleia Geral das Nações Unidas a informar o Conselho de Segurança da deterioração da situação na Africa austral.

Outra cláusula da resolução pede a todos os Estados que assinem a convenção internacional aprovada pela Assembleia Geral em Novembro, que converte o «apartheid» em crime punível internacional.

A resolução tem o patrocínio da Bulgária, Bielorússia, Ghana, Índia, Nigéria, Senegal, Serra, Leoa, Tanzânia e Tunísia.

TRÊS ESTABELECIMENTOS ASSALTADOS NO PORTO

PORTO, 5 — Desconhecidos assaltaram esta madrugada um café e duas firmas desta cidade: o café «Nova Lua» na Rua de Santos Pousada, no qual penetraram através dum vidro que partiram e de onde furtaram algumas centenas de escudos; a fábrica de candeeiros eléctricos — Produtos Faísca, sita na Rua Delfim Ferreira, 371, onde entraram pelo postigo das trazeiras e furtaram 2 mil escudos em dinheiro e diversos artigos eléctricos, estragaram portas e partiram vários vidros; a Seldex, Sociedade de Equipamentos de Escritório S.A.R.L., na Rua Guedes de Azevedo, 204, em que penetraram por arrombamento de uma porta e furtaram algumas centenas de escudos.

A Polícia Judiciária esteve nos locais a fim de colher indícios que levam à captura dos assaltantes.

BAIXAS DO IRAQUE EM RECONTROS COM A PÉRSIA

BAGDAD, 5 — (R.) — Foram mortos um oficial e três soldados iraquianos e mais 11 ficaram feridos ao ocorrerem novamente hoje recontros na fronteira com a Pérsia, segundo informou a agência noticiosa iraquiana.

Citou o Estado-Maior do Exército iraquiano como anunciando que os persas abriram fogo sobre os iraquianos às oito horas locais (seis de Lisboa) e que os disparos prosseguiam ainda.

Foi ordenado às forças iraquianas para responderem ao ataque — dizia a comunicação.

O Estado-Maior revelou ainda que os iranianos dispararam ontem, durante várias horas, artilharia pesada, morteiros e metralhadoras de calibre médio contra postos fronteiriços do Exército iraquiano.

Dezenas de pessoas morreram ou ficaram feridas em ambos os lados durante recontros semelhantes registados no mês passado.

O comunicado do Estado-Maior dizia que os disparos de ontem se deram na província de Diala, no centro do Iraque.

Nova estação postal em Recarei

A nova estação de Correios de Recarei é inaugurada na próxima quinta-feira.

Trata-se de mais uma realização do Plano de Instalação e Reinstalação de Estações que, desta feita, proporcionará àquela localidade uma moderna e funcional unidade de correspondência.

A nova Estação, que compreende três carteiros, estará aberta das 9 às 13 e das 14 às 18.

PORTO

INSTITUTO CULTURAL

No prosseguimento das suas actividades, o Instituto Cultural desta cidade promove hoje, às 21 e 30, na sua sede, um colóquio em que será relembrada a figura do dr. António Emílio de Magalhães, que foi presidente e fundador da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

ESTACIONAMENTO PROIBIDO

Pelo prazo de 180 dias, foi proibido o estacionamento de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas, na Rua do Bonjardim, entre os n.os 1.326 e 1.342, por motivo de obras de construção civil.

PALESTRA SOBRE NAZONI

Hoje, 3.ª feira, às 16 e 30, o bispo auxiliar do Porto, D. Domingos de Pinho Brandão, **profere no Liceu António Nobre, uma conferência sobre Nicolau Nasoni, destinada aos alunos daquele estabelecimento de ensino.**

JORNADAS DE ESTUDO

De 10 a 12 de Maio vão realizar-se nesta cidade as Jornadas de Estudo do Laicado Diocesano que visam consciencializar os leigos, quanto ao seu lugar e missão na Igreja e no Mundo. As jornadas terão como tema geral «Para a promoção de uma consciência laical diocesana».

ORQUESTRA BRITÂNICA

No Teatro S. João, e a convite do Orfeão Portuense, a Orquestra de Câmara English Sinfonia dá um concerto na sexta-feira às 21 e 30. Serão interpretadas obras de Mozart. Haidn, Haendel e Benjamin Britten. A orquestra será dirigida pelo maestro Neville Dikes e actuará como solista o flautista John Solun, no concerto em sol maior para flauta e orquestra de Mozart.

O concerto é dedicado á memória de Elaine Shaffer, flautista americano.

CASA DA BEIRA ALTA

Iniciam-se no dia 23, às 17 horas, com a habitual visita à sua sede pelos representantes dos órgãos da Informação, os festejos dos 18.º aniversário da Casa da Beira Alta. O programa inclui ainda vários actos festivos.

O ABORTO EM DISCUSSÃO

Que posição tomar face ao aborto? Perguntou esta manhã o dr. Armando Sales Luís na sessão inaugural das jornadas sobre «Sociedade Moderna e População» que teve a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa. O orador historiara antes a atitude de diferentes países face ao aborto: legalizando-o uns, mantendo-o ilegal outros. Declarou então que sem trair fundamentos é necessário encontrar soluções pois não interessa **manter uma rigidez siutemática que é cómoda mas não é verdadeira.**

Encontravam-se na mesa especialistas estrangeiros que vêm participar nas Jornadas. Esta tarde estão previstas duas conferências: uma proferida pelo prof. Jêrome Lejeune intitulada **O começo do ser humano,** outra pelo P. Heckel sobre **A posição da Igreja em relação ao respeito por uma vida já começada.**

As jornadas decorrem no Teatro Monumental e duram até à próxima quinta-feira.

CONSTITUIÇÃO DO NOVO GOVERNO BRITÂNICO

LONDRES, 5 (UPI-ANI) — O primeiro-ministro Harold Wilson acaba de anunciar a constituição do seu Governo:

Negócios Estrangeiros: James Callagham.

Emprego e Produtividade: Michael Foot.

Chanceler do Tesouro: Denis Healey.

Ministro do Interior: Roy Jenkins.

Da Energia: Eric Varley.

Da Saúde Pública: Barbara Castle.

Da Indústria: Anthony Wegwood Benn.

Do Ambiente: Anthony Crosland.

Secretário de Estado para a Escócia: William Ross.

Chanceler do Ducado de Lancaster: Harold Lever.

Lorde Presidente do Conselho: Edward Short.

Lorde Chanceler: «Sir» Elmyn Jones.

Ministro do Consumo: Shirley Williams.

Outros postos serão anunciados mais tarde.

"Oxalá que este Ano Santo nos leve à reconciliação com aqueles que nos guerreiam"

- Afirmou o arcebispo de Luanda

LUANDA, 5 (ANI) — «Nunca se falou tanto em paz, em progresso, em auxílio aos povos em desenvolvimento, mas parece que estes ideais nunca se encontraram tão afastados da humanidade sofredora» — afirmou o senhor D. Manuel Nunes Gabriel, arcebispo de Luanda, ao anunciar, aos fieis da sua diocese, o início, esta manhã, das comemorações do Ano Santo.

«Esperamos que o presente Ano Santo — prosseguiu D. Manuel Nunes Gabriel — nos ajude a construir a paz, e nos leve à reconciliação com aqueles que nos guerreiam. Mas também aqui, como em tantas outras situações semelhantes, para que os homens se amem, é necessário que se conheçam e para se conhecerem é indispensável que um vá ao encontro do outro. Deus nos permita que o Ano Santo nos proporcione essa ocasião de nos encontrarmos».

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/52120, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Moita do Ribateio, de uma linha aérea a 30 kV, RA 30-4-2-1 Prisma, com 90 metros do poste n.º 5 da linha para o posto de transformação da Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânea, na Moita ao posto de transformação da Prisma Armaduras para Betão, S. A. R. L.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Fevereiro de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 3-0043/74

Fornecimento de: Válvulas e Pacemakers

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 2 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 2 de Março de 1974.

O Chefe do Serviço

a) **Alexandre Pinheiro**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 33/74

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que em reunião desta Câmara de 21 do corrente, foi deliberado alterar as disposições da Tabela das Taxas em vigor como a seguir se indica:

Que a taxa do artigo 44.º, Cap.º VII, parte A, n.º 3-d) é fixada em 65$00, para cada utilização, mantendo-se as taxas de séries de 5 e de séries de 10 utilizações.

Que o artigo 78.º, Cap.º V, parte A, n.º 4-b) passa a ter a seguinte redacção, mantendo-se a taxa em vigor:

b) Chouriço mouro, farinheiras, morcelas e outras não especificadas $50

Que o n.º 4, V parte do artigo 110.º passa a ter a seguinte redacção:

4) Mostruário, por m2 e por mês ..... 200$00 mínimo mensal: 250$00.

Paços do Concelho de Lisboa, 23 de Fevereiro de 1974.

O Presidente,

António Jorge da Silva Sebastião

GASOLINA

No seu próprio interesse instale no seu automóvel o Thunder-Jet «caixa verde» que, além de outras vantagens, lhe dará uma acentuada economia de gasolina.

Consulte
SEFIREX
Rua Voz do Operário, 84, 1.º
Telefone 86 76 38 LISBOA

Standard Eléctrica, S. A. R. L.

S. GABRIEL CASCAIS

ALTERAÇÃO DE TELEFONES

A partir de 7 de Março de 1974:

Geral —

2865161 2865871

2866161

TV DL/ESPECTÁCULOS

MASSACRE NO CADAVAL

Cinquenta homens, convenientemente armados, estão dispostos para a grande batalha. Adivinham-se como são na privada: gente simples, cordata, gente de codo com codo na venda, a beberricar e a tremocar. Ou, em tempos mais assinados ou de mais posses, a esfrangalhar leitões assados e de copo sempre cheio ora numa adega, ora noutra. Bélicos, o que se chama bélicos, não o serão desde os trisavós, mais ou menos, que deixaram lendas atrás deles durante a guerrilha contra os franceses. A pouco e pouco foram ficando o que são hoje: Zes pacatos a chalacear a propósito do bacalhau e da gasolina, como se tivessem acabado de assistir a uma revista de ora no cravo, ora na ferradura, do Parque Mayer.

Antes disso, aconteceram outras refregas. O Rui Romano, por exemplo, a entrevistar o pintor João Paulo, metropolitano radicado em Moçambique, com intervalo de uma estadia na América do Sul. O que mais apreciei foi o esforço de Romano por entrar no patuá dos críticos de arte: não sei que os volumes ... De mais seguro que, na sua opinião, João Paulo nos revela o mundo vegetal ...

Foi um estranho diálogo, aquele. Diálogo onde nada se disse. Talvez logicamente porque nada houvesse para dizer. Nesse caso, para que insistir? E se existe já uma rubrica de artes plásticas na televisão portuguesa, para quê o contrabando? Ontem, o João Paulo no *Portugal além da Europa*; no domingo, a Camila Loureiro no *TV Sete*. Qualquer dia começa *Perspectiva* a falar do sangue na estrada ou dos espectáculos do TV Palco. Ou dos motores em marcha, sei lá.

Anote-se o vício do pintor no *pois pois*. Mais do que vício: uma doença. Não, não: uma maneira de ser. Ou, pensando melhor, uma maneira de estar. O mal alastra, já vai atacando os mais pequenos. Na rubrica *O homem de amanhã* aquela moça deve ter batido o máximo de *pois ... pois* em cada segundo ao quadrado. Será um distintivo de snobismo, diz-se; acredito seja antes uma forma de gaguejar: é um tique do pensamento claudicante, é a sua muleta de ganhar tempo. Um pensamento que se exprima livremente, sem subterrâneos, não terá necessidade de recorrer a tais muletas.

Entretanto, o grande exército de cinquenta homens prepara-se para as lutas que se aproximam. A manhã vai alta. Há sol, mas o frio obriga aos tagatés da samarra ou do lenço ao pescoço. Já cada qual terá despejado pelos gorgomilos o seu copo da rija. Ninguém sabe como se vai passar a coisada. Pode dar para o torto. Fazem-se projectos, discutem-se planos, as hostes estão bem divididas.

Assisto aos preparativos, de olhos arregalados. Há pouco, no entanto, as minhas preocupações eram outras. Estávamos no tempo do *Museu Aberto*, programa de Alexandre O'Neill e de Jorge Listopad.

Minto se disser que a perspectiva inicial do tal museu não me anunciou alguma coisa de bom. Certo, conheço Alexandre O'Neill suficientemente para saber do que ele é capaz, sendo porém verdade que cada vez vou sabendo menos aquilo de que ele é incapaz. Da habilidade poética sua, da que lhe resta, tive esperança de vir a acontecer um programa com algum interesse humano. Ilusão. Tudo se lhe esfarela nas mãos queimadas pela principiância televisual.

O caso do estaleiro da Arrentela, a morrer aos poucos na sua dimensão familiar, perdeu-se na generalidade e na inconsistência. Houve entrevista, quando era necessário conviver; da conversa resultou frieza, não comunicação. Dou um prémio a quem se lembrar hoje do sr. Albertino: falhou-se quando não se encontrou nessa figura o traço significativo, a marca de gente viva.

O mesmo aconteceu, mais flagrantemente ainda, na notícia da forma como vivem em camaratas os empregados da limpeza da cidade.

Infelizmente, o serão viria carregar nas tintas da chatice organizada em grande estadão. *Columbo* deu-nos uma das piores emissões da sua história, perfeitamente a par da anterior. A série baixou nitidamente de interesse (de interesse género do mal o menos). Acumulam-se os tempos mortos, a realização monótona, para cúmulo tornam-se ridículos os golpes finais que constituiam um golpe de surpresa, um pequenino sinal de inteligência.

Ah, mas os homens estão preparados para o combate. Não muito longe daqui. O lugar do grande feito centra-se no Cadaval, mais precisamente na quinta de Santo António. Fernando Pessa, aproveitando-se da sua longa experiência como repórter de guerra, interroga os combatentes.

— *Vocês trouxeram a pontaria ou deixaram-na em casa?*

Trouxeram-na, pois, ora essa! Espere um bocadinho e já vai ver como elas cantam.

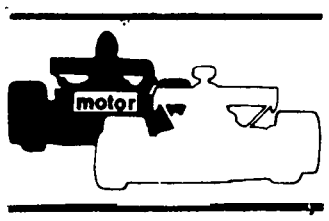
Tem razão. A pontaria estava aginada. Durante horas, aqueles homens geralmente pacíficos, pacatos cidadãos e bons chefes de família, atiraram-se pela floresta gritaram, possessos atiraram à doida.

Os inimigos estão ali. Ali, amontoados à nossa frente: dez raposas, nada menos. Cinquenta homens abateram dez perigosos bichos. Seres tenebrosos que se davam ao luxo de comer umas galinhas e uns coelhos...

Os combatentes confraternizam, e com eles Pessa, à volta de boa pinga e das fêveras assadas nas brasas.

ABAIXO AS RAPOSAS! E PRECISO DESTRUIR TODAS AS RAPOSAS!

Só então o *Telejornal* ficará descansado.



Mais de 268 contos para cada totalista

Apostas com «treze», 22 (15 da Metrópole, 3 de Angola e 4 de Moçambique).

Valor provisório de cada «treze», **268 611$30.**

Apostas com «doze», 961 (757 do Continente, 8 da Madeira, 6 dos Açores, 1 de Cabo Verde, 4 da Guiné, 100 de Angola, 83 de Moçambique e 2 de Timor).

Valor provisório de cada «doze», **6 149$20.**

Lisboa, 4 de Março de 1974

COOPERATIVA EM CAMPO DE OURIQUE

Encontra-se em organização, no populoso bairro de Campo de Ourique, uma cooperativa-restaurante.

A ALICOOPE — Soc. Cooperativa de Consumo Alimentar — tem por finalidade fornecer aos seus associados refeições higiénicas e económicas, propondo-se, assim, defender os interesses dos seus consumidores.

Serão prestados esclarecimentos, todos os dias úteis das 21 e 30 às 22 e 30, na sede provisória da ALICOOPE, Rua Luís Derouet, n.º 20 — A — 1.º, em Lisboa.

ALVERCA DO RIBATEJO

Doutor

JOSÉ EDUARDO VIEIRA

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Sua viúva Alzira Cesaltina Marçal Vidigal Nunes Vieira, Egas de Vidigal Vieira, sua mulher, filhos e mais família, participam que amanhã, dia 6, pelas 11 horas, na Capela do Senhor Jesus dos Navegantes (à Rua dos Navegantes), será rezada missa pelo eterno descanso do seu saudoso marido, pai, sogro, avô e parente, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignarem associar-se a tão piedoso acto. Aproveitam a oportunidade para expressarem o seu reconhecimento a quantos que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar em tão doloroso transe, e que por desconhecimento de endereços não lhes foi possível fazê-lo directamente.

AGÊNCIA
DAS PEDRAS NEGRAS
Telefs. 869184 - 873429

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: Os autores pedem a condenação solidária dos réus a pagar-lhes a quantia de 55 261$80, saldo ainda em dívida de honorários e despesas pagas pelos autores.

Acção Sumária n.º 4780-D 1.ª secção.

Autores Drs. Frederico da Costa Conde e Abel Pedro Correia Cardoso, advogados, residentes em Castelo Branco.

Réu ANTÓNIO JOSÉ PUPPE DOS SANTOS, separado judicialmente de pessoas e bens, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Augusto Gil, Vivenda «O Meu Refúgio», Bairro da Pampilheira, em Cascais; e outro.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1974.

O Juiz de Direito,
Augusto José Mendes Calixto Pires

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

esteiros

cooperativa de material educativo, s. c. r. l.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Convocam-se nos termos da lei e dos estatutos, os sócios a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sede, Rua Braamcamp, 66-1.º, D, em Lisboa, pelas 16 horas do dia 30 de Março para:

— Discussão e aprovação do relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercício de 1973.

— Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse para a cooperativa.

Lisboa, 4 de Março de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — **Américo Rodrigues Madeira Bárbara.**

1500 palavras

é tudo o que precisa... se forem as adequadas. É interessante saber os nomes das flores e dos animais, mas no actual mundo dos negócios discutem-se assuntos relacionados com produtos, planeamento e vendas. Por isso, o importante é analisar a estrutura de qualquer curso de línguas que tencione frequentar.
Sabe que existem cursos especialmente destinados a homens de negócios?

Cambridge School

dá a última palavra.

EM LISBOA AV GUERRA JUNQUEIRO, 8-1.º DIR. TELS. 724544 - 719601
AV. DA LIBERDADE, 173-1.º TELS. 54780 - 54789
BENFICA ESTR. DE BENFICA, 729-5.º DIR. TEL. 704329
ALMADA R. SOC. FILARMÓNICA INCRIVEL ALMADENSE, 14-2.º ESQ. TEL. 2760234
PORTO R. DUQUE DA TERCEIRA, 381-1.º / TEL. 50497

Oberammergauerpassionsfestpielalpenkräuterklosterfrühstückskaseschnittchen

Envie este cupão devidamente preenchido
Nome
Empresa
Morada

Indústrias Químicas Synres Portuguesa S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL: Esc.: 11.000.000$00

SEDE SOCIAL: Rua de Marvila, N.º 151 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral ordinária a reunir-se no próximo dia 27 de Março de 1974, pelas 17 horas, na sede social, com a seguinte ordem do dia:

a) Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e bem assim o parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 12 1973;

b) Proceder à eleição para os cargos da mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração e Conselho Fiscal para o triénio de 1974-1976.

Lisboa, 28 de Fevereiro, de 1974

O PRIMEIRO SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBEIA GERAL
António Gomes Monteiro Varela

Soc. Com. Multiradix, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Convocam-se os Senhores Accionistas para o próximo dia 29 de Março pelas 18.00 h, a fim de: —

— **Discutir, aprovar ou modificar o relatório de contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal relativo à gerência do ano de 1973.**

— **Eleger o presidente da Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal para o triénio de 1974 a 1976.**

Lisboa, 1 de Março de 1974.

O Presidente
da Assembleia Geral
Dr. António Martins Mendes

TELTUR

INVESTIMENTOS TURÍSTICOS E HOTELEIROS, S. A. R. L.

CAPITAL: 1.000.000$00

SEDE: Rua Ferreira Lapa, 42-3.º, Esq.º —LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do § único do art.º 179 do Código Comercial, convoco os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede social, pelas 17 horas do dia 29 de Março próximo, a fim de:

1.º — Discutirem e deliberarem sobre o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal do exercício de 1973;
2.º — Elegerem para um novo período de dois anos os membros da Mesa da Assembleia Geral;
3.º — Deliberarem sobre a eventual ratificação das deliberações tomadas na Assembleia Geral de 31 de Março de 1973;
4.º — Tratarem de qualquer outro assunto de interesse social.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1974

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — Capitão-de-Fragata, Eng.º Maquinista Naval António Manuel Pina Entrado.

ALMIRUR

URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, S. A. R. L.

CAPITAL: 5.000.000$00

SEDE: Rua Ferreira Lapa, 42-3.º, Esq.º — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do § único do art.º 179 do Código Comercial, conveco os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede social, pelas 15 horas do dia 29 de Março próximo, a fim de:

1.º — Discutirem e deliberarem sobre o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal do exercício de 1973;
2.º — Procederem à eleição de um membro da Mesa da Assembleia Geral e de dois membros do Conselho de Administração, sendo um para o preenchimento de uma vaga existente;
3.º — Deliberarem sobre a eventual ratificação da deliberação tomada na Assembleia Geral de 29 de Novembro de 1973;
4.º — Tratarem de qualquer outro assunto de interesse social.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1974

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
Eng.º Bento José Viegas Loureiro

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE TEATRO — CARLOS PORTO

GUARDADO ESTÁ O MILHO...

«CELEIRO DO IMPÉRIO», texto colectivo inspirado numa história chinesa. Orientação; Jorge Listopad. Dramaturgista: João Assis Gomes. Luminotécnica: Alberto Letras. Cenografia: Rosário Félix. Intérpretes: Margarida Pinho, João Medina, Fernando António, Humberto Silva, Ricardo Miguel, Silva Heitor Medina, Sanuela, Maria Isabel Medina, Sanuel, Nuno Carinhas, Mário Parra, Eamanuel Pereira, Júlio Moreira, António Jesus. Colaboradores: Raul Lopes, Jorge Ramos Lopes, Jorge Simões. Grupo de Teatro 1º Acto. Algés. 1-3-74.

O teatro volta ao 1.º Acto, em Algés — e é essa a primeira boa notícia que vos trago.

No 1.º Acto, de Algés, o teatro interroga-se sobre as suas funções, a sua maneira de ser produzido, de ser criado, sobre o publico a que se destina — esta, a segunda das boas notícias que vos trago.

A terceira é, antes, uma indicação: a ida ao 1.º Acto é indispensável a todos a quem o teatro interessa, e mesmo àqueles a quem o teatro pode vir a interessar.

Antes de passarmos às interrogações, recapitulemos resumidamente os factos. Confesso que não me é fácil falar do «Celeiro do Império». Por onde começar? Por aquelas senhoras que, atrás de mim, falavam dos espectáculos que tinham adorado em Londres — «Hair» «Godspell», «Jesus Christ-Superstar», «O Calcutá», este não, que ideia! — embora desconhecessem o nome da peça que se ia representar em Algés. E de quem a ia representar. Ou começarei, talvez, pela maneira de quem conta um conto: «Era uma vez na China ...»? Ou referir-me-ei a um anti espectáculo com um espectáculo dentro? Falarei de uma fábula para crianças (não percebo que levou a classifica-lo para maiores de 14 anos)? Ou porei em questão os diversos níveis em que o seu discurso se situa, traíndo assim a declarada simplicidade a que o espectáculo aspira?

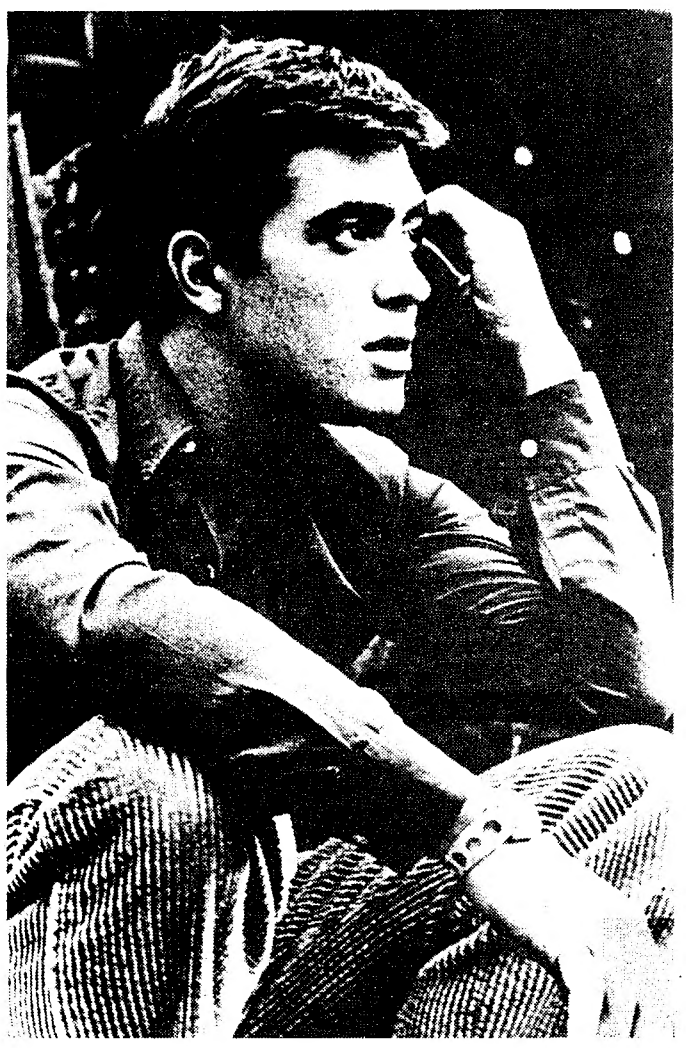
A fábula veio, pois, da China e foi reescrita pelos criadores deste espectáculo. Conta uma história que podemos considerar exemplar: estamos na China ocupada pelos japoneses. Numa pequena aldeia ocupada pelos invasores e onde está também situada uma guarnição de chineses que pactuaram com o inimigo, os camponeses procedem ao armazenamento do milho. Quem virá a utilizá-lo? Os próprios camponeses? Os japoneses? Os chineses seus aliados? Ou os outros (os invisíveis), os do 8.º exército? Combatentes do verdadeiro combate, rondam perto da aldeia e para eles os mantimentos são um caso de vida ou de morte.

A acção da peça decorre na sala da regedoria local cujas autoridades devem decidir sobre o destino a dar ao milho (efectivamente já decidiram), tendo em conta o facto dessa decisão ser condicionada pela presença do duplo ocupante da aldeia, e criada por outros factores: os que dizem respeito às necessidades do 8.º Exército e às necessidades da própria aldeia. O fulcro da fábula consiste em criar uma ficção — melhor: um jogo teatral — que possibilite a entrega do milho ao Exército amigo, ao qual compete a libertação da aldeia, de forma a que os dois antagonistas — os japoneses e os chineses colaboracionistas que se digladiam entre elas — aceitem a situação e não exerçam represálias.

Fábula exemplar, repito, porque permite clarificar, pedagogicamente, as relações de forças em jogo, traçando, ao mesmo tempo, as linhas em que esse jogo se define.

Falei, ao iniciar esta crónica, nas interrogações importantes que este espectáculo propõe como criação dramática. A primeira diz respeito simultaneamente à criação do texto e à sua recriação em palco. O grupo optou por uma solução tão fascinante quanto arriscada. O texto surge no palco como se estivesse a ser improvisado (como se se tratasse de um sociodrama). O risco é evidente: actores sem calo só com muita dificuldade poderiam fazer, sem sobressaltos, essa improvisação. Por isso, o texto pareceu por vezes repetitivo, abusando de palavras falsamente agressivas, sem força. Mas as vantagens são igualmente evidentes: assistimos a um espectáculo que sendo uma prática a vários níveis, dá ao público a possibilidade de fazer uma reflexão sobre essa prática. O espectáculo pode ser rico pelas contradições em que se resolve mas essas contradições podem ao mesmo tempo empobrecê-lo. Salvo erro, foi o que aqui aconteceu. Os aspectos de improvisação a que já me referi; o carácter de anti-espectáculo que se pretendeu dar-lhe são contrariados pelo facto de não se ter conseguido conferir-lhe a unidade que o tornaria mais objectivo. A presença de um amador que revela recursos surpreendentes de expressão mimica e vocal, de desenho da figura, de intencionalidade, despoleta em parte a aparente intenção de ultrapassar a função tradicional do teatro; alguns preciosismos da marcação (quando o «traidor» segue o comandante japonês como se fosse a sua sombra) recusam a liberdade da improvisação; o acento exagerado no burlesco impede parcialmente a construção dialéctica do texto: a falta de unidade na maneira de vestir dos actores (parecem-me muito discutíveis as razões que teriam levado a vestir as personagens da regedoria sem a utilização de sinais, ao contrário das outas personagens); a presença demasiado passiva do coro — são outros aspectos que retiram ao espectáculo, tanto quanto me pareceu, parte da eficácia.

Pressente-se que não sendo o espectáculo que poderia ter sido — e que estaria ao alcance do grupo — este «Celeiro do Império» é o espectáculo possível. Isso bastaria para justificar a ida a Algés. Mas há mais como se entendeu: trata-se de um espectáculo que levanta problemas muito concretos de uma forma muito concreta. E, como se sabe, o nosso teatro foge normalmente ao concreto, mesmo nos melhores casos.



PATXI ANDION: "SHOW" NO COLISEU

No próximo dia 23, o Coliseu dos Recreios será palco dum espectáculo que poderá virar «acontecimento». O cantor e compositor espanhol Patxi Andion apresentará o seu «show», depois de, ao bater das vinte e duas horas, Maria e Federico começarem a criar o «clima» das grandes noites.

Brasil e Espanha na rota dos "Bonecreiros"

. «Os Bonecreiros» estão de regresso a Lisboa. A sua digressão ao Norte do País, durante a qual visitaram Leiria, Marinha Grande, Vila Verde, Montemor-o-Velho, S. Pedro do Sul, Grijó (Vila Nova de Gaia), Leça do Balio, (CUFP e EFACEC), Porto, Pardilhó (Estarreja), Coimbra e Aveiro, representando «A Comédia Mosqueta», foi um verdadeiro êxito artístico e de público. De 5 a 22 de Fevereiro este espectáculo foi 17 vezes representado e a ele assistiram 8000 pessoas, algumas das quais nunca tinham visto teatro ao vivo. Praticando preços reduzidos em conformidade com um dos seus princípios, de funcionamento, «Os Bonecreiros» representaram «A Comédia Mosqueta) em colectividades de recreio, refeitórios, pequenas salas, «foyers», e, no caso da impossibilidade doutras salas, os próprios teatros das localidades quase sempre com lotações esgotadas. A recepção foi a mais entusiasta e a colaboração excelente sobremodo nas terras onde núcleos de teatro amador desenvolvem a sua actividade em prol da cultura local.

O refeitório da Efacec transformou-se em sala de teatro para os «Bonecreiros» apresentarem «A Comédia Mosqueta» de Ruzante. Na foto, Vicente Gaifo numa das fases do espectáculo

Dos contactos estabelecidos entretanto e dando resposta aos vários convites que lhe foram feitos para a representação de «A Comédia Mosqueta» noutras zonas do País, o grupo projecta uma outra «tournée», em organização desde já e muito provavelmente a realizar em Abril.

Continuando a exploração deste mesmo espectáculo, «Os Bonecreiros» estiveram no dia 1 de Março em Oeiras e comparecerão no dia 8 em Caneças.

Na segunda quinzena de Março «Os Bonecreiros» voltarão ao palco do auditório do Instituto Alemão com a «Grande Imprecção. Diante das Muralhas da Cidade» atendendo ao elevado número de pessoas que o têm vindo a solicitar àquele estabelecimento, por não terem tido oportunidade de apreciar o espectáculo, sucessivamente esgotado, como esgotada esteve a lotação da sala, durante os dias em que foram abertas gratuitamente as portas do Instituto a quem desejasse ver a peça do autor alemão Tankred Dorst.

A confirmar o prestígio do trabalho de «Os Bonecreiros» chegaram convites para participações em vários festivais de teatro de nível internacional entre os quais «World Theatre Festival» (Los Angeles) e «Festivais Inter-drama» — Akademie der Kunste (Berlim). Em projecto mais imediato, «Os Bonecreiros» deslocar-se-ão ao Brasil e Espanha.

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91-A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

AGUARDENTE VELHA
Nicpoort
a prova está na prova

Bailado na Gulbenkian

Constituído por duas coreografias em estreia absoluta — respectivamente de Lar Lubovitch e Patrick Hurde — e pela reposição de uma das melhores obras de Milko Sparemblek, o próximo programa do Grupo Gulbenkian de Bailado contém a novidade e a diversidade que o tornam do maior interesse para os mais vastos sectores de público. Este programa será apresentado no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, nos próximos dias 9, sábado, às 21 e 30, 10, domingo, às 15 e 30 e às 21 e 30, 11, segunda, e 12 terça-feira às 18 e 30.

QUEM SÃO OS DOIS GRANDES COREÓGRAFOS

Lar Lubovitch, o notável coreógrafo norte-americano que há três anos veio pela primeira vez até nós para criar **O Messias** — obra que passaria a ser uma das peças mais brilhantes do repertório do Grupo Gulbenkian —, voltou agora a Lisboa a fim de montar um novo bailado para esta companhia. O título é **Whirlgogs**, velha palavra inglesa que, em tradução aproximada, significa «turbilhão, remoinho, entrelaçamento confuso». A música é o belíssimo 3.º andamento da «Sinfonia» (1968) de Luciano Berio, trecho de extrema complexidade e simultaneamente de grande poder expressivo, em que o compositor utiliza citações de textos de Samuel Beckett e Joyce, diálogos da conversação corrente, «slogans» do Maio 68, etc, a par de referências à obra de muitos outros compositores. O próprio Berio designou este andamento da sua «Sinfonia» como «uma viagem realizada a bordo do 3.º andamento da 2.ª Sinfonia de Mahler». Isto é, a música de Mahler é tratada como uma construção gigantesca em cuja ossatura proliferam as referências e relacionações que vão desde Bach a Wagner, Ricardo Strauss, Stravinsky.

Por sua vez, o jovem coreógrafo Patrick Hurde — que nas duas últimas temporadas nos ofereceu trabalhos tão interessantes, como **Última dança para meu pai, Evocações e Carta Branca** — dar-nos-á neste programa uma nova amostra de seu rico talento imaginativo, apresentando uma obra que tem a particularidade — especialmente atractiva para o público jovem — de se basear numa selecção de música «rock-and-roll» dos anos 55 a 66. Intitulado **Wob-bop-a-loobop**, este bailado tem cenário e figurinos de Colin McIntyre.

O programa inclui ainda, em reposição, o **Mandarim Maravilhoso**, uma das mais vigorosas criações coreográficas de Milko Sparemblek, sobre música de Bela Bartok, com cenário e figurinos de Artur Casais.

DL/GERAL

OS PROJECTOS DE BRIALY

Jean Claude Brialy tenciona rodar um guião inédito de Jean Cocteau e Raymond Radiguet sobre o tema «Paulo e Vrgínia», e realizar a adaptação cinematográfica da opereta de Ofeenbach «A Vida Parisiense», com Alain Delon e Louis de Funés.

Como actor, vai interpretar um dos principais papéis na película de Luis Bunuel» «Les Fantomes de La Liberté».

ARTES PLÁSTICAS

GRAVURA CONTEMPORÂNEA NA «PRISMA 73»

É inaugurada amanhã, às 22 horas, na Galeria Prisma 73 (Praça de Alvalade, 2-C), uma exposição de gravura contemporânea, que inclui obras dos artistas Vieira da Silva, Aizpiri, Appel, Roger Bezombes, Carzou, Corneille, Sofia Delaunay, Dupré, Iturralde, Lanskoy, Lurçat, Saura, Singier, Soisson e Tobiasse.

O certame estará aberto todos os dias das 15 às 20, excepto aos domingos, e às quartas-feiras, das 15 à meia-noite.

PINTURA DE PATRICK SWIFT

Também amanhã, e à mesma hora, é aberta ao público, na Galeria S. Mamede, uma exposição de pintura do artista irlandês Patrick Swift, constituída por um conjunto de telas sobre temas portugueses. O artista, radicado no Algarve, é igualmente escritor, tendo colaborado durante anos em revistas de renome internacional.

PIRES VIEIRA NA S.N.B.A.

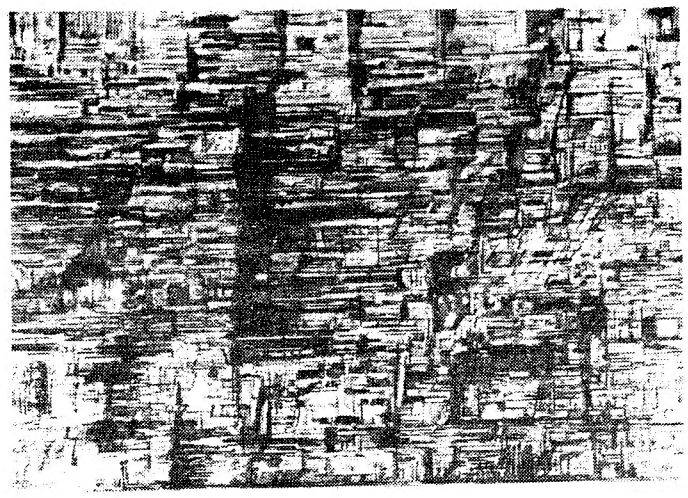
Na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes, é inaugurada amanhã, às 18 horas, uma exposição do pintor Pires Vieira.

ÓLEOS DE TERESA MAGALHÃES

Na Galeria S. Francisco, continua patente ao público a exposição da pintora Teresa Magalhães.

HEIN SEMKE NA GRAFIL

A exposição de xilogravuras de Hein Semke, há dias inaugurada na Galeria Grafil, Rua S. Filipe Néri, pode ser visitada, às terças e quintas-feiras, das 15 às 24 horas; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 horas. Aos domingos está encerrada.



Litografia de Vieira da Silva

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 500 000 000$00

Sede — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, na sede da Sociedade, Rua Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 25 do próximo mês de Março em seguida à reunião da Assembleia Geral Ordinária da mesma data), a fim de:

a) — deliberarem sobre uma proposta do Conselho de Administração para modificação dos Art.os 5.º e 22.º dos Estatutos.

b) — deliberarem sobre uma proposta do Conselho de Administração para alteração dos Estatutos.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, em qualquer dos seguintes estabelecimentos bancários, em Lisboa ou no Porto:

Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Banco Borges & Irmão
Banco Totta & Açores

Porto, 28 de Fevereiro de 1974.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Eduardo Furtado**

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 500 000 000$00

Sede — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede da Sociedade, Rua de Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 25 do próximo mês de Março, pelas 10 horas e 30 minutos, a fim de:

a) — deliberarem sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano findo;

b) — procederem à eleição dos Corpos Gerentes.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, em qualquer dos seguintes estabelecimentos bancários, em Lisboa ou no Porto:

Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Banco Borges & Irmão
Banco Totta & Açores

Porto, 28 de Fevereiro de 1974.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Eduardo Furtado**

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
No MAYER CINEMA — Terraço do Capitólio
(Tel.: 327493)

Teatro da Cornucópia

A Ilha dos Escravos e **A Herança**

de Marivaux — enc.: Jorge Silva Melo
TODAS AS NOITES ÀS 21,30 H. — DESCANSO: 5.ª feira. 7
«Matinée» ao sábado às 17 h. — Grupo C/14 anos
Esp. Subs. Fund. Gulbenkian — Desconto 50 % jovens e estudantes

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL
Temporada 73/74
CINEMA IMPÉRIO

orquestra DE CÂMARA
JEAN FRANÇOIS **PAILLARD**

Várias gravações desta categorizada orquestra de câmara enriquecem a ANTOLOGIA DA MÚSICA EUROPEIA que está actualmente a ser distribuída pela Editorial ARCÁDIA.

HOJE

Ainda se pode fazer sócio do CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL para os restantes concertos desta temporada ou inscrever-se como sócio extraordinário para o concerto da orquestra PAILLARD.

A Companhia de Seguros* IMPÉRIO *continua a apoiar o* CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL, *tomando para si os riscos do empreendimento da temporada 73/74.

Concertos a realizar:

30 de Março - Mestre Wilhelm Kempff (pianista)
Concerto extraordinário
1 de Abril - 2.º concerto de Wilhelm Kempff
30 de Abril - Geza Anda (pianista)
14 de Maio - Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Solistas - Sequeira Costa e Tania Achot (pianistas)

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

Os concertos realizar-se-ão nos dias marcados, às 21,30 h., no CINEMA IMPÉRIO.
ESTÃO ABERTAS INSCRIÇÕES PARA SÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS para os diversos concertos, na Sede do CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL - Avenida de Sidónio Pais, 8 - cave, entre as 15 h e as 19 h, ou nas bilheteiras do CINEMA IMPÉRIO, a partir das 13 h.

Grupo B/M 10 anos

spi

DL NACIONAL

DIZEM OS LEITORES

EM LOUVOR DA LINHA DA LOUSÃ

Do nosso leitor dr. Manuel José Guedes Vieira (economista), e a propósito de uma carta inserta nesta secção sobre a eliminação da linha da Lousã, recebemos a seguinte opinião:

«É com profundo espanto que leio, nas colunas do «D.L.», a carta do leitor sr. J. Luís Albuquerque, «A linha da Lousã deve ser eliminada». É realmente fantástico que ainda exista quem, pelos vistos, negue a importância do caminho-de-ferro como meio de transporte de massas, e, sobretudo como o mais eficiente meio de transporte nas áreas suburbanas.

«Não me vou alongar no assunto, pois não é a mim que me compete repor as coisas nos seus devidos lugares, mas só me permito lembrar dois factos: a) Até no «reino do automóvel» (sub entenda-se os EUA) os transportes ferroviários de passageiros estão a renascer para as médias distâncias (i.e. até 500-600 km) e asseguram grande parte dos transportes das grandes conurbações; b) O consumo de combustível e o grau de poluição do CF é muitíssimo inferior ao dos transportes rodoviários. Acresce que uma composição ferroviária leva de uma só vez muitos mais passageiros do que um autocarro de 42 lugares...

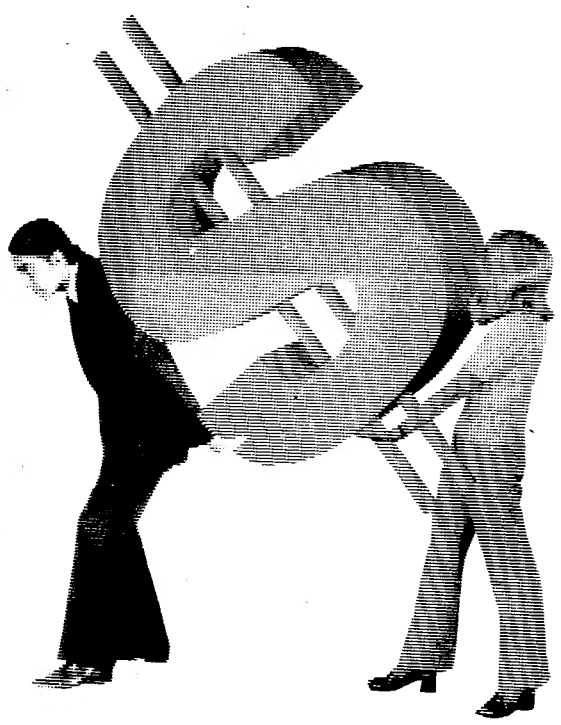
«Não venho com isto dizer que a rede ferroviária nacional está perfeita ou que é totalmente eficiente. Reconheço o tremendo anacronismo de, por exemplo, a linha da Lousã atravessar a praça de maior movimento da cidade de Coimbra (anacronismo e, pior do que isso, risco). Simplesmente, assim como ninguém pretende curar uma doença matando o doente, também a solução no caso do caminho-de-ferro não está no corte de linhas. Só espero que não tenhamos, daqui a uns anos, de lastimar — como agora fazem os britânicos — os encerramentos já efectuados ou a efectuar.

«Enfim — muito haveria a dizer sobre o tema para, ponto por ponto, «repor as coisas no seu lugar». Isto não foi mais do que desabafo. Passo a «pena» a quem de direito. Do caminho-de-ferro não sou mais do que amador. Quem a ele se dedica profissionalmente que desenvolva o tema. Talvez — e a exemplo do que se passa até na vizinha Espanha — o público tenha maior conhecimento das potencialidades da ferrovia, dos seus problemas e do muito que já se fez e de quanto falta ainda fazer para que os caminhos-de-ferro portugueses se coloquem de novo no plano dos seus «confrades» europeus».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernanda Pinto Valada, R. Joaquim S. Faria, 18-A ALVERCA

COMPREENDEMOS O SEU ESFORÇO!

GOSTARÍAMOS DE O AJUDAR!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

O Paleolítico português na Associação dos Arqueólogos

«O Paleolítico do litoral do Baixo Alentejo entre a foz do rio Mira e a foz da ribeira de Odeceixe» foi o tema da comunicação do dr. G. Zbyszewski à secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses. O dr. Zbyszewski procurou demonstrar as semelhanças da região de Vila Nova de Milfontes com o Paleolítico do litoral do Minho, através da comparação das indústrias encontradas com os materiais paleolíticos. As estações paleolíticas estudadas correspondem a um prolongamento para sul das ricas indústrias caracterizadas na foz do rio Mira pela presença de «machados mirenses» e de picos proto-asturienses, estudados em 1942 pelo padre Henri Breuil e, recentemente pelo dr. Manuel Leitão e pelo eng.º C. T. North.

O dr. Farinha dos Santos, que presidiu à sessão, secretariado pelo dr. Luís Coelho, propôs um voto de pesar pela morte do fotógrafo José Justo e referiu-se largamente aos resultados da visita do prof. Anati a Portugal.

A Polícia procura

As autoridades policiais procuram encontrar o presumível autor de um assalto a um estabelecimento comercial de Trancoso, ocorrido no dia 10 de Fevereiro, cujo paradeiro se desconhece.

Trata-se de José Vitória Amaral, também conhecido por «O Açoriano», de 49 anos, natural da Ilha de S. Miguel, que em Maio passado saíu da Cadeia de Monsanto, onde cumpriu pena por crimes de furto. A sua identificação foi dada por João Carvalho dos Santos, «O Estrela», que a polícia deteve em Lisboa e que confessou, segundo informam as autoridades ter participado no assalto juntamente com José Amaral.

Nova direcção da Casa de Trás-os-Montes

São os seguintes os membros dos corpos gerentes da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro para o ano corrente:

Assembleia Geral — Presidente, dr. José Vicente Montalvão Machado; vice-presidente, eng.º António Machado Rodrigues; 1.º, secretário, Ramiro Alves Carneiro; e 2.º secretário, Henrique Gomes Delgado.

Direcção — presidente, eng. Manuel Afonso Lopes; vice - presidente, comendador Francisco Barbosa; 1.º secretário, dr. Avelino Aurélio Barreiro; 2.º, secretário, Adrião do Nascimento Lopes; tesoureiro, Américo de Miranda Raposo; vogais, António Teixeira Chaves, José Montalvão Machado, dr. Alberto Germano Pires Lopes e João Manuel Afonso Cancela; e suplentes, Evangelista de Morais e dr. José António Pires Lopes.

Conselho Fiscal — presidente, António Manuel Esteves; vogais, drs. Luis Filipe Seixas dos Santos e António Manuel Soares Videira; e suplentes Gilberto Cepeda Teles e José Rodrigues Vieira.

Concurso fotográfico para amadores

. A Asssociação Naval 1.º de Maio, com sede na Figueira da Foz, através da Secção Cultural e Recreativa, organiza este ano um concurso fotográfico, ao qual poderão concorrer todos os amadores de fotografia.

Só se admitem trabalhos a preto e branco, com as dimensões de 18x24 centímetros.

Embora sendo livre a escolha dos temas, aquela Secção sugere como tema «O Trabalho».

As fotografias deverão ser enviadas até 22 de Abril, sendo expostas de 1 de Maio a 1 de Junho.

Colheita de sangue

CORUCHE, 3 — O Corpo de Dadores Benévolos de Sangue deste concelho, em colaboração com os Hospitais Civis de Lisboa, iniciou hoje, nesta vila, uma colheita de sangue no Hospital da Misericórdia, a qual se prolonga até ao dia 10. Esse sangue é destinado a todos os doentes do concelho, que dele necessitam. Estão inscritos cerca de 290 dadores de ambos os sexos.

RAMAL DO DÃO

A remodelação da via pedida na Câmara de Viseu

Durante a última reunião da Câmara Municipal de Viseu foi aprovada uma proposta em que se solicita à CP o melhoramento do actual ramal de caminho-de-ferro entre Viseu e Santa Comba Dão (ramal do Dão), por forma a satisfazer às necessidades actuais e futuras, transformando-o, se possível, em via larga, para possibilitar o trânsito de material da linha da Beira Alta, evitando os transbordos.

O vice-presidente da Câmara justificou a sua proposta pelas grandes dificuldades causadas a todo o concelho com o encerramento da linha do vale do Vouga, tanto no transporte de passageiros como, e especialmente, no de mercadorias. O actual ramal entre Viseu e Santa Comba Dão passou a constituir, por esse motivo, a única ligação à rede ferroviária do país, servindo os concelhos de Tondela e Santa Comba Dão e toda a região interior do distrito de Viseu. A proposta foi dirigida ao governador civil de Viseu, a fim de ser apresentada ao ministro das Obras Públicas.

«DESPORTIVO DAS BEIRAS»

O quinzenário «Desportivo das Beiras» sofreu uma remodelação profunda, passando a dedicar-se, além do desporto, a todos os assuntos que interessem à cidade de Viseu e a todo o distrito.

TAUROMAQUIA

Bandarilhas de ouro

Barcelona conferiu o troféu «Bandarilhas de ouro» ao nosso Ricardo Chibanga, por ter sido o melhor bandarilheiro da temporada finda. E não foi menor o êxito de Chibanga, com a capa e a «muleta», em prodígios de agilidade que o levam a dar passes de joelhos, em série, que não é o mesmo que ajoelhar quando o touro passa. E a Chibanga vamos vê-lo em muitas corridas naquela e noutras praças espanholas, e na nossa de Santarém, a começar no dia 21 do próximo mês de Abril, com o novilheiro António Poeira e os cavaleiros David Ribeiro Teles, Gustavo Zenkl e D. José João Zoio, e os amadores Emídio Pinto e Jorge Oliveira. Serão os touros do dr. Ortigão Costa, pegados pelos amadores de Santarém e de Montemor.

Simultaneamente será ali inaugurada uma exposição, nos corredores da praça, com obras de pintura, cerâmica e escultura, sobre motivos tauromáquicos. A notícia que damos gostosamente, é-nos pedida pela mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Santarém.

«El T. P.»

Quadros da Direcção-Geral de Segurança

Foi exonerada do cargo de guarda prisional, do quadro único da Direcção-Geral de Segurança, Maria Alice Esteves, por ter tomado posse do cargo de agente feminino de 2.ª classe do quadro especial feminino da mesma corporação.

Foi exonerado do cargo de servente do quadro único, da Direcção-Geral de Segurança, Virgílio Cachulo, por ter tomado posse do lugar de contínuo de 2.ª classe do mesmo quadro.

Grémio dos comerciantes de lãs e fibras

Tem novos corpos gerentes o Grémio Nacional dos Comerciantes de Lãs e Fibras, após eleições recentemente efectuadas.

Direcção — Mengas Alves, Comércio Internacional, Ld.ª; Industilã, S. A. R. L.; Cândido Martins Alves; José da Cunha Saraiva e C.ª Ld.ª; Duperlã-Comércio de Lãs, Ld.ª.

Assembleia Geral e Conselho Geral — Comundo-Consórcio Mundial de Exportação e Importação, S. A. R. L.; Companhia Hanseática Lohman e C.ª Ld.ª; António Pedroso Carvalho Coimbra; Lanabarros-Sociedade Comercial de Lãs, Ld.ª; A. Carvalho Dias e C.ª Ld.ª; e Bayer Portugal, S. A. R. L.

Dia Nacional do Cigano

O primeiro domingo de Junho foi designado o «1.º Dia Nacional do Cigano em Portugal», por deferência do Episcopado português ao pedido da Direcção Nacional para a Pastoral dos Ciganos. O pedido fora formulado «no intuito de se criar no espírito de todos um ambiente favorável à promoção dos ciganos, reconhecendo, pela reflexão e pelo exercício da fé, que todos os homens são nossos irmãos.»

Aquela Direcção distribuiu entretanto aos órgãos da Informação um plano de actividades que se propõe levar a cabo, a fim de fazer sentir aos ciganos «a necessidade de procurar os meios e os caminhos para a sua própria promoção».

TROCA DE CORRESPONDÊNCIA

Um jovem brasileiro de 16 anos deseja corresponder-se com brotinhos portugueses para fins de amizade. Portanto, as moças que estejam interessadas em cimentar a amizade luso-brasileira poderão escrever para Getúlio Moura, Rua Capitão Nestor Góis — 202, Bairro Elery, Fortaleza — CE — Brasil.

CRUZEIROS NO FUNCHAL

• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1ª CLASSE!

A maior série de cruzeiros no melhor paquete português

MADEIRA · AÇORES
MARROCOS · CANÁRIAS

PARTIDAS:

ABR.	9-23	AGO.	13-27
MAI.	7-21	SET.	10-24
JUN.	4-18	OUT.	8-22
JUL.	2-16-30		

9 DIAS DESDE 6.300$

RESERVAS E INFORMAÇÕES:

abreu
fundada em 1840

LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telefs. 32 00 21 (15 linhas)
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telefs. 3 79 21 (15 linhas)
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11 e 2 70 12

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Sassetti

coliseu dos recreios

A Sassetti

apresenta

para encerramento das comemorações do seu

125º aniversário

2 grandes concertos pela

orquestra de paris

dirigida pelo maestro

GEORG SOLTI

dia 9 de março

ABERTURA BENVENUTO CELLINI Berlioz

CONCERTO EM SOL Ravel
(Solista: Bernard Ringeissen)

UMA VIDA DE HERÓI
(Solista: Luben Yordanoff) R. Strauss

dia 12 de março

SINFONIA N.º 7 Beethoven

SINFONIA FANTÁSTICA Berlioz

Bilhetes à venda no Coliseu dos Recreios e nas discotecas Sassetti a partir de 6 de Março

O baixo preço destes bilhetes insere-se no programa de divulgação cultural empreendido pela Sassetti.
Descontos especiais a estudantes e portadores de cartões SASSETTI (estes, apenas nas discotecas Sassetti).

COM O PATROCINIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

(a ORQUESTRA DE PARIS tem o apoio da Association Française d'Action Artistique)

dia 9 grupo A-6 anos às 21,30 horas dia 12 grupo B-10 anos

Informe-se das vantagens do cartão Sassetti nas discotecas Sassetti em Lisboa:

R. Nova do Almada, 60-62 Tel. 361187

Av. Visconde de Valmor, 20-B Tel. 766879

A POSIÇÃO DO GOVERNO PERANTE O ULTRAMAR

Continuação da pág. 1

migo, com forças ínfimas embora, pode conservar a iniciativa e constantemente vibrar golpes na Economia e no moral das populações.

Como, porém, tive ocasião de dizer em Julho de 1972, «as forças militares que servem na África portuguesa e hoje têm cerca de metade dos seus efectivos constituídos por africanos, não fazem a guerra: asseguram a paz.

«Não dominam, não subjugam, não anexam, não conquistam — apenas vigiam, e repelem quando necessário, a força pela força, proporcionando aos habitantes a possibilidade de fazer normalmente a sua vida, apoiando a sua evolução e promoção social, e garantindo o fomento e o progresso dos territórios.» (1)

Ao sermos apontados por isso, como fautores de guerra e perturbadores da paz, estamos perante uma ignóbil mentira. Quem perturba a paz é quem ataca, não quem se defende. E só por torva manobra de propaganda se pode querer condenar os que agem em legítima defesa, em vez de se procurar actuar sobre quem desencadeia a agressão. (2)

Vozes: MUITO BEM!

Podíamos, porém, mal restabelecida a ordem nos territórios do Ultramar, ter dado balanço às vantagens e aos inconvenientes de lá permanecer. E se verificássemos friamente que era mais lucrativo e mais cómodo para os portugueses da Europa virar costas aos territórios ultramarinos, teríamos feito as malas e, à semelhança de outras potências europeias, regressado à nossa nesga peninsular no meio do momentâneo coro dos louvores anti-colonialistas e sob as bençãos dos intelectuais bem-pensantes. Decerto, nessa hipótese, até já teríamos ocupado a presidência na Assembleia das Nações Unidas, depois do período dado ao Nepal, e antes da vez das ilhas Fidji.

A verdade é que ninguém teve tal ideia. Ficámos no Ultramar. E há doze anos que no Ultramar lutamos, e há doze anos que a flor de juventude portuguesa passa pelas terras de África, lá serve a sua Pátria, sofre, combate e verte o seu sangue. Loucura de um povo? Desvario dos governantes?

Repetidamente tenho versado este tema — da razão por que defendemos de armas na mão o Ultramar. (3)

E mostrei que não podemos deixar de proteger populações cuja vontade é permanecerem portuguesas, nem deixar de preservar uma obra de civilização erguida e mantida por obra e graça de Portugal e que só com Portugal subsistirá.

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

Nomeadamente ao Sul do Equador as duas grandes províncias de Angola e de Moçambique que Portugal criou a partir de um mosaico de pobres e geralmente decadentes tribos esparsas por territórios inóspitos, Angola e Moçambique são povoadas por pretos, brancos e asiáticos, que amam a África e, por nascença ou por escolha, a têm por terra-mãe. Ali se caldeiam raças, se permutam culturas, se estreitam relações, se aliam esforços para continuar e aperfeiçoar um tipo de sociedade onde os homens só contem pelas suas capacidades, pelos seus méritos ou pelos seus serviços.

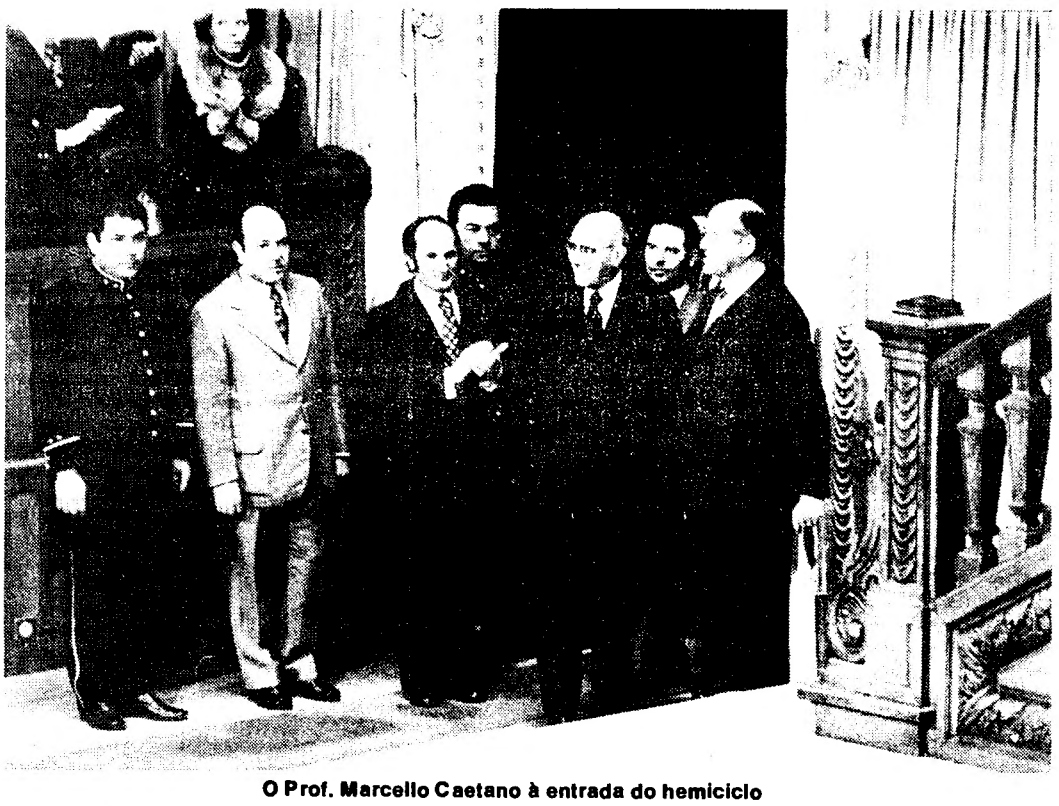
Considerámos, por isso, nosso dever, defender os que confiantes em Portugal são fieis à sua Bandeira; e entendemos ser nossa obrigação salvaguardar uma obra que representa um positivo contributo para o progresso da Humanidade e da Civilização.

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

Temos estado errados? Não o creio. Nem mesmo relativamente à defesa de outras províncias, como a Guiné, onde não há apreciável presença europeia. É que em África não defendemos apenas os brancos: mas todos quantos, independentemente da sua cor ou da sua etnia, são leais a Portugal e por isso mesmo, em caso de abandono, seriam vítimas da vingança inimiga.

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

Por outro lado, há uma defesa global do Ultramar que nos impõe coerência de atitudes. Uma transigência ou uma abdicação num sitio logo afectaria a força da resistência no conjunto.



O Prof. Marcello Caetano à entrada do hemiciclo

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

Não poderíamos, por exemplo, aceitar a negociação com o inimigo na Guiné em termos que nos privassem da autoridade para recusar negociações em Angola ou em Moçambique. Por isso só o Governo central pode ter a iniciativa — porque tem a responsabilidade — da condução da política ultramarina. Só o Governo, em conjunto com os demais orgãos políticos da soberania — e não quaisquer outras entidades.

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

A defesa do Ultramar impôs-se pois, pela necessidade moral de preservar vidas e bens daqueles que, em territórios secularmente portugueses, portugueses são. E impôs-se-nos pela consciência de termos uma missão a cumprir: a de garantir o prosseguimento e o aperfeiçoamento de sociedades onde se não pratiquem discriminações raciais e se faça vingar a harmonia entre os homens de qualquer cor de pele.

Vozes: MUITO BEM! MUITO BEM!

Não atingimos ainda a perfeição? Há vícios condenáveis? Infrações deploráveis? Certamente. Infelizmente não conheço nenhuma nação nem nenhuma experiência política ou social que tenha começado sem dificuldades, decorrido sem defeitos, triunfado na plena pureza dos seus princípios. O que é preciso é manter a fé nesses princípios: as imperfeições humanas que ocorram na prática deles, há que combatê-las, mas sem nos deixarmos desmoralisar pela sua existência. A persistência dos homicídios não invalida a bondade e a vigência da norma de não matar.

Enquanto assegurávamos a paz e a ordem nos territórios ultramarinos, pensávamos no futuro destes. É curioso notar que em todos os territórios o desencadeamento dos ataques terroristas coincide com o início de uma era de notável desenvolvimento económico e social.

Era preciso desvendar perspectivas de evolução política no quadro desse desenvolvimento. E assim fiz no decurso da minha inesquecível viagem a África, em Abril de 1969, nos vários discursos pronunciados na Guiné, em Angola e em Moçambique.

Do que disse então fiz um resumo na conversa tida na Televisão em 17 de Junho desse ano de 1969 e que me permito reproduzir agora. Disse eu: «Anunciei nos discursos que fiz em África os pontos fundamentais da nossa política: consolidação das sociedades multirraciais que cultivamos e das quais está ausente toda a discriminação de cor, raça ou religião; autonomia progressiva do governo das províncias de acordo, segundo a Constituição, com o respectivo estado de desenvolvimento e os seus recursos próprios; participação crescente das populações nas estruturas políticas e administrativas; fomento dos territórios com ampla abertura à iniciativa, à técnica, ao capital de todos os países sob a única condição de se proporem valorizar a terra e a gente, e não explorá-las». (4)

Se tenho ou não sido fiel a este programa, o País julgará. Foi de acordo com ele que se operou a revisão constitucional de 1971 na parte referente ao Ultramar. Em seguimento da reforma renovaram-se as instituições políticas e administrativas das províncias ultramarinas, dando-lhes possibilidades novas de acção. Pensam alguns que se não foi suficientemente longe. A verdade, porém, é que se foi até onde razoavelmente pareceu que se podia ir. E é fácil formular críticas a distância, passados os acontecimentos. Não me esqueci, porém (e haverá mais pessoas que não se esqueceram) das dificuldades que tiveram de ser superadas para se chegar onde se chegou.

Na política prosseguida tem papel destacado a ideia da concessão de autonomia progressiva e participada às províncias ultramarinas.

Ao falar, no dia 18 de Abril de 1969, em Lourenço Marques, perante os Conselhos Legislativo e Económico-Social reunidos, ainda antes da revisão constitucional, dizia eu:

«A Constituição portuguesa garante às províncias ultramarinas a autonomia administrativa e financeira com a faculdade de legislar, através dos seus corpos representativos, acerca das matérias que exclusivamente lhe interessem. E os Conselhos Legislativos não ficam nada a dever, na sua composição como na competência, às assembleias dos Estados membros das mais evoluídas federações.

«Acrescenta a Constituição que a autonomia das províncias será compatível com «o seu estado de sesenvolvimento e os recursos próprios» — o que implica a sua expansão segundo vá exigindo o crescimento económico e social dos territórios.

«Há quem tema que a autonomia administrativa e financeira dos territórios ultramarinos prejudique, ou ofenda mesmo, o ideal da integração nacional.

«Por mim sempre pensei que uma integração bem entendida de todas as parcelas no todo português exige que cada uma nele se insira de acordo com as suas próprias feições geográficas, económicas e sociais. Não seria sã uma unidade que fosse conseguida, não por acordo de vontades obtido na harmonia dos interesses, mas pelo espartilhamento forçado segundo figurinos abstractamente traçados. A unidade nacional não prescinde das variedades regionais.

«Se a participação dos povos no governo local é já, e deve ser cada vez mais, larga e importante, não pensemos porém que ela possa conduzir a uma autonomia desagregadora. No mundo de hoje, mais do que nunca, só a união faz a força. Os territórios em vias de desenvolvimento carecem de apoios financeiros e técnicos prestados com espírito de colaboração fraterna e não dispensados com intuitos calculistas ou com propósitos de mera exploração. A coesão das parcelas no todo português é o segredo de que dependerá o progresso equilibrado, em que não sejam preteridos os valores humanos pelas realizações materiais». (5)

Ano e meio depois, ao apresentar à Assembleia Nacional, em 2 de Dezembro de 1970, a proposta de lei da revisão constitucional, voltei ao assunto e procurei explicar as disposições que dela constavam relativamente à autonomia das províncias ultramarinas. (6)

Sublinhei, se bem se recordam, as diferenças que, de território para território, se impõem ao legislador: diferenças de situação geográfica, de aptidão económica e de estádios de desenvolvimento, diferenças de cultura das populações com seus usos, costumes, religiões e práticas que, em tudo quanto não ofenda os princípios morais da civilização, devemos respeitar e procurar conservar, diferenças de estruturas sociais e de tipos de relações humanas... Pus todavia em evidência a necessidade de se manter íntegra a soberania do Estado, una e indivisível e a supremacia do governo central, que em sociedades onde convivem diversas etnias tem a missão importantíssima de «zelar pelo respeito dos direitos individuais de todos os elementos da população do Ultramar, sem discriminação». O Governo central é, e deverá continuar a ser, o defensor dos direitos dos mais fracos, «À igualdade jurídica de todos os portugueses tem de corresponder sempre e em todos os lugares a compenetração social. Se localmente se manifestarem, algures, tendências de segregação, elas serão inexoravelmente combatidas pela intervenção do Poder Central, caso venha a ser necessário. Não desistiremos da nossa política de fraternidade racial, não renunciaremos ao nosso intento de prosseguir na formação de sociedades multirraciais, não transigiremos quanto à manutenção de um estatuto único para os portugueses de qualquer raça ou de qualquer cor».

A autonomia política e administrativa de cada província implica a existência de governo próprio, com uma assembleia legislativa eleita que vota as leis de aplicação local, e a liberdade de administração das suas finanças e do património provincial.

Esta autonomia, porém, sendo tão ampla que, como mais de uma vez tem sido notado, excede em faculdade as normalmente conferidas nas federações políticas aos estados federados, não pode ser desagregadora. Muitas razões aconselham a manter a autoridade dos governadores como representantes do governo central. E não é das menores a que há pouco indiquei: impedir que o poder económico de certas minorias, ou a força cega de alguma maioria impeçam o convívio pacífico, equilibrado e harmonioso que tem de existir nas sociedades multirraciais.

Qual será, porém, a evolução da autonomia das províncias ultramarinas?

Peço licença para novamente me citar. Para citar o que escrevi em 1970 no prefácio do livro **Mandato indeclinável.**

«Em política só cabem as visões históricas e essas são incompatíveis com as juras para a eternidade: não se pode dizer que tudo se há-de passar desta ou daquela maneira até à consumação dos séculos. Ainda aqui o que importa é preparar o futuro: prepará-lo para que seja um futuro português, construído por nossas mãos para preservar a nossa alma».

Pode perguntar-se agora qual é a melhor via para preparar este **futuro português.**

E há quem pretenda que a manutenção da luta contra o terrorismo pode vir a cavar um fosso entre Portugal e as populações susceptível de comprometer êsse portuguesismo que pretendemos garantir para futuro.

Tal raciocínio pressupõe a aceitação da existência de um levantamento nacional guinéu, angolano ou moçambicano contra a Pátria comum. O que não é exacto. As populações da Guiné, de Angola e de Moçambique não se sublevaram contra Portugal. São, pelo contrário, vítimas inocentes dos ataques terroristas; e sofrerão porventura por vezes as consequências do combate aos elementos subversivos que nelas se infiltram e acoitam. Defendê-las é um dos nossos deveres; é uma das nossas missões.

Nesta luta, repetidamente se acentua, o que está em causa é a adesão das almas, não a conquista de terras ou a subjugação de povos.

Chamamos a nós essa adesão na medida em que cumprimos a missão de todos os governos legítimos: realizar o bem comum, correspondendo às necessidades sociais e às justas aspirações individuais. Nas regiões desoladas da África intertropical, nesses vastos espaços onde desde o princípio do mundo a humanidade se sente frágil sob a pressão de uma natureza hostil, coube ao europeu o desbravamento da selva, o domínio dos perigos que ameaçavam a vida, o aproveitamento das potencialidades da terra. As populações nativas foram assim pouco a pouco libertas da miséria, da ignorância e da opressão. Mas a obra de redenção da África não está completa. Há imensas tarefas a cumprir para o descobrimento e aproveitamento das riquezas naturais. É um trabalho imenso a levar a cabo na educação e na valorização das pessoas. Dominar a natureza e dignificar o homem — eis o que verdadeiramente deve contar na acção política no Ultramar.

Há assim uma evolução em marcha que, como acabei de dizer, consiste em construir um futuro português através da educação e promoção das populações ao serviço das quais se ponham as infra-estruturas necessárias para o aproveitamento óptimo da riqueza da terra e do trabalho que a valorize.

Eis um caminho sério e seguro que estamos a trilhar, com empenhamento de capitais, prodígios de técnica, heroísmos de esforços e devoção entusiasta. Mas um caminho que leva algum tempo a percorrer. Porque, não tenhamos dúvidas, para construir solidamente qualquer obra humana o tempo é um material imprescindível.

Com palavras, habilidades e ilusões podem fazer-se passar num instante aos olhos deslumbrados de um público atónito fantasias mirabolantes. Mas que se esvaem como fumo depois de uns dias breves de brilho fugaz. Fica apenas disso tudo desilusão e amargor. Quando não revolta.

Precisamos de tempo. Temos de ganhar tempo se quisermos prosseguir honestamente o nosso intento de construção espiritual e material. Não podemos dispensar ou perder um minuto sequer: porque todo o tempo é pouco para agir, e agir eficazmente.

E muito embora seja grande a nossa impaciência temos de reconhecer que se tem aproveitado o tempo. A obra realizada nas diversas parcelas do Ultramar português nos últimos vinte anos é imensa. E não é

DEFINIDA NO DISCURSO DE MARCELLO CAETANO

apenas obra de fomento. Mas obra de elevação do nível de vida e do nível de cultura das populações nativas. Obra de que podemos justamente orgulhar-nos e de que particularmente podem orgulhar-se aqueles que cumpriram modesta e silenciosamente o seu dever de vigilância, protecção e defesa do Ultramar, permitindo à massa dos habitantes fruir a paz e os frutos do progresso.

Os soldados que guarneceram as províncias do Ultramar nestes últimos anos não estiveram lá a ver morrer camaradas como justificação para outros morrerem após eles. O seu sacrifício garantiu a paz e a segurança. Impediu que se repetisse o espectáculo do Congo em 1961 com os cadáveres dos homens mutilados, das crianças esquartejadas, das mulheres violentadas e esventradas. E permitiu que se retomasse o trabalho construtivo e, refeita a confiança das populações, se acelerasse o ritmo do desenvolvimento dos territórios, hoje realidades cada vez mais promissoras de riqueza, de bem-estar e de paz.

Por mais depressa que andemos, porém, não admira que a marcha pareça lenta. Não falo agora do inimigo para o qual um dos êxitos procurados é privar-nos do tempo. Refiro-me àqueles que, de boa-fé e com espírito patriótico, vêem os anos suceder-se aos anos e sentem a fadiga invadi-los, a impaciência a corroê-los e a esperança a fugir.

Seria possível acelerar as soluções políticas? Esse é um tema que submeto em especial à vossa consideração.

É aqui que pode ter lugar um debate franco e aberto. Já o provocámos no País por ocasião das eleições de 1969 e a resposta do eleitorado foi categórica. Não pode, porém, a meu ver, admitir-se permanentemente esse debate por motivos que mais de uma vez têm sido expostos.

Primeiro porque, segundo o consenso geral, pode discutir-se a preparação de uma decisão. Mas quando a decisão está tomada, e sobretudo se esse decisão é tão grave na vida nacional, que exige mobilização dos espíritos, sacrifício dos recursos e serviço militar aturado e arriscado, não é lícito depois estar a discutir-se todos os dias a decisão que se executa e a execução do que se decidiu.

Segundo porque estando nós empenhados numa luta com inimigos poderosos aos quais não faltam meios de pressão psicológica nem dinheiro para nos inundar com a sua propaganda, esse debate seria a brecha facultada ao inimigo para, com mais descaramento do que já tem, espalhar as suas mentiras, divulgar as suas doutrinas, incrementar junto da juventude e do povo em geral a campanha de intimidação já agora por tantas formas e em tantos campos posta em marcha.

Mas a Assembleia Nacional, essa, tem o direito e o dever de se pronunciar sobre os novos aspectos que com o rodar dos tempos vão assumindo os problemas nacionais.

Para isso foi eleita.

Podia, dentro da ideia de acelerar o processo da evolução política do Ultramar português, aceitar-se o princípio da autodeterminação dos povos e recorrer-se ao plebiscito das populações.

Também já há quatro anos me ocupei desta solução. (7)

Um dos mais graves erros que têm sido cometidos relativamente às populações africanas é o de pretender impor-lhes a aceitação dos princípios da democracia europeia e a prática dos seus ritos.

Para povos que na sua maioria não ultrapassaram o estádio da organização tribal, essa democracia não tem sentido. E menos sentido reveste a consulta popular segundo a fórmula individualista — um homem (ou uma mulher...), um voto.

Daí resultaram os insucessos, nos novos Estados africanos, dos ensaios dos regimes democráticos segundo o modelo anglo-saxão, rapidamente substituídos por ditaduras militares em que o ditador assume a figura do velho soba, ou por aquilo que eufemisticamente se chama o socialismo africano, no fundo o mesmo regime pessoal com tintas teóricas de totalitarismo.

O plebiscito traduzido em votação por esses sertões sobre os destinos de territórios sem tradições nacionais que significado poderia ter?

Não o temeria eu. Mas repugna-me aquilo que sei de certeza constituir em qualquer caso uma paródia de democracia directa.

Se não o temo agora, também sei que, abandonado o campo aos nossos inimigos, eles saberiam aproveitar-se devidamente da inexperiência e ingenuidade das populações, e não deixariam de pôr imediatamente em prática todos os meios de coacção moral e física em cujo emprego são mestres e que podem impunemente fazer sob as bençãos do progressismo enternecido.

As Nações Unidas votam todos os anos uma moção relativa aos territórios portugueses. Nessa moção somos convidados a reconhecer às suas populações o direito à autodeterminação e independência. Mas as Nações Unidas, como já uma vez informei o País (8), não se limitam a essa exigência, dizem também como é que a deveriamos cumprir. Deveriamos retirar imediatamente das províncias ultramarinas as forças armadas que lá mantenhamos; conceder uma amnistia política incondicional, para deixarmos regressar e actuar à vontade todos os membros dos movimentos terroristas; e transmitir depois todos os poderes a instituições representativas das populações indígenas livremente eleitas.

Para chegar a este resultado Portugal foi ainda este ano, e como novidade, intimado a entregar imdiatamente os territórios aos movimentos chamados «de libertação».

Quer dizer que se fizermos plebiscitos por nossa iniciativa e sob a nossa autoridade, para os inimigos de Portugal e a Organização das Nações Unidas que é hoje o seu principal instrumento isso é o mesmo que nada e foi justamente o que se viu nos casos da Somália Francesa e nas Seychelles onde os resultados foram favoráveis à França e à Grã-Bretanha. As Nações Unidas só consideram legítimos os resultados que corram ao sabor dos seus desejos.

E talvez corressem nos nossos territórios se, como disse há pouco, dessemos prévia liberdade de acção ao inimigo na preparação e condução do plebiscito.

Inimigo que, não nos iludamos, não é constituido por guineús, angolanos e moçambicanos desejosos, como os heróis românticos das independências antigas, de conquistar a liberdade para a sua pátria oprimida.

Mas por poderosas nações imperialistas que manobram os movimentos ditos de libertação para conseguirem os seus objectivos próprios.

Nas operações preparatórias dos plebiscitos como nas memas das negociações os portugueses encontrariam, na sua cândida ingenuidade, pela frente, não homens a falar a mesma língua com quem se dialogasse em termos elevados sobre a marcha e o destino das terras por todos amadas — amistoso,apurarmos o que pensam e o que querem? Nunca o esconderam e nós bem o sabemos: pensam que é chegada a sua hora com os ventos da História a seu favor e querem que lhes entreguemos pura e simplesmente os territórios

O Chefe do Governo lendo a sua comunicação

mas agentes de forças internacionais representativas de movimentos ideológicos ou racistas a impor soluções praticamente irresistíveis por terem a sustentá-las poderosíssimos grupos de pressão internacionais.

Aliás, que mais expressivo, autêntico, indiscutível plebiscito se pode querer que o apurado ao longo destes doze anos em que os inimigos de Portugal desafiaram a sua soberania?

Formaram-se em território estrangeiro guerrilhas bem pagas, bem armadas, bem instruídas por gente vinda da China, de Cuba ou da Rússia. Tentou-se apoiar a guerrilha em redes estendidas pelos territórios formadas por aderentes ou simpatizantes. Multiplicaram-se os golpes de mão, os atentados contra os sobas e régulos não colaborantes, as acções de intimidação contra as populações. E tudo no meio de cada vez mais ensurdecedora orquestração publicitária no mundo a apoiar o terrorismo e seus agentes e com a ajuda moral e pecuniária de governos com quem mantemos relações diplomáticas e de igrejas cujos cultos facultamos e protegemos.

E apesar disso as populações continuam fieis a Portugal. E apesar disso ainda hoje continua a ser possível a um turista percorrer desarmado os territórios da África portuguesa com mais segurança do que nas ruas de grande número das principais cidades de países ditos civilizados. E apesar disso decorre normalmente a vida política e a administração dos territórios sob a égide da lei portuguesa.

Esta atitude das populações não significa nada?

Não exprime uma vontade que, de acordo com a mentalidade, as tradições, o modo de ver e o modo de ser das populações africanas, é bem mais significativa do que a deposição nas urnas de quados de papel tendo impresso um leopardo ou um leão?

Negociações com os movimentos terroristas — para quê?

Para, num diálogo sereno e amistoso,apurarmos o que pensam e o que querem? Nunca o esconderam e nós bem o sabemos: pensam que é chegada a sua hora com os ventos da História a seu favor e querem que lhes entreguemos pura e simplesmente os territórios portugueses do Ultramar.

Para discutirmos com eles o processo de entrega e acordarmos as fases da nossa retirada, as garantias que concederiam a Portugal e aos portugueses, os laços políticos ou outros a manter?

Nesta altura da História, mesmo que se decidisse em Portugal entrar por esse caminho, não sei como se poderia ter fé em acordos com movimentos chamados de libertação. Como já lá vai o tempo das ilusões da descolonização por via das soluções federais — desde que se desfez a União Francesa e que a própria Comunidade Britânica, de tão sólidas raízes e fortes tradições, com a feliz fórmula, para mais, da fidelidade a uma distante e tolerante monarquia unificadora, entrou em franca decadência e pouco mais é que uma reminescência.

Dos acordos de descolonização, das garantias que eles podem oferecer e da eficácia demonstrada na sua aplicação tratei na comunicação ao País feita em 15 de Janeiro de 1973 (9).

Aí me referi ao malogro que representaram os acordos belgas e franceses — mas ainda então não se tinha verificado a sensacional rotura dos acordos sobre Madagascar que tão eloquentemente veio reforçar a tese da fragilidade dos compromissos tomados pelos novos governantes em relação às antigas metrópoles.

Negociações hoje, só podem, para já ou a prazo, conduzir à entrega das províncias ultramarinas.

Como noutros ensejos tenho dito «estamos prontos para todas as conversas que tenham por objecto o regresso dos terroristas à sua terra, a sua reintegração na pátria portuguesa, e até o estudo da aceleração da participação dos naturais das províncias na sua administração e no governo local». (10)

Como continuamos a dialogar com os interessados no futuro da sua terra — isto é, com todos aqueles que, vivendo nas províncias, nelas permanecendo e trabalhando, contribuindo para o seu progresso e sentindo verdadeiramente os seus problemas, estejam em condições de participar no estudo das decisões a tomar para o bem comum.

A política seguida tem sido, pois, a de defender energicamente em todos os campos a integridade de Portugal aquém e além mar.

Põe-se todavia em dúvida que essa defesa seja suportável pela Nação, quer pelo seu custo financeiro, quer pelos reflexos que o esforço por ela implicado possa ter no seu progresso económico.

Os factos desmentem tais temores.

Devo dizer, aliás, que nunca vi num País que se defende ser posta em causa a necessidade, a conveniência, a oportunidade, a extensão do esforço de defesa, por razões económicas e financeiras.

Quando estão em causa vidas e bens de milhares ou milhões de portugueses e a integridade do território nacional, é isso que conta em primeiro lugar. Mesmo que a defesa implique sacrifícios.

Sacrifícios que tiveram de fazer as populações martirizadas pelas grandess guerras devastadoras deste século e que sofreram ataques inclementes, a destruição dos lares, a morte dos entes queridos, a privação da liberdade, a perda do património, a fome, o exílio e a ruína, sem que se abalasse a sua vontade de resistir e de vencer.

No nosso caso as populações, salvo o luto que entristeceu tantas famílias, não tiveram até agora sofrimentos comparáveis, resultantes do esforço da defesa no Ultramar.

E também não se ressentiram as finanças públicas das despesas enormes que temos sido obrigados a fazer. Continua o orçamento equilibrado, não se excedeu na carga fiscal um limite modesto, a dívida pública continua a estar muito áquem das nossas possibilidades de crédito.

Se sofremos inflação são a Europa e a América as causas dela, não a África.

E quanto ao progresso económico e social creio que ninguém de boa fé poderá afirmar que por virtude da defesa do Ultramar esteja paralizado.

Em poucas épocas da História portuguesa, permita-se-me dizê-lo, se terá visto um esforço tamanho, desenvolvido em toda a frente da economia, da educação e da segurança social, como nos últimos anos se realizou.

Não se deixou de fazer fosse o que fosse por virtude da defesa do Ultramar. Aliás, aminha doutrina é a de que para sustentar o Ultramar o País precisa de fomentar cada vez ais a sua riqueza — a começar pela primeira riqueza de uma Nação, que é o seu povo e a educação dele.

Dir-se-ia que a defesa do Ultramar, em vez de travão, tem sido um estímulo para o desenvolvimento nacional.

Não será por falta de dinheiro que nos renderemos ponto é que para resistir não haja falta de vontade.

Senhor Presidente:

Senhores Deputados:

Não esgotei o que sobre o tema do Ultramar português poderia dizer-vos. Nos cinco anos e cinco meses que levo de responsabilidade pelo Governo do País não se terá passado um só dia em que os problemas ultramarinos tivessem deixado de estar presentes no meu espírito. Sem obsessão. Sempre à consideração e ao estudo de todas as soluções. Sempre atento a todas as possibilidades de trilhar novos caminhos.

Se hoje vos recordei o que disse publicamente nesse já longo período ácerca de diversos aspectos das questões suscitadas pela situação e pelo destino do Ultramar, foi apenas para demonstrar que esses aspectos não estiveram ausentes das minhas meditações e que os examinei criticamente à luz do interesse nacional.

Uma selecta declaração públicas foi reunida num volumezinho de bolso intitulado «Razões da presença de Portugal no Ultramar» que a Secretaria de Estado da Informação editou há meses por sua iniciativa. Como eu gostaria que muitos portugueses lessem essas páginas!

Mas, meus senhores, o problema não é meu: é da Nação inteira.

Tenho procurado na política seguida ser fiel intérprete do pensamento, do sentimento, da consciência nacionais.

A consulta ao eleitorado, as resoluções da Assembleia Nacional, a auscultação da opinião pública do norte ao sul do País e aquém e além mar, têm sido os meus guias.

É indispensável porém que mais uma vez se afirme o rumo a seguir.

Há milhares de soldados longe das suas terras e das suas famílias que em África arrostam dificuldades e perigos e arriscam a vida na defesa da causa de Portugal.

Há milhares de nativos africanos que ombro a ombro com os seus irmãos europeus enfileirados nas forças armadas e de segurança para sustentar a paz de Portugal.

Há milhares de portugueses, sem distinção de raça ou de côr, que nas províncias ultramarinas têm a sua vida, e ao destinos delas ligaram a sua sobrevivência e o seu próprio destino.

E todos esses — os combantetes e os residentes — não podem viver na dúvida, não podem sustentar de equívocos, carecem de certezas.

O Governo a que presido compremeteu-se numa orientação. E não pode renegar os seus compromissos.

Mas nem eu, nem nenhum dos homens que me acompanha no Governo, nenhum de nós ocupa os seus lugares por ambição pessoal.

Anima-nos unicamente o espírito de servir o interesse nacional, o espírito de servir, pela melhor maneira, a Pátria comum.

É à Assembleia que compete agora dizer se o rumo que seguimos está certo.

E disciplinadamente me submeterei depois ao veredicto de quem tem autoridade para o proferir.

---

(1) **Progresso em Paz**, pag. 177

(2) **As grandes opções**, pag. 55

(3) Discurso na Assembleia Nacional em 27 de Novembro de 1968, **Pelo futuro de Portugal**, pag 51-52; no Conselho Legislativo da Guiné, em 14 de Abril de 1969, **Idem**, pag 111; à A.N.P., 21 de Fevereiro de 1970, **Mandato Indeclinável**, pag. 113-114; no Palácio Foz, 27 de Setembro de 1970, **Renovação na Continuidade**, pags. 9-11; na RTP, em 15 de Janeiro de 1973, **As grandes opções**, pag. 56, etc.

(4) **Pelo Futuro de Portugal**, pag 206.

(5) **Pelo Futuro de Portugal**, pag. 131.

(6) **Renovação na continuidade**, pags. 66-68.

(7) Conversa na RTP em 8 de Abril de 1970, **Mandato indeclinável**, pag. 141.

(8) Conversa na RTP em 17 de Junho de 1969, **Pelo Futuro de Portugal**, pag. 205

(9) **As grandes opções**, pag 50

(10) Conversa de 14 de Novembro de 1972, **As Grandes opções**, pag. 40

DL/ESTRANGEIRO

TAREFA DE HAROLD WILSON: FAZER REGRESSAR OS MINEIROS AO TRABALHO

. LONDRES, 5 (R.) — O dirigente trabalhista Harold Wilson inicia hoje a espinhosa tarefa de formar um Governo minoritário capaz de solucionar a grave crise económica e política em que a Grã-Bretanha se debate e conseguir que os mineiros em greve voltem ao trabalho.

Logo que foi chamado pela rainha Isabel ontem e convidado a formar Governo, Wilson teve a preocupação de combinar para hoje encontros com dirigentes sindicais e representantes do patronato.

O dirigente Trabalhista espera que os mineiros contribuam para reforçar a posição do seu Governo através de uma solução eápida do conflito que os mantém em greve há 23 dias e que esteve na origem das eleições gerais que afastaram os Conservadores no poder.

Heath ao convocar as eleições gerais antecipadamente pretendia reforçar o seu mandato para poder vencer os mineiros numa prova de força, mas o eleitorado não correspondeu à sua espectativa e em última análise foram os mineiros que o derrotaram.

CRITICADA A ATITUDE DE HEATH

Depois de ter tentado sem êxito formar uma coligação com os Liberais, o primeiro-ministro conservador resolveu-se finalmente a apresentar a demissão ontem à noite, abandonando a residência oficial no número 10 de Downing Street onde permaneceu durante cerca de quatro anos.

Os adversários dos Conservadores e até mesmo alguns partidários pensam que ao tentar agarrar-se ao poder depois de ter perdido as eleições, Edward Heath prejudicou a sua reputação política e violou o preceito estabelecido por Chruchill de que os Conservadores revem saber perder.

Lord Hunt, um professor de Oxford de Direito Constitucional, enviou uma carta ao «Times» na qual afirmava que o facto de Heath não se demitir depois de ter perdido a maioria no Parlamento «roçava pela inconstitucionalidade».

Por seu turno o deputado trabalhista Willie Hamilton salientava que com a sua atitude Heath estava a comprometer a imparcialidade da corôa britânica, dando a sensação que a rainha estava a tomar uma posição pró-conservadora e anti-trabalhista.

NOVAS ELEIÇÕES?

Os problemas que o novo Governo trabalhista tem à sua frente são enormes e para os resolver precisa de contar com os votos dos 14 Liberais e dos 21 deputados eleitos pela Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales, uma vez que o Partido Trabalhista apenas dispõe de 301 lugares no Parlamento onde são necessários 318 votos para uma maioria absoluta.

Os observadores políticos estão convencidos de que Wilson não poderá governar durante muito tempo em minoria, pelo que mais tarde ou mais cedo será forçado a convocar novas eleições na esperança de que os Trabalhistas saiam delas com uma posição mais firme. Entretanto, Wilson terá alguns problemas urgentes a resolver, dado que a Grã-Bretanha atravessa a sua pior crise económica desde a Segunda Guerra Mundial.

Uma das figuras-chave do novo gabinete será o chanceler do Tesouro, que terá de apresentar um orçamento de austeridade, possivelmente com impostos mais elevados, e procurar obter um empréstimo do Fundo Monetário Internacional para equilibrar o saldo negativo da balança de pagamentos britânica.

MERCADO COMUM: O POMO DA DISCÓRDIA

Wilson poderá anunciar ainda hoje a composição do seu gabinete em que os postos principais serão entregues provavelmente a James Callaghan, Denis Healey e Roy Jenkins.

Callaghan é indicado para ocupar a pasta dos Negócios Estrangeiros, pois é especialista em política externa e ainda recentemente visitou o Cairo e Moscovo, ao passo que Healey é apontado como eventual chanceler do Tesouro uma vez que durante a campanha eleitoral se ocupou principalmente dos problemas económicos, fazendo a apologia de rigorosas medidas de austeridade como meio de corrigir o déficite e equilibrar novamente a economia britânica.

A atitude do novo Governo para com a Comunidade Europeia será revelada pela escolha do responsável pelos assuntos europeus e julga-se que para tranquilizar os Liberais Wilson poderá escolher Roy Jenkins, considerado um dos elementos trabalhistas mais moderados nesse aspecto.

Conservadores e Liberais opoêm-se energicamente a qualquer tentativa para fazer sair a Grã-Bretanha do Mercado Comum e aqui reside o principal ponto de conflito com os Trabalhistas que, no seu manifesto eleitoral, prometeram rever as condições em que a Grã-Bretanha foi admitida.

AVISO MILITAR AOS GOVERNANTES DA ETIÓPIA

ADIS ABEBA, 5 — (R) — Elementos das Forças Armadas avisaram hoje o novo Governo da Etiópia para começar a actuar quanto a reformas políticas ou arrisca-se a «nova acção» dos militares.

O aviso foi feito em panfletos lançados a noite passada de um helicóptero militar sobre a capital. Estava assinado «unidades das Forças Armadas».

O voo do helicóptero seguiu-se a um tiroteio que ocorreu na penitenciária central desta cidade.

Diplomatas notaram que o helicóptero solitário que largou os panfletos não representava necessariamente a opinião de todos os 60 mil homens das Forças Armadas etíopes.

Uma revolta militar depôs na semana passada um Governo que exerceu o seu mandato durante mais de 10 anos. O imperador Hailé Selassié, de 81 anos, nomeou um novo primeiro-ministro, Endalkatchew . Makonnen, que prometeu progresso e reformas.

Ao contrário de certos elementos radicais, os militares, que redigiram os panfletos de ontem, à noite, não rejeitaram a escolha de Endalkatchew, de 46 anos, um homem formado em Oxford, para o cargo de chefe do Governo.

Entretanto, carretas e enorme multidão concentraram-se hoje fora da penitenciária central da cidade para levar os corpos de cinco presos mortos durante um motim.

RECORDE

. MONTEVIDEU, 5 — (R) — Sete casais de jovens uruguaios proclamaram ter batido um recorde mundial nesta capital, após dançarem ininterruptamente durante 142 horas.

Trinta e um casais iniciaram na terça-feira passada a tentativa para bater o máximo estabelecido em 1956 por um casal italiano que dançou 136 horas seguidas.

Heath desalojado

LONDRES, 5 — (R.) — Edward Heath, o primeiro-ministro demissionário, encontrou-se ontem à noite sem residência e teve de ir para casa de um amigo.

Ao contrário da maioria dos seus antecessores, Heath que é solteiro, não possui residência própria e tem vivido sempre no número 10 de Downing Street, a residência oficial do primeiro-ministro, desde que subiu ao Poder.

Ao apresentar a demissão ontem à noite teve de abandonar rapidamente essa residência e pedir «asilo» em casa de um amigo.

Se Harold Wilson, o novo primeiro-ministro, estiver de acordo, Heath poderá, no entanto, permanecer ainda alguns dias em Chequers, a casa de campo oficial, até encontrar alojamento.

Quando subiu ao Poder em Junho de 1970 o chefe conservador autorizou Wilson e sua mulher a permanecerem em Chequers durante três dias.

Os protestantes irlandeses dispostos a combater o novo governo trabalhista

. BELFAST, 5 (UPI-ANI) — O novo Governo Trabalhista britânico faz prever más perspectivas para as esperanças dos militantes protestantes irlandeses em conseguirem o domínio político sobre a Irlanda do Norte — afirma-se em círculos políticos.

O Partido Trabalhista do primeiro-ministro Harold Wilson é, ainda mais a favor do Poder compartilhado entre católicos e protestantes irlandeses do que o seu antecessor, o Partido Conservador de Edward Heath.

Os protestantes militantes, que conseguiram onze dos doze lugares que constituem a representação da Irlanda do Norte no Parlamento britânico nas últimas eleições gerais, não têm qualquer possibilidade de obter de um Governo Trabalhista a resposta às suas exigências.

O grupo protestante militante teve ontem uma reunião secreta em Belfast e formou um bloco parlamentar chamado a Coligação Parlamentar Unionista do Ulster Unido e anunciou quais os seus objectivos:

. — Mais lugares no Parlamento britânico para a Irlanda do Norte

— Um Parlamento regional em Belfast, em substituição da actual assembleia da Irlanda do Norte, que pudesse escolher o seu Governo provincial e controlar a segurança interna. Isto significaria o fim do actual Governo de coligação de protestantes e católicos da Irlanda do Norte.

— Rejeição do acordo de Sunningdale e de quaisquer outras propostas que envolvam a partilha do Poder Executivo entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda.

Assim, a Coligação Parlamentar Unionista do Ulster deixou bem claro que está pronta a fazer guerra ao novo Governo Trabalhista britânico.

«Se o Governo britânico disser não às nossas propostas, se persistir com Sunningdale, estamos preparados para utilizar o nosso jpoder no Parlamento para derrubar esse Governo, e é o que faremos» — declarou o reverendo Ian Paisley, um dos membros do grupo parlamentar.

Por seu turno, William Craig, também do grupo, disse: «Faremos muitos estragos no Parlamento se não fizerem um esforço sério para resolver o problema do Ulster».

Em mais de quatro anos e meio de luta no Ulster entre a minoria católica, a maioria portestante e as froças da ordem já morreram 963 pessoas.

Seminário de mulheres africanas e árabes

ARGEL, 5 (R.) — Delegados femininos do mundo africano e do mundo árabe reuniram-se ontem em Argel para um seminário de seis dias em que se passará em revisão o papel que as mulheres podem desempenhar no estreitamento de relações entre os respectivos países.

Cerca de 200 representantes de 12 países árabes, 30 Estados africanos, da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e de movimentos africanos de libertação, reuniram-se no «Club des Pins», situado à beira-mar, um centro de conferências a oeste de Argel, a fim de estudarem os problemas do ensino no Terceiro Mundo.

No entanto, os primeiros discursos foram de natureza política, com a sr.ª Safia Ben Mahdi, secretária-geral da União Feminina Argelina, estabelecendo o tom com um apelo para uma solidariedade activa entre as mulheres africanas e árabes.

«A solidariedade deve ser aumentada até um nível total e tornar-se cada vez mais eficaz como um dever para com a luta do povo» — disse a sr.ª Mahdi, prestando tributo à luta desencadeada pelas forças palestinianas contra aquilo que designou como a persistente política de agressão e ocupação israelita.

Todas as mulheres presentes observaram um minuto de silêncio em memória dos mortos da última guerra do Médio Oriente e dos mártires da independência argelina.

O ROUBO DOS DIAMANTES EM TURIM

TURIM, 5 — (R) — Num dos maiores roubos do género registados na Itália, dois gatunos armados assaltaram a secção de carga do aeroporto local durante um nevão intenso e fugiram com bolsas contendo diamantes no valor de 700 a 1000 milhões de liras.

A Polícia relata que os dois homens mascarados arrombaram uma porta pouco antes do alvorecer e irromperam no edifício brandindo revólveres. Dominaram os únicos dois funcionários que se encontravam na secção, amordaçaram e manietaram um deles com correias e forçaram o outro a abrir os dois grandes cofres-fortes onde são guardados os artigos de valor em trânsito. Depois de também o manietarem, os gatunos examinaram calmamente o conteúdo dos dois cofres e optaram por trinta bolsas de cabedal contendo diamantes e outras joias.

Seguidamente, saíram da secção, que fica no rés-do-chão, sem que fossem inquietados, transferiram a sua presa para um veloz Alfa Romeo e desapareceram rapidamente.

ALGUÉM TRABALHA NO AEROPORTO

A Polícia declara que a única pista sobre que poderá apoiar o seu inquérito é a certeza de que alguém que trabalha no aeroporto alertou os gatunos sobre a presença dos diamantes, cujo valor exacto não foi revelado.

As autoridades calculam, porém, que orça em 700 a 1000 milhões de liras. As joias chegaram a Turim há alguns dias e destinavam-se a várias companhias italianas.

Os dois funcionários deram o alarme cerca de meia hora depois do assalto, quando conseguiram libertar os pulsos das cadeias que os prendiam. A Polícia colocou prontamente dezenas de barragens num raio de vários quilómetros em redor do aeroporto de Caselle, embora reconhecesse que os bandidos tinham tido mais do que tempo de se por ao largo e de mudar de automóvel.

Os diamantes lapidados foram enviados de Amesterdão, Frankfort e Telavive, a fim de serem montados por joalheiros da vila de Valenza, no norte de Itália.

MORTO NUM DESABAMENTO

Quando trabalhava com uma máquina escavadora, em Corrios, morreu soterrado pelo desabamento de um areeiro o sr. Emídio Gouveia, de 52 anos, natural de Oliveira do Hospital.

Ao local do desastre, acorreram rapidamente os Bombeiros Voluntários de Almada, sob comando do chefe Bruxelas, conseguindo desenterrar o corpo, já sem vida, cerca das 9 horas.

DL/ESTRANGEIRO

Os "Nove" tomam consciência do descalabro da CEE

BRUXELAS, 5 (F.P.) — Os nove países da Comunidade Europeia deram ontem a impressão de terem tomado consciência do descalabro da organização.

De uma Europa traumatizada pela recente conferência petrolífera de Washington e que parece ir à deriva e ainda por cima com três países sem Governo, saiu qualquer coisa de positivo e inesperado quando os ministros dos Negócios Estrangeiros examinaram as questões relativas ao consenso político, ou seja, à elaboração de uma política comum a longo prazo.

Os ministros (a Grã-Bretanha esteve representada por um alto funcionário do Foreign Office) decidiram abrir com os países árabes «um diálogo geral» sobre as mais diversas formas de cooperação económica, técnica, cultural, etc.

Este diálogo poderia levar a uma conferência árabe-europeia antes do fim do ano.

De origem é uma velha ideia francesa cuja elaboração durou vários meses.

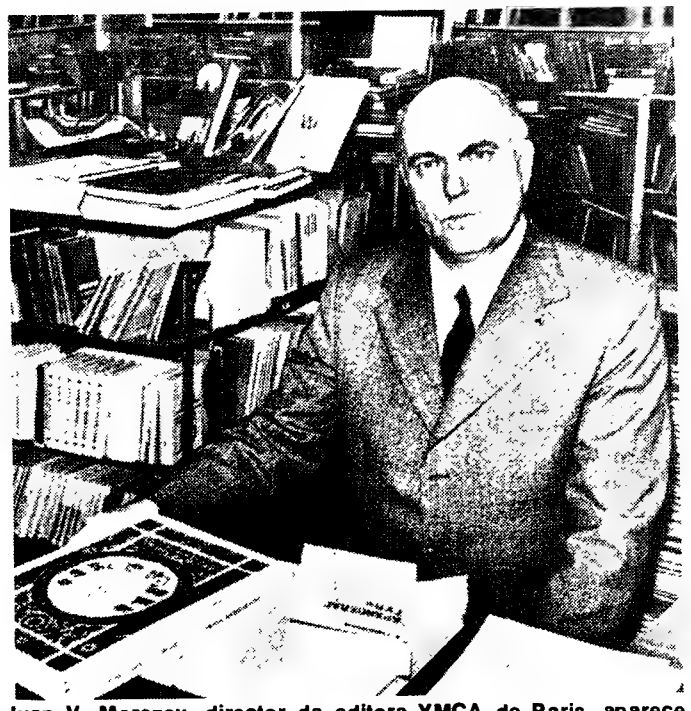
Resta saber se se está de acordo também nas ideias preconcebidas. Na sua tradicional conferência de Imprensa, o presidente em exercício, o ministro alemão Walter Scheel que encetará os primeiros contactos com os árabes, pareceu insistir sobretudo na necessidade deste vasto esquema não ir contra os designios dos americanos no domínio da energia.

Walter Scheel avistou-se, aliás, um pouco mais tarde com o secretário de Estado americano Henry Kissinger que veio a Bruxelas para participar na reunião do Conselho Atlântico.

As coisas também parecem ter avançado quanto ao projecto de declaração acerca do futuro das relações entre a Comunidade e os Estados Unidos. O texto europeu está pronto e poderá ser apresentado na próxima semana aos americanos para um último «arranjo». Foi examinado um projecto semelhante mas apenas a respeito das relações entre a Europa e o Canadá.

O dia foi relativamente confortante e os ministros dos Negócios Estrangeiros parecem ter-se esforçado por querer esquecer as questões recentemente avivadas em Washington entre partidários — por convicção ou por renúncia — da «Europa «europeia».

«A capacidade de recuperação da Europa é extraordinária», observava ontem um delegado.



Ivan V. Morozov, director da editora YMCA de Paris, aparece na telefoto rodeado de livros de língua russa. A editora YMCA é a responsável pelo lançamento da última obra de Alexandre Soljenitsyne «O Arquipélago Gulag». (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Aumentam as hipóteses de atentado na queda do avião DC-10 turco

PARIS, 5 (F.P.) — Os meios aeronáuticos dão cada vez mais importância à tese da explosão, para explicar a catástrofe aérea do «DC-10» da companhia «Turkish Airlines», que se despenhou no domingo, ao norte de Paris.

Essa tese apoia-se no facto de sete passageiros, com o cinto de segurança apertado, terem sido projectados do aparelho catorze quilómetros antes desde se despenhar na floresta de Ermenonville.

O facto poderia demonstrar também que a explosão se registou a altura da cabina, ou no porta-bagagens do aparelho.

No caso de uma explosão do próprio aparelho, os meios aeronáuticos fazem notar que os orgãos mais vulneráveis são os reactores. Ora, os construtores poêm em volta das turbinas um anel de segurança, em aço de alta resistência, para evitar que a fuselagem seja atingida, se o motor explodir. Se isto tivesse sucedido, o «DC-10» ter-se-ia partido lateralmente em dois pedaços, não podendo voar ainda dez quilómetros depois da explosão.

Segundo as opiniões autorizadas, outra possibilidade técnica poderia ser a descompressão da cabina devido a este ou aquele fenómeno. Uma porta mal fechada, por exemplo, embora seja sempre possível fazer uma verificação a partir do próprio lugar dos pilotos, antes de se porem os reactores a funcionar.

Mas a hipótese do atentado parece poder explicar a catástrofe melhor do que nenhuma outra, pelo menos no estado actual, das informações obtidas.

A altitude a que voava o avião (normalmente, depois de cinco minutos de voo, deveria encontrar-se entre três mil e quatro mil metros) um explosivo mesmo de fraca potência — por exemplo granada —, podia exercer uma fortíssima pressão nas paredes. A 400 metros de altitude, o aparelho é submetido a uma pressão interna de várias toneladas, o que explicaria o rompimento da fuselagem e a ejecção de vários passageiros, devido ao fenómeno da descompressão.

Todavia, nos meios aeronáuticos, a tese do atentado é encarada, por enquanto, contendo o mesmo valor de outra qualquer, pois só a comissão de inquérito disporá de todos os elementos necessários e, nomeadamente, dos fornecidos pelo registador de voo recuperado, para estabelecer as causas exactas da catástrofe.

A diocese de Bilbau contesta uma nota do governo espanhol

BILBAU (Espanha), 5 (EFE-ANI) — A diocese de Bilbau divulgou uma nota a contestar a que no domingo distribuira o Governo espanhol sobre a situação do bispo desta diocese, mons. Antonio Anoveros.

Nas suas observações, a secretaria de meios de comunicação social da diocese de Bilbau diz que o vigário-geral de pastoral, Jose Angel Ubieta, enviou aos sacerdotes, párocos e reitores de igrejas, um escrito como primeira parte de um ciclo de homílias para iluminar à luz da fé alguns problemas relacionados com o mundo actual. E a nota acrescenta que deixava ao cuidado dos reitores a «acomodação do texto oficial».

Contudo — prossegue a nota — no que respeita ao terceiro tema, intitulado «O cristianismo, mensagem de salvação para os povos», se fosse tratado, deveria ser lido integralmente.

Na nota, a diocese assegura que na «sexta-feira, 22 de Fevereiro de 1974, o bispo recebeu uma chamada telefónica do Núncio de Sua Santidade, na qual lhe comunicava que o Governo, conhecedor do texto da terceira homília, se havia dirigido a ele, rogando-lhe que fizesse gestões para que a mesma não fosse divulgada. O bispo observou-lhe que a homília havia sido já distribuída aos párocos e reitores de igrejas», mas dando instruções de que, se fosse lida, o fizessem integralmente».

Depois de desmentir que houvesse tal homília sido apresentada a qualquer meio social de comunicação, «tanto nacional como estrangeiro, nem a nenhuma outra pessoa distinta das indicadas anteriormente», o bispo — igualmente — também negou que houvesse sido divulgada por outro motivo que não fosse o interesse dos párocos e reitores de igrejas.

A nota acrescenta que a homília intitulada «o cristianismo, mensagem de salvação para os povos» foi lida no domingo 24 de Fevereiro na maior parte das igrejas da Biscaia «sem que se registasse, pelo que consta a esta diocese, mais incidentes do que os verificados em três igrejas de diocese».

Na Argentina
Elementos das esquerdas lutaram com a polícia

CORDOVA, 5 (R) — Intenso tiroteio foi ouvido às primeiras horas de hoje nesta cidade industrial da Argentina quando elementos das esquerdas lutaram com a polícia e a mílicia civil das direitas pela quarta noite consecutiva.

Disparos foram ouvidos, pelo menos, numa dezena de áreas da cidade de 800 mil almas.

Os recontros principiaram quando o Senado, em Buenos Aires, começou a debater um pedido governamental para que seja aprovado que as autoridades federais assumam a administração do Estado de Cordova, após uma crise de seis dias que provocou já, pelo menos, sete mortos e 20 feridos.

O decreto rejeitaria reivindicações da direita e da esquerda ao Governo de Cordova. O governador eleito da província, Ricardo Obregon Cano, foi deposto na quarta-feira pela força policial da cidade, que o consideram um marxista, e o peronista «ortodoxo» das direitas Mario Agodino nomeado pelos tribunais, governador interino.

DIZ HENRY KISSINGER:
O embargo do petróleo deve terminar em breve

WASHINGTON, 5 — (R) — O secretário de Estado norte-americano, dr. Henry Kissinger, regressou a noite passada à pátria, vindo do Médio Oriente, e disse esperar que o embargo árabe do petróleo contra os Estados Unidos e a Holanda seria levantado.

Fontes autorizadas desta capital declararam que se o embargo acabar, forças económicas fariam regressar rapidamente a produção de petróleo à média de Setembro último e baixar os preços até ao custo antigo de cerca de sete dólares por barril.

Contudo, funcionários norte-americanos, que regressaram com o dr. Kissinger, recusaram-se a prever quando o embargo imposto por causa do auxílio e simpatia dos Estados Unidos em relação a Israel, poderia ser levantado.

O presidente Nixon previu há seis semanas que seria em breve convocada uma conferência para discutir o embargo. Contudo, a conferência que tinha em mente — uma reunião em Tripoli, em 14 de Fevereiro — foi cancelada.

O presidente Sadat do Egipto informou funcionários norte-americanos que solicitara para breve outra conferência, durante a qual o levantamento do embargo seria discutido.

O vice-presidente Gerald Ford declarou ontem numa entrevista concedida a um jornal que esperava que o embargo árabe do petróleo fosse levantado dentro de um mês.

O actual preço do petróleo é de cerca de 11 dólares por barril, mas fontes desta capital disseram a noite passada calcularem que as medidas de manutenção de reservar tomadas na maioria dos países e os actuais curtos elevados teriam como resultado um excesso do precioso líquido que faria baixar os preços.

CONSPIRAÇÃO DESMENTIDA EM DAMASCO

DAMASCO, 5 — (R) — Fontes oficiais sírias desmentiram hoje as informações de fonte americana segundo as quais foi descoberta uma conspiração palestiniana para assassinar o secretário de Estado Henry Kissinger durante a sua permanência em Damasco na semana passada.

«Essas informações não têm fundamento» — disseram funionários sírios nesta cidade.

Elementos que acompanharam Kissinger na sua viagem ao Médio Oriente disseram ao regressar a Washington ontem à noite que as autoridades sírias foram avisadas de que guerrilheiros palestinianos tinham preparado uma emboscada a Kissinger na mesquita Omayyad, que ele devia visitar na quarta-feira de manhã.

Essa visita não chegou a efectuar-se porque as conversações entre Kissinger e o presidente El Assad se prolongaram para além da hora prevista. Nas suas anteriores visitas a Damasco Kissinger também tinha manifestado o desejo de ver aquela mesquita mas nunca chegou a ter tempo.

Não há por enquanto qualquer reacção da resistência palestiniana às notícias de Washington sobre a suposta conspiração.

A mesquita de Omayyad onde, segundo a tradição, se encontra sepultada a cabeça de São João Baptista, fica num bairro antigo de Damasco onde as ruas estreitas e turtuosas se prestam a uma emboscada.

Elementos da comitiva americana que se dirigiram à mesquita e ali aguardaram em vão a chegada de Kissinger disseram ter visto nas ruas próximas grande movimento de soldados sírios armados de metralhadoras, mas na altura não prestaram muita atenção, atribuindo esse aparato às precauções normais de segurança.

UM CANDIDATO REPUBLICANO DISSOCIA-SE DE NIXON

CINCINNATI (Ohio), 5 (R.) — Um candidato republicano ao Congresso publica hoje anúncios, ocupando páginas inteiras de jornais, nos quais se desassocia do presidente Nixon, numa derradeira tentativa para ganhar uma eleição crucial.

As consultas às urnas que se realizam hoje nesta cidade e na Califórnia, serão os primeiros indicativos da opinião do eleitor desde que novos despachos de pronúncia relacionados com o escândalo Watergate incriminaram na semana passada sete antigos colaboradores de Nixon, incluindo elementos que foram outrora íntimos associados do presidente.

O candidato republicano Willis Gradison indicou que poucas dúvidas tinha acerca dos efeitos do escândalo nas suas possibilidades de continuar a manter este reduto republicano.

Nos anúncios, o corretor da Bolsa, de 44 anos, diz esperar que «todo o sarilho Watergate» não decidiria a eleição, salientando repetidas vezes: «O presidente Nixon não é candidato neste sufrágio».

Dois lugares republicanos na Câmara dos Representantes foram ganhos recentemente por democratas. Uma terceira perda significaria que mais candidatos republicanos poderiam decidir repudiar o seu presidente, a fim de ganharem, o que aumentaria a pressão sobre Nixon para que se demita.

O candidato democrata Thomas Luken, um organizador sindical, de 47 anos, tem atacado violentamente o presidente Nixon por causa do escândalo Watergate desde que o antigo procurador-geral John Mitchell, o ex-chefe do pessoal da Casa Branca, H. R. Haldeman, o antigo conselheiro sobre questões domésticas John Ehrlichman e mais quatro indivíduos foram incriminados na semana passada por obstrução à justiça e por mentirem.

DL/GERAL

O FRANQUISMO E OS ULTRAS

Continuação da pág 3

inexacto. **Há bem trinta anos que o Partido Comunista espanhol renunciou à violência** declara uma personalidade franquista. Um dos advogados dos membros das comissões operárias disse-o ao tribunal. Não podia, evidentemente, convencer ninguém.

Estas controvérsias ou estas divergências não são visíveis no próprio regime entre as discórdias da extrema direita e os sectores mais duros a que é preciso chamar, por comodidade, o «falangismo», muito embora este termo não corresponda já a grande coisa. Mais exactamente, designa tendências tão numerosas e tão antagonistas que os falangistas mais exaltados são companheiros de jornada dos grupúsculos neonazis, ao passo que os mais moderados entre eles se sentam muito próximos das correntes neo-socialistas. Mas é verdade que os partidários, na extrema direita, da violência na rua podem contar com as simpatias activas nos sectores situados mais à direita do regime. Trinta e quatro anos depois do fim da Guerra Civil, a «linha de partilha» fundamental não se modificou em Espanha.

Por duas vezes pelo menos, segundo personalidades bem informadas e próximas do Poder, violências graves e generalizadas, provocadas por «sectores ligados ao falangismo» foram travados à justa. A primeira vez, em 1956, quando um estudante falangista foi morto por manifestantes da esquerda perto da Universidade de Madrid. Comandos da direita quiseram então, diz-se, fazer uma desgraça. Em 1970, na altura do processo de Burgos e da emoção suscitada na opinião pelos críticos estrangeiros, diz-se ainda, falhou a eclosão de uma autêntica noite de São Bartolomeu. São Bartolomeu? A alusão não deixa de ter graça no momento em que os padres, que reclamam o exercício de **verdadeiras liberdades** e **a justiça social**, andam pelas ruas da amargura.

A Igreja de Espanha, pilar de base do regime franquista durante a Guerra Civil e depois dela, debate-se com problemas de consciência, dúvidas e inquietudes. Convém, no entanto, não passar de um julgamento extremo a outro. Nem toda a Igreja enfileirou, em 1936, ao lado da «cruzada». Durante a Guerra Civil, no país basco, muitos numerosos membros do clero se mantiveram resolutamente fiéis à República. Muitos deles pagaram com a vida esta coragem ou esta fé. Não surpreende, pois, que as tomadas de posição mais enérgicas provenham, ainda hoje, dos bispos do país basco. Dois deles, pelo menos, intervieram muito recentemente junto do general Franco para que a situação dos padres encarcerados em Zamora seja tomada seriamente em consideração. Seria, porém, um erro situar todo o episcopado espanhol numa posição de reserva, senão mesmo de franca hostilidade relativamente ao regime.

Distâncias consideráveis, se se pensar na situação de partida, são mantidas e são pronunciadas posições de guarda. Foi assim que monsenhor Tarancon, cardeal-arcebispo de Madrid, foi, em Dezembro último, a ponto de reclamar publicamente o exercício das liberdades elementares. Porém, nem todas as pontes estão cortadas e numerosos bispos continuam ligados ao Governo. Desejosos de favorecer a aplicação das resoluções do Vaticano II, muitos dignatários da Igreja consideram, portanto, não ser rejeitados «no campo dos vermelhos». A hostilidade manifestada para com eles por uma parte da população madrilena, no dia dos funerais do almirante Carrero Blanco, atingiu-os, no exacto sentido do termo.

UMA CARTA DO ALMIRANTE

No sábado 22 de Dezembro, um vivo incidente opõe o cardeal Tarancon a um dirigente dos «guerrilheiros do Cristo-Rei» que insulta o arcebispo. A cena passa-se na Igreja de **São Francisco, o Grande, onde tem lugar um serviço solene** pelo almirante Carrero Blanco. O Caudilho está presente, assim como o príncipe Juan Carlos e todos os membros do Governo. É um ministro que tem de se interpor para evitar o escândalo. É emoção? É a recordação das invectivas da véspera **na Castellana? O cardeal** Tarancon faz sensação recordando à assistência uma passagem de uma carta que lhe fora endereçada pelo almirante Carrero Blanco. O desaparecido escrevia-lhe: **Saiba, senhor Cardeal, que é mais importante para mim ser filho da Igreja do que ser vice-presidente do Governo...** E o arcebispo de Madrid acrescenta: **Nós somos, na conferência espiscopal, bispos que amamos apaixonadamente a Igreja. E estamos disposto a servi-la pelo preço dos grandes sacrifícios. Mas somos, também, espanhóis. Amamos a nossa pátria com paixão e estamos prontos a sacrificar-nos por ela.**

Segundo uma personalidade bem informada, o arcebispo de Madrid, acompanhado por uma escolta especial, teria então **deixado Madrid no sábado** à tarde a fim de passar alguns dias de repouso na província. Tê-lo-ia feito para se pôr ao abrigo de possíveis violências, até que os ultras mais enervados se acalmassem.

Ainda no dia das exéquias, o cortejo fúnebre fizera uma paragem por alturas da Praça Castelar. Várias centenas de braços levantados saudavam para a direita a igreja dos jesuítas, **onde o almirante encontrara a morte.** A atmosfera estava agitada. À noite, Blas Pinar, acompanhado de um milhar de simpatizantes, dirigia-se à Rua Caludio-Coello e arengava assombrada, a alta fachada do convento e a cornija escoriada, por baixo do telhado, traço da passagem do **Dodge** do presidente do Governo. A manifestação dos integristas era rapidamente dispersa pela polícia que não estava disposta, desta feita, a correr riscos.

Também neste caso as ordens vieram de muito alto. Segundo os seus íntimos, o general Franco reagiu com um grande sangue-frio à morte do seu mais íntimo colaborador. **Todo es atado, y bien atado,** disse. **(Tudo está ligado, e bem ligado).** E insistiu: **Nada deve mudar... Engripado, inquieto com a saúde de sua mulher, D. Carmen,** muito doente, diz-se, o Caudilho levantou-se na sexta-feira para receber, no Palácio do Pardo, o vice-presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, e o Presidente do Conselho português, Marcello Caetano. Ao enviado de Nixon, que se extasiava, por cortesia, perante as tapeçarias de um salão de recepção, o Caudilho respondeu com uma palavra de humor. E não foi um homem abatido que leu, no domingo 30 de Dezembro, a sua mensagem de fim de ano pela televisão.

Mas é, no entanto, um homem muito mais desligado do controlo directo dos assuntos do Governo. Em Junho de 1973, o almirante Carrero Blanco havia, ele próprio, composto a sua equipa. Com excepção de um único ministro, Carlos Arias Navarro, nomeado para a governação a instâncias do Chefe do Estado. É claro que Arias Navarro, nomeado presidente do Governo, optou pelo mesmo procedimento. Rodeou-se, também ele, de homens devotados à sua pessoa **e que lhe parecem fiéis à pessoa** do Caudilho, falangistas porque não é possível deixar de o ser, mas singularmente afastados das lutas tradicionais de clãs, mais técnicos do que políticos, partidários de uma ordem firme e, se possível, justa. É bem a vingança de recomposição de Outubro de 1969, ordenada por Carrero Blanco e por Lopez Rodó, e que tanta amargura tinha suscitado nos grupos tão variados do regime. Foi também a confirmação da estocada dada em Junho de 1973.

A maneira como o Governo havia sido remodelado em Junho de 1973 tinha indirectamente em conta o movimento de contestação violenta de 7 **de Maio. O laerta ainda estava** fresco. Vários milhares de polícias tiveram de ser postos na rua em atitude de vigilância e os sinais de indisciplina multiplicavam-se.

Em Janeiro de 1974, como em Junho de 1973, nenhum porta-voz conhecido dos ultras foi convidado para dirigir um ministério. E o chefe militar aparente da direita «dura», o general Iniesta Cano, deve, em princípio, passar à reforma dentro de três meses. Porém, em Janeiro de 1974, como em Junho de 1973, a pressão dos ultras contribuiu para reforçar o carácter autoritário e «personalizado» do Governo. À saída da reunião do conselho do reino, encarregado de estabelecer a lista dos três candidatos à presidência, era o velho dirigente Girón quem arvorava o sorriso mais satisfeito. José Antonio Girón, caminha dificilmente em consequência de um desastre de viação. Mas é, por certo, um dos antigos ministros menos «esquecidos» na longa lista dos colaboradores dispensados pelo general Franco há trinta anos a esta parte. Ligado a certos militares «azuis» (por referência à Divisão Azul), ainda em actividade ou na situação de reforma, ele representa uma corrente falangista populista que não vê a necessidade de uma restauração monárquica para a conquista das massas trabalhadoras por parte do regime.

Ao agradecer, simultaneamente, aos tecnocratas da tendência Lopez Rodó e aos falangistas oportunistas da linha Fernandez Miranda, o novo presidente do Gocerno deu esperanças mas não certezas, aos partidários de uma ordem nova, mas próxima dos «primeiros ideais» do Movimento do que das «fantasias evolucionistas» dos homens instalados progressivamente no Governo desde 1959 pelo almirante Carrero Blanco.

Índia: a crise do Gudjerat e a juventude

NOVA DEHLI — Se o Governo Federal indiano tomou directamente o encargo da administração do Gudjerat, é porque as perturbações que tiveram lugar neste Estado desde o começo do ano acarretaram já a morte de mais de sessenta pessoas: os danos causados nas lojas e nos edifícios públicos, pilhados e incendiados, são também consideráveis. O fogo-à-vista foi imposto de modo prolongado em várias cidades: os estabelecimentos escolares tiveram de encerrar as suas portas. O Ebército foi encarregado de estabelecer a ordem.

Ninguém poderia acreditar que tais perturbações rebentassem no Estado de Mahatma Gandhi, o apóstolo da não-violência. Mas deparamos também aqui com poderosos interesses rurais, uma classe de comerciantes e industriais pouco «esclarecidos» e um proletariado operário empregado principalmente na indústria têxtil. A causa inicial das perturbações foi a alta dos preços e a penúria de cereais. Assistimos posteriormente à conjunção de três movimentos de protesto: o dos proprietários de terras e fabricantes de óleo vegetal e dos grossistas em grãos e em óleo que procuravam ditar as suas leis ao Governo local (os grandes agricultores, por exemplo, conservam as colheitas, retendo-as, para especular com os preços, contribuindo assim para agravar a penúria: opõem-se também à fixação de um máximo sobre a extensão das propriedades e de uma taxa sobre o arroz); o de membros da família política congressista procurando simplesmente reconquistar o Poder que lhes fora retirado pela equipa em exercício há seis meses; finalmente, o movimento mais combativo, o dos estudantes reclamando igualmente a deposição de diversos ministros acusados de corrupção.

O Governo que acaba de ser forçado a demitir-se tinha demonstrado a sua ineficácia e era presidido por uma personalidade pouco escrupulosa. C. Patel assentou, com efeito, largamente a sua base política em práticas duvidosas, e foi distribuindo subornos que favoreceram a queda do precedente poder local em seu próprio favor.

A INTERVENÇÃO DE NOVA DELHI

A revolta popular escapou rapidamente ao controlo das formações políticas tradicionais e dos sindicatos. Um jornalista de **All India Radio**, a voz do Governo indiano, pode falar de «aparecimento pela primeira vez na Índia de um poder estudantil». Os estudantes tomaram a iniciativa das manifestações, mas grupos de jovens entre os quinze e trinta anos, originários de meios sociais baixos e pobres, ou das castas inferiores, desempenharam um papel importante. A crise do Gudjerat sublinha as intervenções cada vez, mais frequentes do Governo Federal nos assuntos internos dos Estados federados. Todas as crises locais se desenlaçam doravante na capital nacional. Mas enquanto que o regime de administração directa era imposto outrora porque crises parlamentares não encontravam soluções políticas, é-o agora em circunstâncias bem mais graves: ameaça de divisão do Andrha-Pradesh (1972-73); levantamento de forças para-militares do Uttar-Pradesh (1973). Ora, o Governo do Gudjerat, apesar da crise que levou à sua demissão, dispôs até ao fim da maioria na Assembleia Legislativa provincial.

GÉRARD VIRATELLE

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE A LÍBIA E A TUNÍSIA

Vizinhas e situadas, uma e outra, na encruzilhada das grandes rotas vindas do fundo do Sahara ou que correm ao lado da margem africana do Mediterrâneo, a Tunísia e a Líbia conheceram durante muito tempo destinos paralelos senão comuns. A mesma população berbere as habita na aurora da história e Cartago estabelece alguns dos seus principais entrepostos comerciais na costa da Líbia. Igualmente submetidos por longos séculos, à autoridade de Roma, depois de Bizâncio, os dois países são atravessados no século VII aC pela cavalgada conquistadora de Sidi Oqba, da Cirenaica a Tripolitânia. Se cada um dos dois países, em épocas diferentes, conhece experiências de independência, um e outro caiem sob a alçada do império otomano sob a qual permanecem até ao século passado.

CONQUISTA ITALIANA E PROTECTORADO FRANCÊS

É então que destinos diferentes se desenham para a Líbia e para a Tunísia. A Tunísia torna-se protectorado francês, pela convenção de Marsa, desde 1883. A Itália em compensação não adquire direitos sobre a Líbia senão em 1912, pelo tratado de Ouchy que põe fim à sua guerra com a Turquia. Mesmo assim, as forças italianas deverão proceder no começo dos anos 20, após a primeira guerra, a uma verdadeira reconquista da sua colónia. Abandoná-la-ão definitivamente depois da derrota de Mussolini frente aos aliados, no decurso da Segunda Guerra e a Líbia é então colocada sob administração britânica temporária. Ascende à independência em 24 de Dezembro de 1951, depois da promulgação de uma Constituição e da proclamação como soberano do rei Mohamed Idriss El Senussi.

Em Tunis, no entanto, apesar do aparecimento do movimento nacionalista de Neo-Destur, em 1934, o regime de protectorado francês sai aparentemente reforçado da Segunda Guerra. Serão necessários quase dez anos de luta pela independência, assinalados pelo terrorismo, a repressão e as detenções de dirigentes nacionalistas, para que a autonomia seja prometida (em 1954) e depois a independência concedida (em 20 de Março de 1956) à Tunísia. No ano seguinte, torna-se uma república, cujo primeiro presidente é Habib Burguiba.

FORTES DIFERENÇAS

Também na actualidade fortes diferenças marcarão a vida política na Líbia e na Tunísia. Enquanto esta última, dotada de uma Constituição prevendo a eleição por sufrágio universal tanto do chefe de Estado como da Assembleia Nacional, se orienta sem convulsões graves sobre a via de um regime presidencialista fortemente personalizado, dominado por Burguiba, a Líbia, pelo contrário, é teatro de uma onda revolucionária que, desde o começo dos anos 60, ameaça o rei Idriss. Este dissolve o Parlamento líbio em 1964 e a despeito da nova riqueza do petróleo o país fecha-se sobre si próprio num regime monárquico e conservador tradicionalista. Mas nem por isso as tensões diminuem e, a 1 de Setembro de 1969, um golpe de Estado expulsa o velho rei Idriss e substitui-o por um Conselho da Revolução, presidido por um jovem oficial de vinte e sete anos, o coronel Gaddafi. Uma parte dos novos dirigentes desaparece no mês de Dezembro do mesmo ano na sequência de uma conspiração abortada, mas o regime, sob a direcção pessoal de Gaddafi, permanece fiel aos princípios que se fixou desde o primeiro dia. O Conselho da Revolução é a única instância que gere os negócios da República Árabe Líbia, que se pretende ao mesmo tempo socialista e islâmica. («Le Monde»/«DL»).

Serviço telefónico automático na aldeia das Pias

Integrada no grupo de redes de Estremoz, a Aldeia das Pias passa a beneficiar de serviço telefónico automático a partir de hoje.

Com a introdução deste sistema, os assinantes passarão a poder estabelecer ligações directamente entre si e com os das 13 redes já automatizadas do mesmo grupo, constantes na lista que lhes foi oportunamente distribuída.

A nova central encontra-se equipada com uma estação automática terminal de selectores, concebida pelos serviços especializados dos CTT e fabricada pela indústria nacional. Para a sua entrada ao serviço foi necessário montar, também, uma rede local e uma outra regional.

CORRETORES DA BOLSA

Foi fixado em dez o número máximo de corretores adstritos à Bolsa de Valores de Lisboa, através de uma Portaria do secretário de Estado do Tesouro hoje publicada.

ESTABELECIMENTOS ASSALTADOS

O piquete da Polícia Judiciária registou, ontem, quatro assaltos a estabelecimentos comerciais, todos eles por arrombamento: numa casa da Rua Prof. Reinaldo Santos os assaltantes furtaram 18 contos em electrodomésticos e mais 500 escudos em dinheiro; na Estrada da Falagueira, 39-B, calças de senhora, no valor de 15 000 escudos, foram o objecto do furto; na Rua de Campo de Ourique, 105, levaram 12 contos em sapatos e botas; finalmente, na Rua da Penha de França 139-F, foram roubados 1200 escudos de tabaco e 700 escudos em moeda.

DL/GERAL

ESTHER VILAR EM LISBOA:

A mulher que "subjugou" os homens

Eis a questão; os homens, seres fortes, inteligentes e ricos de fantasia, deixam-se explorar completamente pelas mulheres, que não passam de criaturas fracas, estúpidas e desprovidas de fantasia. Porque é preciso acabar com esta injusta e degradante situação, Esther Vilar escreveu um livro, que pretende ser uma «chamada de atenção». Subjugados, os homens da editora que a lançou em Portugal, trouxeram-na cá, para que pessoalmente expusesse a sua teoria, já que o seu objectivo «até nem é o de ganhar dinheiro com esta obra, mas sim chamar a atenção para um problema que existe».

De tudo isto, resultou que uma dúzia de jornalistas compareceram num hotel do Marquês de Pombal, para fazerem perguntas à escritora que nos últimos tempos conseguiu publicar o livro mais original (que se saiba) sobre as relações entre homens e mulheres; de tal modo que, segundo reza um artigo publicado no «The New York Times», devidamente traduzido, fotocopiado e distribuído aos jornais, se trata de **um best-seller no original alemão, tendo sido já publicado em 18 línguas, incluíndo países como Portugal, a Grécia, Groenlância e também os Estados Unidos.**

Rodeada de pessoas que pareciam tomá-la muito a sério, apesar de Esther Vilar ter confessado não constituir uma excepção e, portanto, ser tão estúpida como as outras mulheres, não ultrapassando o nível de inteligência de uma criança de doze anos (**Este livro podia ter sido escrito por uma criança de doze anos,** salientou ela), Esther Vilar repisou a teoria desenvolvida no livro que lhe deu nome.

(E também adiantou alguns elementos. Assim, no seu livro fala dos homens e das mulheres, em geral, passando por cima das classes sociais e marinhando-se nos sistemas económicos e políticos; no entanto, durante a conferência de Imprensa, pressionada por insistentes perguntas, acabaria por cingir as suas considerações **às classes média e alta dos países de capitalismo avançado.** O que, airosamente, excluía os portugueses e portuguesas que a escutavam, por dever de ofício).

UM BOM NEGÓCIO

Os homens, constituem, como se disse, os únicos seres belos e inteligentes da criação. A sua inteligência é posta ao serviço da mulher : é para ela que trabalham. E porquê? Ora, porque estão amestrados para isso, desde a mais tenra infância. Porque o seu instinto sexual é tão forte que não podem prescindir das mulheres. As mulheres são, portanto, aquilo que o leitor está a pensar. Os homens — o leitor... — são seus escravos. Infelicidade? Pior do que isso: desgraça. E que de tal modo amestrados para serem escravos, os homens acabam por ser felizes assim. **Funciona o modelo do prazer na falta de liberdade:** o que permite à mulher consolidar o seu poder despótico.

Bem-estar do corpo, um ninho e a possibilidade de observar, sem obstáculos, as normas da criação da sua ninhada são para ela o máximo. Só por as mulheres serem tão limitadas, os homens não valem nada para elas. **No mundo das mulheres,**

só contam as outras mulheres. Ou para além da função de sustentador, a mulher não liga qualquer importância ao homem. Quer mais? **Desgosto de amor é, para uma mulher, na melhor das hipóteses, a sensação de que se esfuma um bom negócio.**

Eis porque os homens, incluindo os psicólogos, têm tanta dificuldade em compreender as mulheres: eles não conseguem atingir a sua estupidez.

Quando uma pilha de toalhas engomadas se encontra arrumada na gaveta respectiva do armário, quando um assado fica tostado dos dois lados igualmente, quando uma madeixa cai sobre a testa da maneira desejável, quando o tom rosa de um verniz de unhas combina bem com o do baton, quando flutuam ao vento peças de roupa muito bem lavadas, quando se alinham dez pares de sapatos acabados de engraxar, quando os vidros das janelas estão tão brilhantes que cegam os transeuntes, quando o marido partiu a horas para o trabalho e os filhos brincam pacificamente ao sol, está finalmente em ordem o mundo das mulheres. É nessas horas que se encontram no auge da sua capacidade de gozo, a sua sensação de felicidade é inexcedível.

Esther Vilar dixit.

AS SUAS PERNAS MUSCULOSAS

Em contrapartida, os homens constituem o sexo mais belo: **Com os seus corpos elegantes treinados pelo trabalho, os seus ombros fortes, as suas pernas musculosas, a sua voz melodiosa, o seu riso quente e humano, a expressão inteligente do seu rosto e os seus movimentos equilibrados — deixam a perder de vista tudo o que a mulher algum dia pudesse ser, mesmo contemplando-a sob o prisma de simples criatura.**

Simplesmente, acontece que os homens são belos sem o saberem.

E que só se fala da beleza (falsa) das mulheres. **Porém, quando se fala do homem, elogia-se quando muito a sua coragem, a sua valentia, a sua determinação — uma série de atributos que se referem à sua possibilidade de utilização para os fins das mulheres e nunca do seu aspecto exterior. Parece que, fora dos livros de ensino médico, não existe nenhuma descrição do homem que se detenha muito tempo sobre a forma dos seus lábios, a cor dos olhos sujeita a esta ou aquela iluminação, o forte crescimento dos seus cabelos, a delicadeza dos seus mamilos,**

Contente, leitor?

UM SERVIÇO PRESTADO

Não se embriague, porém, Esther Vilar acabaria por dizer, perante a observação de um jornalista, que não pretendeu lisonjear os homens. Pois se eles se deixam subjugar por seres inferiores... Porque é que isso acontece, em última análise, é que a original anti-feminista não soube explicar. No seu livro, ela bem fala das técnicas de amestração utilizadas pela estúpida da mulher, desde o elogio (**como está viciado, precisará cada vez mais de aplauso** e a mulher é o seu **elogiador privativo**), passando pela auto-humilhação (**a mulher, chamando desprezível a tudo quando faz, leva o homem a tomar o resto a seu cargo**), até à religião (**as igrejas e outras comunidades de crença estão há muito tempo convertidas em instrumentos das mulheres, e não fazem porventura outra coisa que aquilo que elas exigem).** Mas, como é que esta situação se formou, ignora. E que fazer? Vingar-se no sexo? Inútil:

Nem os movimentos feministas resultam (**a mulher emancipada é tão estúpida como as outras**), nem o amor consegue salvar o homem, leitor humanista (**o amor para a mulher significa poder, para o homem submissão**).

Nada a fazer. O livro de Esther Vilar é, para os homens, de um extremo péssimismo: **O mundo continuará, pois, a mergulhar, neste «kitsch», nesta barbárie, nesta imbecilidade que é a feminilidade, e os homens, esses sonhadores maravilhosos, jamais acordarão dos seus sonhos.**

Ou seja: de nada valeu a Esther gastar o seu latim.

REGINA LOURO

Indemnização

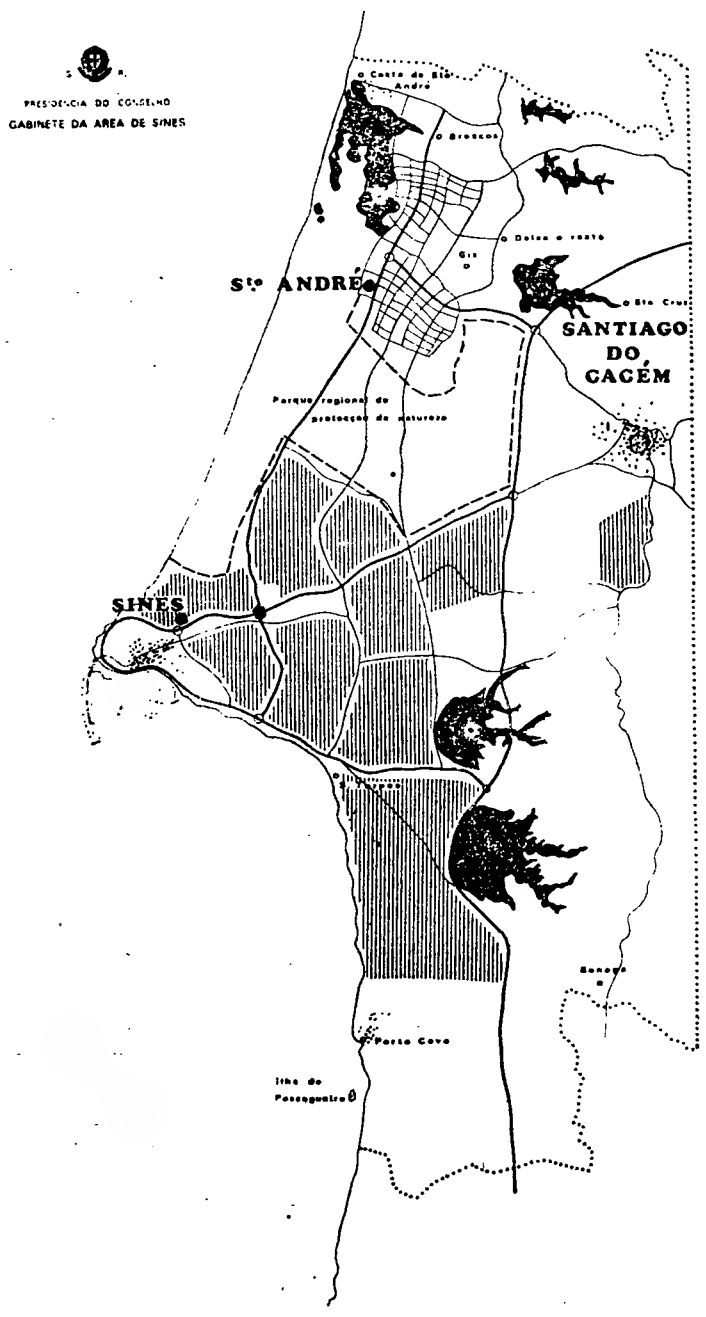
Um negociante de 42 anos, que afirma ter ficado paralisado depois de ser submetido a uma operação num hospital do Estado israelita, processou o Governo, exigindo uma indemnização de 5 milhões de libras israelitas (aproximadamente 30 mil contos).

Trata-se, segundo a Imprensa israelita, da maior reivindicação do género ao Governo.

Durante uma operação realizada no Centro Médico de Sheba, perto de Telavive, alega o negociante, um nervo da espinal medula foi danificado, resultando na completa paralisia da metade inferior do seu corpo.

Acrescentou não ter sido avisado previamente do perigo que a operação envolvia.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por TABACARIA MIMO Américo dos Santos Gaspar, Avenida Marginal, 2 — ALGUEIRÃO



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

GABINETE DA ÁREA DE SINES

CONCURSOS PÚBLICOS PARA ADJUDICAÇÃO DAS EMPREITADAS N.OS

1/74

Construção de Duas Passagens Inferiores da R 52 no Nó de Sines.

Faz-se público que no dia 9 de Abril de 1974, pelas 10 horas, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines, Rua Artilharia Um, n.º 33, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada n.º 1/74 (Construção de Duas Passagens Inferiores da R 52 no Nó de Sines).

O concurso é por série de preços, com o preço base de esc. 7.500.000$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Prestar caução provisória de esc. 187.500$00 a favor do Gabinete da Área de Sines;

b) Ser titular do alvará de empreiteiro de obras públicas da III categoria ou da 2.ª subcategoria da III categoria e da classe correspondente ao valor da proposta;

c) Fazer entrega da proposta até às 12 horas do dia 8 de Abril de 1974, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines.

2/74

Construção de uma Escola Primária com 10 Salas de Aula em Santo André.

Faz-se público que no dia 9 de Abril de 1974, pelas 15 horas, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines, Rua Artilharia Um, n.º 33, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada n.º 2/74 (Construção de uma Escola Primária com 10 Salas de Aula em Santo André).

O concurso é por série de preços, com o preço base de esc. 6.182.000$00.

Para ser admitido a concurso é necessário:

a) Prestar caução provisória de esc. 154.550$00 a favor do Gabinete da Área de Sines;

b) Ser titular do alvará de empreiteiro de obras públicas de I categoria ou da 1.ª subcategoria da I categoria e da classe correspondente ao valor da proposta;

c) Fazer entrega da proposta até às 17 horas do dia 8 de Abril de 1974, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines.

3/74

Construção do Nó Rodoviário no Cruzamento das Via R 41 e R 52 com uma Extensão de 8.349 metros, e de parte da Via R 52 com uma Extensão de 5.217 metros.

Faz-se público que no dia 10 de Abril de 1974, pelas 10 horas, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines, Rua Artilharia Um, n.º 33, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada n.º 3/74 (Construção do Nó Rodoviário no Cruzamento das Vias R 41 e R 52 com uma Extensão de 8.349 metros, e de parte da Via R 52 com uma Extensão de 5.217 metros.

O concurso é por série de preços, com o preço base de esc. 66.236.181$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Prestar caução provisória de esc. 1.655.904$50 a favor do Gabinete da Área de Sines;

b) Ser titular do alvará de empreiteiro de obras públicas da IV categoria ou da 1.ª subcategoria da IV categoria e da classe correspondente ao valor da proposta;

c) Fazer entrega da proposta até às 12 horas do dia 9 de Abril de 1974, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines.

A documentação do concurso poderá ser consultada de 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas na sede do Gabinete da Área de Sines, sita no Largo Ramos Costa, em Sines, ou na delegação em Lisboa, secretaria da Divisão de Projectos da Direcção de Serviços do Centro Urbano, Rua Artilharia Um, n.º 33 - 4.º

O DIRECTOR DO GABINETE — *António da Silva Martins*, Eng.

DL/NACIONAL

MÍNIMO DE 18 DIAS DE FÉRIAS PARA OS TRABALHADORES DAS FÁBRICAS DE MATERIAL ELÉCTRICO

Terminou a fase de arbitragem do Contracto Colectivo de Trabalho dos Fabricantes de Material Eléctrico, o qual envolve os interesses duns 60 000 trabalhadores em todo o País, aguardando-se agora que a homologação seja dada pelo ministro das Corporações e Segurança Social.

Na reunião realizada ontem à noite no Sindicato dos Profissionais de Escritório foram analizadas algumas cláusulas do que se espera venha a ser o novo Contrato. Assim, o período normal de trabalho não poderá ser superior a 44 horas semanais, ficando para 1975 a redução para as 42 horas. Em relação ao subsídio de Natal consta o correspondente a 1/12 da retribuição mensal por cada mês de presença no ano civil a que disser respeito, com pagamento até cinco dias antes do Natal. Todos os trabalhadores abrangidos pelo Contrato passam a ter um período mínimo de dezoito ou vinte e seis dias úteis de férias, conforme estejam há menos de oito anos ou há oito, ou mais, ao serviço da entidade patronal.

No início das férias será dado um subsídio igual ao valor da retribuição correspondente ao período de férias que conpetir.

Em relação a diuturnidades ficou estabelecido que com três anos tem mais 5 por cento, com seis anos tem mais 10 por cento, com nove anos tem mais 15 por cento e com 12 anos tem mais 20 por.cento.

A retribuição do trabalho extraordinário estabelece que não se pode prestar mais de 2 horas por dia, até ao máximo de 240 por ano, sendo as remunerações respectivas de 50 por cento em dias úteis, se diurno. 100 por cento em dias úteis, se nocturno e dias feriados e domingos. No caso de trabalho nocturno, nesses dias feriados a percentagem será de 150 por cento. Pela primeira vez num CCT, ao nível nacional, haverá promoção de 3.os a 2.os.

Estes alguns dos aspectos principais que ficaram estabelecidos, depois da arbitragem entre as posições dos Sindicatos e o Grémio dos Fabricantes de Material Eléctrico.

Foram levantados por sócios presentes, alguns problemas, nomeadamente sobre o facto de muitos sócios não terem recebido as circulares onde se informava sobre as condições saídas da arbitragem, e de não se saber, a não ser por dois jornais da convocação da reunião. A Direcção do Sindicato dos Profissionais de Escritório acabou por ser, assim, alvo de acusações relativas ao seu desinteresse em informar e mobilizar os trabalhadores.

Uma outra questão abordada, nesta linha, foi a do número escasso de presenças. Esperar-se-ia que os trabalhadores acorressem em número de largas centenas, pois que se tratava de saberem e discutirem sobre o seu aguardado Contrato Colectivo de Trabalho, mas só compareceram à volta de centena e meia de pessoas. A próxima reunião realiza-se, também na Rua do Alecrim, 46, no próximo dia 2 de Abril.

SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL:

"ALGO ESTÁ ERRADO"

O subsecretário de Estado da Segurança Social, dr. Duarte Ivo Cruz, deslocou-se ontem ao distrito de Castelo Branco, em visita de trabalho.

Participou, nomeadamente, numa reunião efectuada naquela cidade com os presidentes das Câmaras, provedores das Misericórdias e dirigentes das instituições de assistência do distrito.

Usando da palavra, e referindo-se a um recente despacho do ministro das Corporações e Segurança Social, que dispensa da aprovação prévia os orçamentos daquelas instituições inferiores a 500 contos, o dr. Ivo Cruz salientou:

. **Tal medida, abrangerá mais de 67 por cento do total de instituições. Estas são, ao todo, para cima de 1.500, no Portugal Metropolitano; e delas, quase metade têm orçamentos inferiores a 200 contos anuais — uns 17 contos por mês, na melhor das hipóteses...**

Se conjugarmos estes números assustadores, com um montante global de 4 milhões de contos, estimado com pequena margem de erro, para o património do conjuxnto das instituições verificamos que algo está errado. Algo que não tem nada a ver com o espírito que anima essas instituições; algo que transcende a devoção e dedicação admirável de quem as dirige; e que, em suma, urge corrigir, para bem das instituições e dos benefícios, para bem de todos nós.

A MAIORIA DOS BANCÁRIOS APOIA A DIRECÇÃO DO SINDICATO

Prosseguiu ontem à noite na Voz do Operário a assembleia-geral extraordinária do Sindicato dos Empregados Bancários de Lisboa para apreciar o último ponto da ordem de trabalhos e que dizia respeito à análise e discussão de aspectos relacionados com a actividade interna do Sindicato.

Da sessão efectuada e que reuniu várias centenas de associados, ressaltou o apoio esmagador manifestado pela maioria em relação à direcção do Sindicato.

Uma moção propondo um voto de confiança à direcção foi aprovada pela quase totalidade da classe, tendo sido precedida de discussão

A direcção do Sindicato esclareceu sempre posições quando porventura algum dos oradores levantava objecções à linha de actuação seguida, nomeadamente no caso recente em que a direcção teve de prestar declarações e cujos resultados não manteve no sigilo como fora afirmado e ainda ao facto de ter nomeado o sócio Daniel Cabrita para representante da comissão organizadora sobre previdência, pois é um tema importantíssimo e as direcções sindicais, como foi afirmado, devem ter a liberdade de nomear pessoas da máxima confiança.

As afirmações proferidas pela ex-directora Maria de Fátima na sua declaração de voto e relativa a Daniel Cabrita causaram viva agitação na sala, que o presidente da mesa prontamente sanou considerando que a oradora se afastara do sentido que determina a declaração de voto, não a autorizando a continuar no uso da palavra.

Por último, foi aprovado também por larga maioria um voto de censura e de desconfiança em relação áquela sócia, e a Fernanda Moura Palhaça e António Ferreira Guedes, tendo em consideração todo o processo desenrolado nestes últimos tempos dentro da vida do Sindicato.

Deste modo foi dada por encerrada a assembleia-geral extraordinária dos empregados bancários, que se arrastou durante três sessões, mantendo-se inequívoca o apoio dado à direcção pela maioria da massa associativa presente.

De quem é a pistola

. Ontem, pelas 16 e 30, Maria da Luz Carvalho surpreendeu em sua casa, na Rua Luciano Cordeiro, um estranho, António Manuel, de 19 anos, serralheiro, natural de Lisboa, que, segundo a acusação ali se teria introduzido na intenção de roubar. Chama a Polícia, foi imediatamente detido. Ao ser revistado verificou-se que trazia consigo uma pistola de guerra Walter e dois bilhetes de identidade.

TEATRO INFANTIL NO PORTO PELO GRUPO "SEIVA TRUPE"

PORTO, 5 — O grupo de teatro «Seiva Trupe» do Porto volta hoje, às 18 horas, aos Modestos, com teatro infantil: «Musicalim na Praça dos Brinquedos», de Stella Leonardos, numa encenação de Júlio Cardoso. O espectáculo é oferecido às crianças internadas em algumas instituições de assistência da cidade portuense. A propósito falámos com o encenador e alguns dos onze elementos que integram actualmente o grupo.

Não vamos fazer sempre teatro infantil. A escola para nós representa apenas um dos caminhos possíveis para o teatro em que mais importa trabalhar, até porque a sua produção nesta zona tem sido praticamente nula. Mas na verdade não se trata de estarmos especialmente voltados para o teatro infantil. O nosso segundo espectáculo será para um público adulto. Já tivemos reuniões de entre os vários textos estudados sairá brevemente um em que vamos trabalhar. Esta peça, num certo sentido, pode considerar-se tradicional, mas deixa de o ser quando o seu mundo não é o das «fadas» e do «maravilhoso» alheio ao mundo real das crianças. É uma peça que fala de realidades, de um problema humano.

Esta peça corresponde a uma opção dentro das intenções teatrais do grupo e foi já representada no Porto e noutras localidades (Santo Tirso, Guimarães, Póvoa de Varzim, Famalicão e Aveiro) havendo já diversos contactos com outras localidades do Norte para futuras representações. Quanto à experiência colhida neste contacto com crianças de diversos lugares, dizem-nos os elementos do grupo:

Temos pedido sempre às crianças, a quem distribuimos uma folha de papel, que se manifestem sobre o espectáculo que viram, quer pela palavra, quer pelo desenho. Recebemos centenas de trabalhos e devemos salientar que muitos ensinamentos temos já recolhido, com vista ao enriquecimento do espectáculo. Realmente, pelo modo como se manifestam em relação ao que viram, são elas que nos revelam o seu próprio mundo e o seu entendimento das coisas. E é isso que é determinante quer para sabermos o que mais lhes interessa quer para a sua participação no espectáculo teatral. Por outro lado, notamos que as melhores reacções acontecem quando o público é essencialmente de crianças. Temos tentado isolar as crianças dos adultos e verifica-se que é maior a sua receptividade, mais espontânea e mais natural.

«O TEMPO O DIRÁ»

A partir de meados deste mês o grupo «Seiva Trupe» vai levar esta peça infantil às escolas do Porto, por acordo com os Serviços Culturais da Câmara Municipal. Será também uma compensação económica para um grupo que não dispõe de quaisquer subsídios. **Até que ponto podemos subsistir, o tempo o dirá.**

Um dos objectivos fundamentais deste grupo, que projecta ser uma companhia itinerante, é estabelecer intercâmbio com outros grupos independentes, nacionais e estrangeiros. Assim, em fins de Março apresentarão no Porto um grupo de teatro da Galiza, o «Teatro Circo de Artesans», com a peça «Entremez Famoso sobre a Pesca do Rio Minho», de Gabriel Feixo'o de Arau'xo.

Grande problema, neste momento **é descobrir um barracão, um armazém qualquer onde possamos trabalhar. Temos ensaiado no Grupo dos Modestos mas temos grande necessidade de um local.**

Projectos para este grupo surgido em Outubro do ano passado: **Não nos faltam, naturalmente. Todavia, preferimos trabalhar a falar e a seu tempo serão divulgados. O tempo nos dirá até aonde podemos ir. Estamos cansados de assistir a manifestos e a grupos que por isto e por aquilo não podem cumprir. Preferimos esta nossa prática.**

Prática que agora se chama «Musicalim na Praça dos Brinquedos» e está hoje nos Modestos, sem «fadas» nem «maravilhas» para crianças do Porto.

A Lisnave em Moçambique

A agência Lusitânia distribuiu ontem a seguinte notícia, datada de Lourenço Marques:

«Segundo a revista «África Development», vão ser instalados em Nacala, Beira e Lourenço Marques grandes estaleiros de reparações navais.

O início das obras deve verificar-se em 1975, em Nacala, e a intervalos de um ano seguir-se-ão os estaleiros da Beira e Lourenço Marques.

O total do empreendimento representa um investimento de seis milhões de contos — o maior de Cabora Bassa — criando seis mil novos postos de trabalho.

De acordo com a mesma fonte, a iniciativa pertence à Lisnave.

CONFIRMAÇÃO PARCIAL

N.R. Contactado pelo nosso jornal para confirmar este telegrama da Lusitânia, um informador da Lisnave garantiu-nos tratar-se da repetição pura e simples de uma notícia publicada há vários meses num jornal diário de Lourenço Marques.

Como nessa altura já aconteceu, a Lisnave declarou não ter a notícia completo fundamento, uma vez que **apenas foi apresentado um requerimento da Lisnave para construção de um estaleiro de reparações navais em Lourenço Marques**. Segundo o nosso informador o Governo-Geral de Moçambique ainda não se pronunciou sobre o aludido requerimento.

Procurámos ainda saber a quanto monta o investimento previsto para o estaleiro de Lourenço Marques, caso o Governo-Geral dê o seu parecer favorável à pretensão da Lisnave, mas o representante da empresa não adiantou mais nada sobre o assunto.

Ferido com três tiros um sub-chefe da PSP

Encontra-se livre de perigo o sub-chefe da PSP que foi atingido por três tiros nos Olivais, quando tentava capturar Domingos Simões Henriques, indivíduo já com largo cadastro.

Tudo começou na madrugada de sábado, quando o sub-chefe Alexandrino Augusto Ramires, de 32 anos, iniciou investigações em torno da propriedade de um carro apreendido na zona da Matinha, cheio de artigos que se supunham roubados. No momento da apreensão do veículo efectuada por aquele sub-chefe e outro guarda da PSP, foi detido um jovem de apelido Cota, de 22 anos, que começou por afirmar que não só desconhecia a proveniência dos objectivos existentes no interior do automóvel, como ainda a sua presença no local se devia apenas ao facto de ter aceite uma boleia do seu proprietário, Domingos Simões, que na altura da apreensão do veículo conseguira pôr-se em fuga.

Através da chapa de identificação do «tabelier» do automóvel, soube-se da morada do Domingos Simões. Para ali se dirigiu o sub-chefe Ramires, procurando deitar a mão ao Simões, que após simular a fuga lhe respondeu com três tiros à queima-roupa. Atingido no abdómen, no antebraço direito e na coxa esquerda, o sub-chefe Ramires ripostou ferindo Domingos Simões numa perna, o que tornaria fácil a sua captura pelo chefe Gonçalves da esquadra de Moscavide, que seguindo o rasto de sangue deixado pelo agressor, acabou por descobri-lo escondido perto da sua residência sob um monte de tábuas velhas.

PESQUISA DE PETRÓLEO EM ANGOLA

Novas concessões onde o Estado tem direito a metade do produto

Continuação da pág. 1

prémios de produção, contribuições anuais para o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, etc.), ajustando-as segundo os índices de preços oficiais.

O Estado de Angola deterá uma posição accionista gratuíta de 20 por cento no capital das concessionárias, cujos presidentes dos conselhos de administração serão portugueses e para as quais serão nomeados até dois administradores por parte do Estado, um delegado do Governo e um representante especial do Governo-Geral de Angola. Além disso, logo que se inicie a produção, as companhias são obrigadas a transferir para uma sociedade estatal (ou para empresas portuguesas em que o Estado participe) até 40 por cento dos direitos e obrigações do contrato (incluindo o direito ao petróleo bruto correspondente à participação) mediante compensação a fixar por auditores, se tal for do interesse do Estado.

O capital social das companhias é ficado em função dos investimentos mínimos no período inicial de pesquisas (três ou quatro anos), devendo acompanhar o crescimento do activo imobilizado, do qual representará sempre pelo menos um terço. Os financiamentos alheios só podem ser obtidos nos mercados nacionais desde que se destinem à liquidação de bens e serviços nacionais e, em qualquer caso, os respectivos juros não são contabilizáveis para efeitos fiscais.

Para acautelar o ritmo de exploração das áreas concedidas, são estabelecidos planos de trabalhos mínimos, valores mínimos de investimento anual em pesquisa, obrigações de investimento adequado para exploração imediata de descobertas de poços comerciais e obrigações de abandono de parte das áreas ao fim de certos períodos relativamente curtos.

As concessionárias são obrigadas a dar preferência a bens e serviços de orig4m nacional, especialmente a transportadores, empreiteiros e consultores, e terão de preencher progressivamente os seus quadros por nacionais, estabelecendo-se a percentagem de nacionais no total dos cargos e nos cargos de direcção, a satisfazer ao fim de cada período. Estes quadros portugueses deverão beneficiar de formação (estágios em outras áreas de exploração e cursos em escolas e universidades, no estrangeiro) em condições não inferiores às proporcionadas aos bolseiros do Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino.

O regime tributário compreende encargos fixos (prémios de assinatura dos contratos, de 40 mil e 20 mil contos, respectivamente) e encargos variáveis quer com a área da concessão (rendas de superfície anuais, até 3 000$00 ou 3 500$00 por km2), quer com a produção (imposto de produção de 12,5 por cento; prémios de produção que vão até 100 000 contos por 100 000 barris/dia a mais na concessão da ESSO e até 60 000 por iguais aumentos de produção na outra concessão; contribuição anual para o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, de 2 500 a 3 000 contos fixos, mais 0,25 por cento a 0,5 por cento do valor da produção anual), quer com os lucros (impostos de rendimento de 50 por cento). No caso da concessão às companhias Sun, Amerada e Cities prevê-se ainda o reinvestimento obrigatório, em Angola, de certas percentagens do preço do barril vendido, variáveis com a produção.

CORPOS GERENTES DO CRÉDITO PREDIAL

O Governo, através do ministro das Finanças, confirmou a nomeação do dr. Vasco Vieira de Almeida como presidente do Conselho de Administração da Companhia Geral de Crédito Predial Português. Confirmou também a nomeação de Alvaro Braga Vieira como presidente do Conselho Fiscal da mesma companhia.

Morreu sobre a campa da filha

. O casal, Manuel Monteiro e Sara de Jesus Monteiro, residentes no povoado algarvio de Alte, sofreu a dor de perder há quatro anos a sua única filha, Isabel Maria, falecida muito jovem. A mãe nunca mais se recompôs do golpe e desde aquela época que todos os dias visitava a campa da filha, ali ficando horas seguidas, ensimesmada, espalhando flores, compondo a sepultura, iluminando-a.

Há dias, um outro casal que também visitava o cemitério, reparou que a pobre senhora se achava tombada sobre a campa da Isabel Maria. Aproximaram-se, tentando socorrê-la, mas logo verificaram que a senhora tinha falecido. O corpo foi removido para a capela mortuária e, mais tarde, enterrado ao lado da campa da jovem. O facto consternou toda a população de Alte e arredores.

EMPREGADOS DO COMÉRCIO

Ordenados e condições de trabalho

Por despacho do subsecretário de Estado do Trabalho, já remetido para publicação no Boletim do I.N.T.P., foi mandada constituir uma comissão técnica encarregada de proceder à revisão da portaria de ordenados mínimos e condições de trabalho para os empregados do comércio.

A comissão integra representantes do Ministério das Corporações e Segurança Social, da Secretaria de Estado do Comércio (um membro), das entidades patronais (quatro) e da classe sindical (também quatro).

A TAP aumenta o capital

No decurso de uma longa assembleia geral extraordinária dos Transportes Aéreos Portugueses, o Conselho de Administração propôs um aumento de capital de 450 000 acções, aumento que obedece aos seguintes requisitos: os accionistas não podem exercer os seus direitos senão em relação a 320 000 acções; os empregados da Companhia, não accionistas, só podem subscrever até 3 000 acções; e o público em geral só poderá subscrever as restantes, isto é, 127 000 acções.

Dos números apresentados (relativos aos anos de 1972/73), e que servem de base ao aumento de capital, há que destacar os seguintes:

. Foram transportados 1.589.154 passageiros, o que representa um aumento de 13,7 por cento; 26.104.462 quilos de carga aérea ou seja mais 54,9 por cento e 3.141.076 quilos de correio aéreo, equivalente ao aumento de 12 por cento.

O número de quilómetros percorridos foi de 41.116.434 e o número de horas de voo foi de 63.110, representando respectivamente um acréscimo de 6,8 por cento e de 8 por cento em relação ao ano anterior.

O tráfego transportado expresso em passageiros — km (PKU) foi de 3.621.125.141 e em toneladas km (TKU) foi de 436.866.148, equivalente aos aumentos de 14,9 por cento e de 24,3 por cento sobre o ano de 1972.

Quanto à capacidade de transporte expressa em lugares km (PKO) e em toneladas km (TKO), verificou-se respectivamente, um aumento de 9 9 por cento e de 10,7 por cento em relação ao ano anterior, com os totais de 6.247.738.696 e de 852.840.086.

A TAP aumentou a sua frota em 1973 com a aquisição de dois Boeing 707 e de um Boeing 727 e incluiu na sua rede uma nova linha internacional Porto/Paris/Porto.

O aumento de 450 000 acções é ainda justificado considerando que os investimentos da Companhia, previstos para o período de 1974 e 1978, são da ordem dos 6 000 000 contos — e que a cobertura destes investimentos terá de se fazer com futuros aumentos de capital que deverão variar entre 1 300 000 e 1 600 000 contos.

O SKAL Clube homenageou o dr. Moreira Baptista

O dr. César Moreira Baptista, ministro do Interior, foi ontem homenageado com um jantar de gala, pelo Skal Clube, devido às atenções dispensadas àquela colectividade quando desempenhou o cargo de secretário de Estado da Informação e Turismo. Encontravam-se presentes o dr. Corte Pinto Real que actualmente desempenha aquelas funções, o eng.º Alvaro Roquete, directores de jornais diários e antigos dirigentes do Skal Clube.

O prof. Mello Moser, presidente do Skal, saudou o homenageado. Em resposta o dr. César Moreira Baptista enalteceu as actividades do Skal Clube e definiu a festa de ontem como uma reunião de amizade fazendo votos para que em breve ela se repita.

GP GRAO PARA
INTERHOTEL
MATUR

Face à expansão do nosso Grupo Empresarial, temos o prazer de comunicar que abrimos escritórios em:

BÉLGICA - Avenue Louise, 174 Bruxelas
Telef. (02) 400322-1000

FINLÂNDIA - Oikakatu 15 B 24 - 0017
Helsinki 17 Telef. 666312

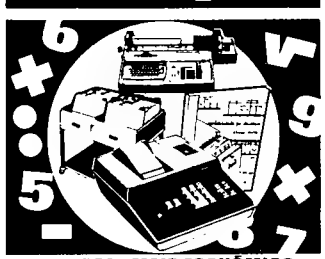
SUIÇA - Rue du Rhône, 23 Geneve

BRASIL - Avenida Rui Barbosa, 880
Apart. 1102 Telef. 2657419 Rio de Janeiro

JAPÃO - Ming-Yu International, Bldg. 8-8,
4-Chome, Ginza, Chuo-Ku, Tokyo, 104

SEDE - Edifício GP - rua Castilho 50,
Telefs. 58894/5/6/ - Lisboa - PORTUGAL

MELHOR INFORMAÇÃO...



... A PREÇO MAIS ECONÓMICO.

SISTEMAS SIMPLIFICADOS DE CONTABILIDADE, FACTURAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

MODELOS DESDE 1.895.00

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA OS SRS. CONTABILISTAS E TÉCNICOS DE CONTAS

COM MANUAL DE INSTRUÇÕES E PLANIFICAÇÃO ADEQUADA

PEÇA-NOS ESCLARECIMENTOS GRÁTIS E CONDIÇÕES DE AGÊNCIA

EFICEX KIENZLE
AV. JOÃO XXI, 4 A TEL: 727028/707218 LISBOA
PRAÇA DOS POVEIROS, 58, 2 TEL: 310698 PORTO

UM OVO MÁGICO
PARA AS SUAS FÉRIAS DA PÁSCOA
VIAGENS ESPECIAIS "APOLO"

EM AUTOCARRO
TORREMOLINOS
desde 2 440$00

EM AVIÃO
MAIORCA
desde 2 450$00
LONDRES
desde 2 730$00

viagens apolo
UMA GARANTIA PARA QUEM EXIGE QUALIDADE

Consulte o seu agente de viagens

Sociedade industrial de construções e turismo J. Pimenta SARL

Na notícia que ontem publicámos sobre a Assembleia Geral da Sociedade Industrial de Construções e Turismo J. Pimenta SARL, não se mencionou, por lapso, que o dividendo de dez por cento, por cada acção, se referia ao exercício da gerência de 1973.

RESTAURANTE
MOINHO DE VENTO

Contrariamente a boatos postos a correr de que este restaurante fecharia no fim de Fevereiro desejamos comunicar a todos os nossos amigos e clientes que nunca houve nem há da parte da administração qualquer ideia nesse sentido.

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE 2.ª FEIRA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	–	440$	–
Cons 3 %	–	475$	–
Cons 3 1/2 %	–	–	615$
Centenários	1.320$	1.320$	–
Tes 5 % 57	–	1.003$	–
Tes 5 % 59	–	1.005$	–
Extern 1.ª-s	–	–	–
Extern 1.ª-c	–	–	–
Extern. 3.ª-s	–	–	710$
Extern 3.ª-c	–	730$	–
Caut 3.ª-s	165$	165$	170$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	–	870$
C M L 5 3/4 %	1.000$	995$	1.005$
C P 5 1/2 % 67	–	–	860$
C P 5 1/2 % 68	–	–	850$
C P 5 1/2 % 69	–	–	–
Corr 5 3/4 %	–	–	900$
Metr 5 3/4 %	–	900$	925$
Tur 5 3/4 %	1.000$	995$	1.005$
C P 6 3/4 %	–	–	970$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	–	820$	–
G 5 % 59	–	–	880$
G 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	–
G 5 % 65	–	–	–
G 6 % 67	–	–	930$
G 6 % 69	–	925$	–
G 7 %	–	–	990$
H E A 5 %	720$	720$	730$
H E C 5 %	–	730$	–
H E C 6 %	–	850$	–
H E D 5 %	700$	700$	705$
H E D 6 %	–	850$	860$
H E N P 5 %	–	760$	–
H E S E 5 %	–	–	–
H E S E 6 %	–	–	870$
H E Z 5 % 57	–	–	–
H E Zêz 6 %	–	850$	870$
N Elec 5 %	700$	700$	705$
N Elec 6 %	–	–	–
Termoel 5 %	–	710$	–
U E P 5 % 60	–	–	740$
U E P 5 % 63	–	760$	–
U E P 6 %	–	–	930$
U E P 7 %	–	950$	965$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	–	800$
A P T 5 % 58	–	–	800$
Lisnave 6 %	–	–	920$
Nitratos 60	–	720$	800$
Pet 2.ª e 3.ª	–	900$	–
Sacor 7 %	995$	990$	1.000$
Sacor 5 % 54	–	980$	–
Sacor 5 % 60	–	850$	–
Sid 5 % 2.ª	–	–	–
Sid 5 % 3.ª	–	700$	720$
Sid 5 % 4.ª	–	–	720$
Socel 5 %	–	890$	900$
R Fabril 67	860$	850$	860$
R Fabril 68	850$	850$	855$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	620$	600$	–
Rev 5 % 59-60	640$	640$	–
Moçambique 5 %	600$	–	600$
Sonefe 5 %	–	830$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	–	–	–
Algarve	–	–	–
Alentejo	–	–	–
Angola	–	–	–
Borges & Irmão	–	–	–
Crédito Predial	–	–	–
Espírito Santo	–	–	–
Fomento	–	–	–
F & Burnay	–	–	–
Intercontinental Português	–	–	–
N. Ultramarino - m	–	–	–
N Ultramarino - c	–	–	–
Pinto & Sotto Mayor	–	–	–
Portugal - n	–	–	–
Portugal - p.	–	–	–
P Atlântico	–	–	–
Totta & Açores	–	–	–
Pinto Magalhães	–	–	–
Fernandes de Magalhães	–	–	–

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	25-2-1974	1-3-1974	4-3-1974
GERAL	347,4	360,4	360,4
METROPOL	364,4	379,1	379,6
ULTRAM	222,4	223,5	219,5

	Efect.	Compra	Venda
De Seguros			
Alentejo	700$	690$	710$
Bonança	18.100$	–	18.100$
Império	60.000$	–	60.000$
Mundial	6.100$	6.000$	–
Soberana	–	–	8.900$
Tranquilidade	14.800$	14.500$	14.800$
Eléctricas			
C P E. - p	1.325$	1.315$	–
C P E. - n	–	–	1.300$
E Beiras	1.850$	–	1.850$
G Electricidade - c	430$	425$	430$
H. E. A. A	199$	195$	200$
H. E. N P	285$	280$	285$
H E. S E	1.600$	1.600$	1.650$
U E. P	215$	–	215$
Ultramarinas			
Ag Cassequel	1.100$	1.100$	–
Ag Incomáti	1.800$	–	1.800$
Ag S T. e P	–	270$	–
Aç Angola	1.750$	1.750$	1.850$
Alg Angola	–	330$	350$
Ang Agricultura	–	–	715$
Boror	340$	340$	350$
Boror Com	100$	–	100$
Buzi	160$	–	160$
Cabinda	200$	–	205$
Com Lobito	480$	470$	480$
D A T 100	2.800$	2.780$	2.820$
H E Revué	550$	–	600$
Ilha Príncipe	600$	520$	600$
Moçambique	640$	600$	650$
Sonefe - n	–	–	520$
Sonefe - p	520$	520$	530$
Zambézia	1250$	125$	–
Diversas			
Ag Lx - ant	970$	970$	–
Ag Lx 34	960$	960$	–
Ag Lx 36	–	–	819$
Cel Guadiana	–	5.500$	6.000$
C Leiria - p	34.000$	34.000$	34.500$
C Tejo - p	121.500$	–	121.500$
F Ramada	2.250$	–	2.250$
Fornos Eléctricos	1.140$	–	1.140$
P Celulose	8.500$	8.500$	9.000$
Siderurgia - p	–	–	–
Siderurgia - n	–	–	–
Socel	–	–	–
Cidla	4.500$	4.500$	4.700$
C U. F.	5.450$	5.450$	5.500$
Intar	900$	900$	–
Nitratos	1.700$	–	1.700$
Petroquímica	1.800$	–	1.800$
Sacor	6.800$	–	6.800$
Tab Portugal	2.000$	2.000$	–
Tabaqueira	14.800$	14.700$	15.000$
U. F. Azoto	1.150$	–	1.150$
Empor	600$	–	600$
Ind Aliança	–	1.200$	–
I. P. Colónias	2.500$	2.400$	2.500$
Nacional Navegação	3.000$	2.900$	3.100$
Navegação (Col)	–	–	–
P. Pesca	–	900$	1.000$
Matur	–	3.800$	4.000$
R. Marconi	2.750$	2.750$	2.800$
T. A. P	2.000$	2.000$	–
Compal	1.100$	1.050$	1.100$
Salvor	3.580$	3.580$	–
Penina	8.910$	8.910$	–
Grão-Pará	4.500$	–	4.500$
Lisnave	14.000$	13.700$	14.200$
Vidago, M. & P. Salgadas	3.110$	–	3.110$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	524$3	540$
F. I. D E S	–	–	–

COTAÇÕES

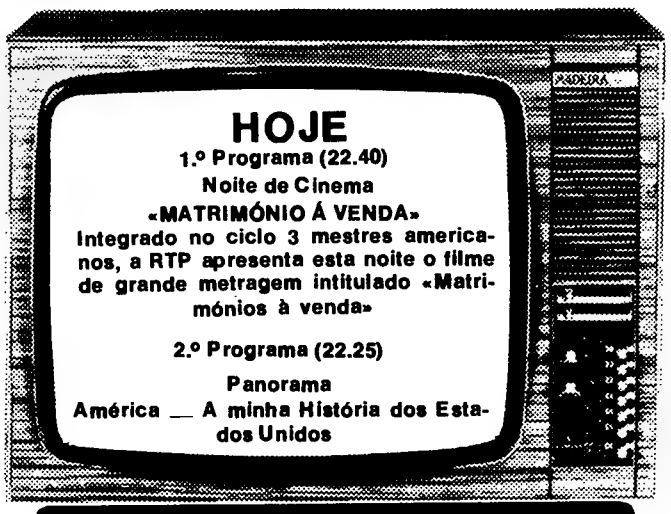
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	31$00	34$00
Alemanha Marco	9$45	9$75
América		
Dollars de 1 e 2	24$40	25$40
Dollars de 5 a 20	24$90	25$90
Dollars de 50 a 1000	25$10	26$10
Austria Schilling	1$30	1$3
Bélgica Franco	$61,5	$64,5
Brasil Cruzeiro	3$40	4$20
Canadá		
Dollars de 1 e 2	25$10	26$10
Dollars de 5 a 1000	25$80	26$80
Dinamarca Coroa	3$90	4$20
Espanha Peseta	$435	$465
França Franco	4$90	5$30
Holanda Florim	9$05	9$35
Inglaterra Libra	57$50	60$50
Itália Lira	$03,25	$03,75
Japão Yene	$07	$095
Marrocos Dirham	—$—	—$—
Noruega Coroa	$35	4$65
Suécia Coroa	40	5$75
Suiça Franco	05	8$40
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	00$00	1.800$00
Inglaterra 1/2 Libra	900$00	1.450$00
Ouro fino grama	135$00	150$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Praça D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Almanaque
13.15 «O Sobrinho da América»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 O livro á procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
16.00 Comunicação do Chefe do Governo à Assembleia Nacional
19.00 TV educativa, matemática moderna
19.25 «O diário das fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.40 Ao serviço da nação
20.10 Livros e autores
21.00 Desenhos animados «A pantera cor de rosa»
22.00 Telejornal, 3.ª edição
22.05 Tepetição da comunicação do chefe do Governo à Assembleia Nacional
22.40 Noite de cinema
00.40 Telejornal, 4.ª edição
00.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 O livro á procura do leitor
21.00 «O sobrinho da América»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Pequeno concerto de piano
22.25 Panorama
23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Universal Cartoons»
13.00 Fronteiras do amanhã
13.15 «Agulhas e linhas»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 «24 horas na vida de uma cidade»
14.15 Logo à noite

2.º Período

1440 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa, iniciação desportiva
19.25 «O diário das fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Eurovisão; Campeonato do Mundo de Andebol de Sete
20.30 Pais e Amigos
20.45 Vamos jogar no totobola
21.00 «Uma família vulgar»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.05 Histórias da música
22.35 Guerra e Paz
23.45 Telejornal, 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «Agulas e Linhas»
21.00 Eurovisão: Campeonato do Mundo de Patinagem artística
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Eurovisão; Campeonato do Mundo de Patinagem artística
23.00 «O Aventureiro»
23.45 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco predominando de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	2º
P. DOURADAS	5º
COIMBRA	3º
PORTALEGRE	1º
LISBOA	7º
FARO	8º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro
Máxima **16º**

Penhas Douradas
Mínima **5º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	12,6º
Atmosfera	10,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.19 **3,6** m	7.18 **1,0** m
13.56 **3,6** m	19.38 **1,0** m
Dia 6	
2.19 **3,9** m	8.14 **0,7** m
14.51 **3,8** m	20.31 **0,8** m
Dia 7	
3.11 **4,1** m	9.02 **0,5** m
15.39 **4,0** m	21.17 **0,6** m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; o vento era fraco; condições favoráveis à formação de geada nas regiões do Interior e neblina ou nevoeiro nas regiões costeiras.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.03
OCASO AS 19.34

DIA 8	DIA 15	DIA 23	DIA 31

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Cançonetas
16.30 «Convívio»
18.05 «O convidado de hoje»: Andy Williams
18.30 «Forças Armadas»
19.05 Orquestras e canções
19.30 «Recordar é viver», por Maria Natália Bispo
20.00 Jornal da noite
20.30 35.º episódio do filhetim «O Monte dos Ventos Uuivantes»
20.50 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 «Que quer ouvir?»
22.10 Jazz
22.35 «Vamos ouvir»: Carlos do Carmo e a Orquestra de Variedades da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Costa Pinto
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário

2.º Programa

16.00 Uma obra... duas interpretações. O concerto n.º 3 em ré menor, Op. 30 de Rachmaninoff, interpretado sucessivamente pelos pianistas Gina Bachauer e pelo autor.
17.15 Curiosidades musicais
17.45 Música sinfónica
18.30 Gravações históricas
19.00 Música de bailado
19.30 Rádio educativa (auditório juvenil)
20.00 Jornal da noite
20.30 Música de câmara
21.00 Música coral. Canções russas e ucranianas, pelo Côro Académico Russo.
21.20 Praga, poema sinfónico, op. 26 (Suk), Orq. Sinfónica de Praga, dirigida por Vaclav Smetacek
21.45 Recital de piano, por Maria do Rosário Font — Obras de Armando José Fernando e Gershwin.
22.07 Sinfonia com quatro trompetes, arco, oboés e tímpanos (Toselli)
22.15 O gosto pela música, pelo dr. João Freitas Branco
22.45 Música sinfónica
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
21.03 Terça-feira à noite
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Novas de alegria
23.19 Apenas música
23.30 No Mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita — 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiário; clube à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita — dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Tri S
18.22 Palavra do Dia, no final, terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Poente
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Graça
Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30

Rádio Peninsular
Das 19.30 às 22.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J 1
(TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef 886126)
ALVALADE
Líbia, Av da Igreja, 4-B (Telef 711681), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Telef 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Telef 681515)
ARCO DO CEGO
Previdência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (Telef 770324)
AREEIRO
Lusitana, Av de Roma 18-A (telef 725443). **Paes**, Rua Abade Faria, 22-A (Telef 723965)
ARROIOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Telef. 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Telef 703697) **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Telef 687475). **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef 661330)
ESTEFÂNIA
Delio, Rua Açores, 32 (Telef 52388)
ESTRELA
Linaida, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef 660955)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Telef 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av General Roçadas, 27-A (Telef 843880). **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef 844361)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berne, Avenida de Berna, 44-A (Telef 773568). **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Telef 48966-553601)

TURNO J 2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telef 638256) **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, (a Praça Paiva Couceiro), 7-A (Telef 843571)
ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Telef. 821773)
AREEIRO
Marbel, Av de Roma 131-A (Telef 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Telef. 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zénel, Rua A, 182 (Telef 651840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telef. 321342-325553)
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Telef. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Telef. 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117, (Telef. 553308)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef 869831)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Telef. 702226)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista, 35 (Telef 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 33-A (Telef 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo (Telef 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina), (Telef 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos), (Telf 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S Bento, 380 (Telef. 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (Telef 41961-54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078) **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I - Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756) **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 9332210) **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740) **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, Loja X-X-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117) **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida,2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R. Almeida Garret, 1 (Telef. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 270356)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 12 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Marques, R. Arroches Junqueiro (Telef. 22783) **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (Telef. 24558)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384.

COIMBRA

TURNO L

S. Sebastião, Rua António Jardim; **Silcar**, Rua Ferreira Borges; **Paiva**, Praça do Comércio.

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
Às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 Grupo C (14 anos) colorido «AS IBERICAS FUTEBOL CLUBE» Não jogam limpo nem sujo jogam sexy. Realização de Pedro Maso.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45 3.ª Semana! Technicolor Grupo D (18 anos) Liv Ullmann, Gene Kelly e Edward Albert 40 IDADE PERIGOSA. Uma história de apaixonante interesse!

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
12.ª Semana! Technicolor-Todd-ao 35 Grupo D (18 anos) O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45 2.ª Semana (Grupo B-10 anos)
Colorido Paul Newman e os mais famosos pilotos do Mundo «O ASFALTO DA MORTE». A grandeza! A velocidade! O espectáculo!

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D-18 anos)
«A VINGANÇA DO DRAGÃO NEGRO» Em complemento «A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE».

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Panavision-Technicolor
Tamara Dobson e Shelly Winters. «CLEOPATRA JONES». Quinzena do cinema que fala francês. Amanhã às 18.30 (Grupo D-18 anos), um filme de Eric Rohner «A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD», com Jean-Louis Trintignant e Françoise Fabian.

CASINO ESTORIL Tel. 264621-264946
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«SANGUE, SUOR E POLVORA» com Gary Grimes e Billy Green Busch.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30-21.45 17.ª Semana!
Eastmancolor Grupo D (18 anos) o filme de Ingmar Bergman LAGRIMAS E SUSPIROS «Cries and Whispers»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45 (5.ª Semana)
Eastmancolor Grupo D (18 anos) Mao Ying A RAPARIGA INVENCÍVEL

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana!
Eastmancolor Grupo D (18 anos) AMOR LOUCO (BELLE)
(Metro Alameda)

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Colorido Elizabeth Taylor, Richard Burton «A ENGRENAGEM» Um filme de Peter Ustinov, Elizabeth Taylor «Grande Prémio Festival de Berlim 1972».

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 Colorido Grupo D (18 anos) uma festa fabulosa O CONVITE Grande Prémio do juri do Festival de Cannes 1973 o filme de Claude Goretta

IMPÉRIO (Tel. 555134)
21.30
(Grupo B-19 anos)
Concerto do Círculo da Cultura Musical. Às 18.30 (Grupo D-18 anos) «CÃES DE PALHA». Sessão organizada pelos Finalistas dos Liceus Rainha D. Leonor e Pedro NKUNES: Sessão clássica. Amanhã às 18.30 (Grupo C-14 anos), um dos mais significativos filmes de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV», colorido (Metro: Alameda).

ODEON (Tel. 326283)
15.00 - 18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção ao à noite Tony de Matos canta no palco.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45 Colorido Grupo D (18 anos) Peter Finch, Shelley Winters NÃO HA FUMO SEM FOGO
Eles têm algo a ocultar — E você?

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45 Colorido-Scope Grupo D (18 anos). O clássico das artes marciais O BOXEUR CHINÊS Um filme de Wang Yu

POLITEAMA (Te. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45 2.ª Semana! Eastmancolor Grupo C (14 anos) OS 2 FILHOS DE TRINITA. Franco Franchi, Ciccio Ingrassia

ALVALADE (Tel. 717480)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana! Colorido Grupo D (18 anos) Elizabeth Taylor, Richard Burton. A ENGRENAGEM. Um filme de Peter Ustinov. Elizabeth Taylor. Grande Prémio Festival de Berlim 1972.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45 20.ª Semana! Eastmancolor Grupo D (18 anos) O PORTEIRO. Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru

RESTELO (Tel. 610275)
21.30
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Um filme de muita acção «O DUELO» com Rock Hudson, Dean Martin e Susan Clark.

CINEARTE (Tel. 660446)
21.30
(Grupo D-18 anos)
Color
«O CROCODILO», Franco Nero e Telly Savalas.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30 4.ª Semana! Eastmancolor Grupo D (18 anos) Rossana Schiaffino, Lando Buzzanca e Jean-Pierre Cassel O MAGNATE um escândalo do seu agrado!

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor
Klauskinski, Helena Rojo e Ruy Guerra «AGUIRRE, O AVENTUREIRO».

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Panavision. Technicolor. «JUSTIÇA DE CAHILL» John Wayne e George Kennedy.

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15-18.15 e 21.30 2.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
A paródia das paródias «SIMPLESMENTE... GAROTAS!».

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30 e 21.45
8.ª Semana
Grupo C (14 anos)
Panavision. Color. Um filme de François Truffaut «A NOITE AMERICANA» Jacqueline Bisset. (Estacionamento Parque Castil).

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª semana! Eastmancolor. Les Charlots «A GRANDE BRONCA». Sessões e preços normais.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o inspector»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

COMUNA-TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos) «A Ceia»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«O Ovo»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e... calar»

A. B. C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Tudo a nu»

CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A ilha dos escravos» e «A Herança»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os porquinhos da India»

TEATRO MUNICIPAL DE S. luis
21.45 (18 anos)
«Albergue Nocturno»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.30 (14 anos)
«Os piratas do ar»

OLIMPIA
19.00 (18 anos)
«Drácula prisioneiro de Frankenstein»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Dilema»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«O assassinato de Trotsky»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«O grande mestre do crime»

SACAVÉM
S. José
21.00 (14 anos)
«O homem que não matei»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Amor à italiana»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«A Mão de Ferro»

PAREDE
Royal
21.15 (14 anos)
«A Guerra entre homens e mulheres»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
«Sangue, Suor e Pólvora»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Os Ultimos Corsários»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«D. Quixote cavalga de novo»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Ponto crítico»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Um de nós tem de morrer»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«A Maluquinha de Arroios»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Centuriões do Século XX»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Lotação esgotada»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Enigma da cadeira de rodas»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«O Tigre de Karate»

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Vida em família»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A noite americana»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Raby Jacob»

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A sua volta e a morte» e «20 Passos para a morte»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«007 vive e deixa morrer»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Monte dos Vendavais»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Balada do soldado»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Encruzilhada de sentimentos»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Trabalhos de Manuel Casimiro e Fernando de Oliveira (das 14 às 20 h.).

BUCHHOLZ — Esculturas de Jorge Vasconcelos (das 9 às 13 e das 15 às 19 h).

CASINO ESTORIL — Pintura de Yara (das 15 às 03 horas).

CASTILHO — Trabalhos de Pedro Olayo (Filho) (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)

DINASTIA — Pintura de A. Pascual (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» (das 10 às 20 h.)

GALERIA 111 — Pinturas de Júlio Pomar (das 10 às 13 3 das 15 às 19 h).

GALERIA DA VINCI — Pinturas de Victor Ferreira e Henrique Mourato.

GALERIA DIPROVE — Pintura, desenho e gravura de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.).

GRAFIL — Xilogravuras de Hein Sernke (3.ªs e 5.ªs-feiras, das 15 às 24. Restantes dias das 10 às 13 e das 15 às 20 h.) Fecha aos domingos.

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de Ana Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19.30 h.)

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Artur José, Maria Adelaide Lima Cruz e retrospectiva de Manuel Jardim (das 15 às 20 h.). Desenhos de Vamona Navelcar. Pintura de Mário de Oliveira.

PRISMA — Pinturas de Inácio Matsinhe (das 15 às 20 h).

QUADRANTE — Pinturas de Santiago (das 10 às 13 e das 15 às 19 horas).

S. MAMEDE — Colagens de Anne Ethuin

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

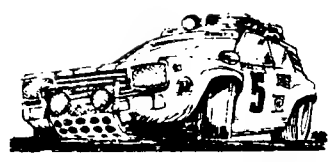
HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

À VENDA EM TODO O PAÍS
MAIS UM NÚMERO
DE
motor



DL/GERAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

MILITARES MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, os seguintes militares: no Estado de Moçambique o soldado R. E. n.º 743586/73, Manuel Correia Cabaço, natural de Zambézia, filho de José Vicente Cabaço e de Idila Albertina Cabaço; soldado G. E. n.º 3149/73, Chinai Luís Gimo, natural de Vila Fontes, filho de Luís Gimo e de Augustina Capamba; soldado G. E. n.º 2935/73, Alberto Jeque, natural de Manica, filho de Jeque Muxenje e de Zanandai; soldado G. E. n.º 3558/73, Vinte Cinco Razão, natural de Manica, filho de Razão e de Mazamuze, casado com Isabel, e no Estado de Angola o 1.º cabo do R. E. n.º 618985/73, José Carvalho Casaca, natural de Reigada, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, filho de João Inácio Casaca e de Arminda dos Anjos Carvalho.

Entretanto, em Moçambique, segundo informa a agência Lusitânia, morreram mais os seguintes militares:

Por doença, o soldado n.º 43233/73, Manuel de Jesus Gaspar, natural de Barrelas de Jales, Vila Pouca de Aguiar, filho de António Gaspar e de Maria de Jesus.

Por acidente com arma de fogo, o soldado do R.E. n.º 765736/73, José dos Santos Jordão, natural de Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros, filho de Manuel Jordão e de Maria Clotilde Correia; soldado R. E. n.º 744804/73, José Armando Pinto de Almeida, natural de Vila Coutinho, Meda, filho de Miguel Peres de Almeida e de Maria do Céu Pinto; soldado R. E. n.º 744406/73, António Manuel Marques Pereira, natural de Nelas, filho de António Nunes Marques Pereira e de Fernanda da Conceição; e o 1.º miliciano R. E. n.º 744656/73, Fernando da Silva Lopes, natural da Beira, filho de Joaquim Lopes Fonte e de Maria da Piedade Silva Santos.

INSTITUTOS DE CULTURA PORTUGUESA A CRIAR NO ESTRANGEIRO

Poderão ser criados, para desenvolverem a sua actividade em países estrangeiros, institutos de cultura portuguesa destinados a promover, incrementar e auxiliar estudos relativos à língua, literatura, história, artes, geografia, ciências sociais e outros ramos da cultura nacional. O decreto-lei conjunto dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional que o determina considera abrangidos pelo diploma, na parte aplicável, os centros culturais, salas de Portugal ou quaisquer outras instituições que, com essas ou outras designações, visem as finalidades indicadas.

O diploma salienta que «**a acção cultural portuguesa no estrangeiro tem andado ligada, em grande parte, ao ensino da nossa língua e à difusão da cultura, com relevância especial para os leitores de Português. O estatuto destes será revisto em breve, mas é igualmente necessário cuidar do problema para além das estruturas universitárias**». E acrescenta:

«**Na realidade, muitos aspectos da vida cultural processam-se à margem destas e, além disso, a presença em vários países de importantes núcleos de portugueses originários ou de luso-descendentes aconselha a que se providencie quanto à criação de outros órgãos periféricos, aptos a corresponderem às altas finalidades de uma acção cultural de cuja importância nacional não é legítimo desinteressarmo-nos. A isso se destinam os institutos de cultura portuguesa no estrangeiro**».

Os institutos referidos poderão ser criados por iniciativa oficial ou particular e ter sede em território nacional ou estrangeiro. Serão serviços externos do Instituto de Alta Cultura, ao qual compete elaborar os respectivos planos e programas de acção cultural.

ESTANTES METÁLICAS «CORTAL»

= Por encaixe sem parafusos.
= Plastificadas. Sem ferramentas.
= Cantoneira perfurada. Móveis Metálicos.

STAND EM LISBOA:
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Telefs. 777344 - 777406
STAND NO PORTO:
Rua da Constituição, 863 — Tel. 498428 - 498418
SEDE EM ÁGUEDA:
Apartado 70 — Telefs. 64120 - 64133
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Enquanto Edward Heath procurava ontem desesperadamente formar um Governo de coligação com os Liberais, que lhe permitisse a maioria no Parlamento, Harold Wilson, que viria depois a ser nomeado primeiro-ministro assistia à comemoração do 150.º aniversário do Real Instituto de Salva-vidas, realizado na catedral de São Paulo (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

DIAS INCERTOS ESPERAM WILSON

Continuação da pág 1

não possuem experiência política.

Embora a coligação dos três partidos proposta por Thorpe fosse por um período de tempo limitado, ela nunca poderia ser praticável devido às profundas divergências entre conservadores e trabalhistas, cujas posições se extremaram, aumentando o fosso entre as suas linhas políticas em muitos sectores.

COERÊNCIA

Por outro lado, desde a coligação de 1930, que pôs os trabalhistas no Poder por uma década, que estes se opõem decididamente a coligações. E também neste caso Harold Wilson foi o único líder dos principais partidos a ter uma atitude coerente, mantendo até ontem que não participaria em nenhuma coligação — o que não aconteceu com Thorpe, que embora não aceitando estudou as possibilidades, e muito menos a Heath, que voltou com a sua palavra atrás.

A decisão de se demitir representa uma segunda derrota para Heath: depois de ver que a nação rejeitou a política que propunha e lhe recusou a confiança que ele exigia, a ida de Heath a Buckingham Palace assinala a confissão de não poder emendar o resultado eleitoral, depois de tentar aguentar-se à tona, apesar de tudo. Foi para o fundo. E é de crer que em breve deixe também de ser o líder do Partido Conservador.

Mas para Wilson a tarefa não vai ser fácil. Voltar a pôr os mineiros nos túneis não será difícil, porquanto os Trabalhistas sempre defenderam uma política de conciliação e afirmaram-se a favor do aumento que os mineiros justificadamente reivindicam. Mas este Governo minoritário vai concentrar-se basicamente e sobretudo nas tarefas essenciais à saída da Grã-Bretanha da grave crise que atravessa. Assim, além da solução da crise de energia que não parece ser difícil e de ordenar o fim da semana de trabalho de três dias, Wilson terá forçosamente de implantar o seu figurino de política anti-inflacionária a fim de travar a alarmante espiral de preços. Quanto aos salários, Wilson, que não concorda com os limites impostos, irá para uma solução de compromisso com os sindicatos que se mostram dispostos a cooperar com um Governo Trabalhista.

RECUO

No entanto, Wilson deverá inicialmente deixar para trás os pontos mais controversos do seu programa, principalmente as nacionalizações, que o deverá pôr em apuros num Parlamento que não domina. Em termos políticos, ele deverá agora trabalhar de modo a aguentar-se com esse mesmo Parlamento através de propostas de políticas que todos os deputados, para além dos seus interesses partidários, consideram a bem da nação e que por isso sejam forçados a aceitar. Diga-se também que toda a gente parece disposta a fazer sacrifícios para conseguir que o país saia da má posição em que se encontra. Através dessa política, Wilson poderá mais tarde convocar novas eleições para ganhar maior apoio e ficar com maior margem de manobra, e se for bem sucedido nesta fase de quase emergência nacional (que, embora toda a gente tenha esquecido, está em vigor há quatro meses) poderá efectivamente consegui-lo.

Portanto, nacionalizações e Mercado Comum ficarão por algum tempo nas gavetas de Transport House, a sede do Partido Trabalhista. E Wilson poderá construir desde os alicerces a confiança e a força que vai necessitar para conseguir os empréstimos externos essenciais à restauração da balança de pagamentos, cujo «déficit» de três mil milhões de libras é o maior da história deste país.

Observadores acreditam plenamente aqui na possibilidade de novas eleições dentro de seis a dezoito meses com um resultado mais decisivo.

Criada uma sociedade de investimentos do grupo Grão-Pará na qual foi dado aos accionistas o direito de preferência

À hora em que encerra esta edição, acaba de se realizar a assembleia geral da Imobiliária Construtora Grão-Pará, durante a qual foi aprovada a constituição de uma sociedade de investimentos, como sendo a «holding» daquele grupo de empresas. Para essa sociedade a Grão-Pará associou-se a três instituições de crédito — Banco Intercontinental Português (vinte por cento do capital social), Banco Pinto de Magalhães (seis e meio por cento) e Casa Bancária Pacada, Moraes e Companhia (um por cento).

Apresentada pelos acsionistas srs. Francisco de Curial Marques Pereira e José Maria Salema Garção, foi aprovada uma proposta pela qual é dado aos accionistas da Imobiliária Construtora Grão-Pará o direito de preferência na constituição da nova sociedade, na promoção de três acções para cada uma de que forem titulares, aquando da constituição desta, sendo o tal direito exercido pelo valor nominal das acções da sociedade ora criada (valor de cem escudos), as quais deverão ser liberadas integralmente no acto da subscrição, aquando da constituição da sociedade.

NOTAS POLÍTICAS

KAULZA DE ARRIAGA EM LISBOA

Chega hoje a Lisboa o general Kaulza de Arriaga, presidente da Junta de Energia Nuclear, que ontem se avistou, em Luanda, com o governador-geral de Angola, eng.º Santos e Castro, após visita à República da África do Sul.

MOÇAMBIQUE

O governador-geral de Moçambique, eng.º Pimentel dos Santos, trabalhou hoje com o comandante-chefe das Forças Armadas, general Basto Machado.

GOVERNADOR DE CABO VERDE

Parte esta noite para Cabo Verde, a fim de assumir as suas funções, o novo governador daquele arquipélago ultramarino, coronel Basílio Seguro.

SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Por despacho do Presidente do Conselho foi nomeado secretário-geral da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa o dr. José António Guerreiro de Sousa Barriga. Deverá tomar posse, desse cargo, num dos próximos dias. Natural de Évora, o dr. Sousa Barriga licenciou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Foi delegado do procurador da República e, entre outras funções, secretário-geral das Comemorações do 40.º Aniversário da Revolução Nacional. Membro, também, da Associação dos Jurisconsultos Católicos e vogal da Comissão de Literatura e Espectáculos para Menores, secretariou o Conselho Coordenador da Informação e o seu Gabinete de Estudos. É comendador da Ordem Militar de Cristo e da Ordem do Rio Branco (Brasil).

CORPORAÇÕES E SEGURANÇA SOCIAL

No âmbito das alterações que estão a ser introduzidas na orgânica do Ministério das Corporações e Segurança Social, foi já publicado no «Diário do Governo» um decreto-lei daquele departamento ministerial, aprovado em Conselho de Ministros, para ser presente à Assembleia Nacional, que reorganiza a Junta de Acção Social do referido Ministério e cria, em cada distrito, comissões de formação e acção social.

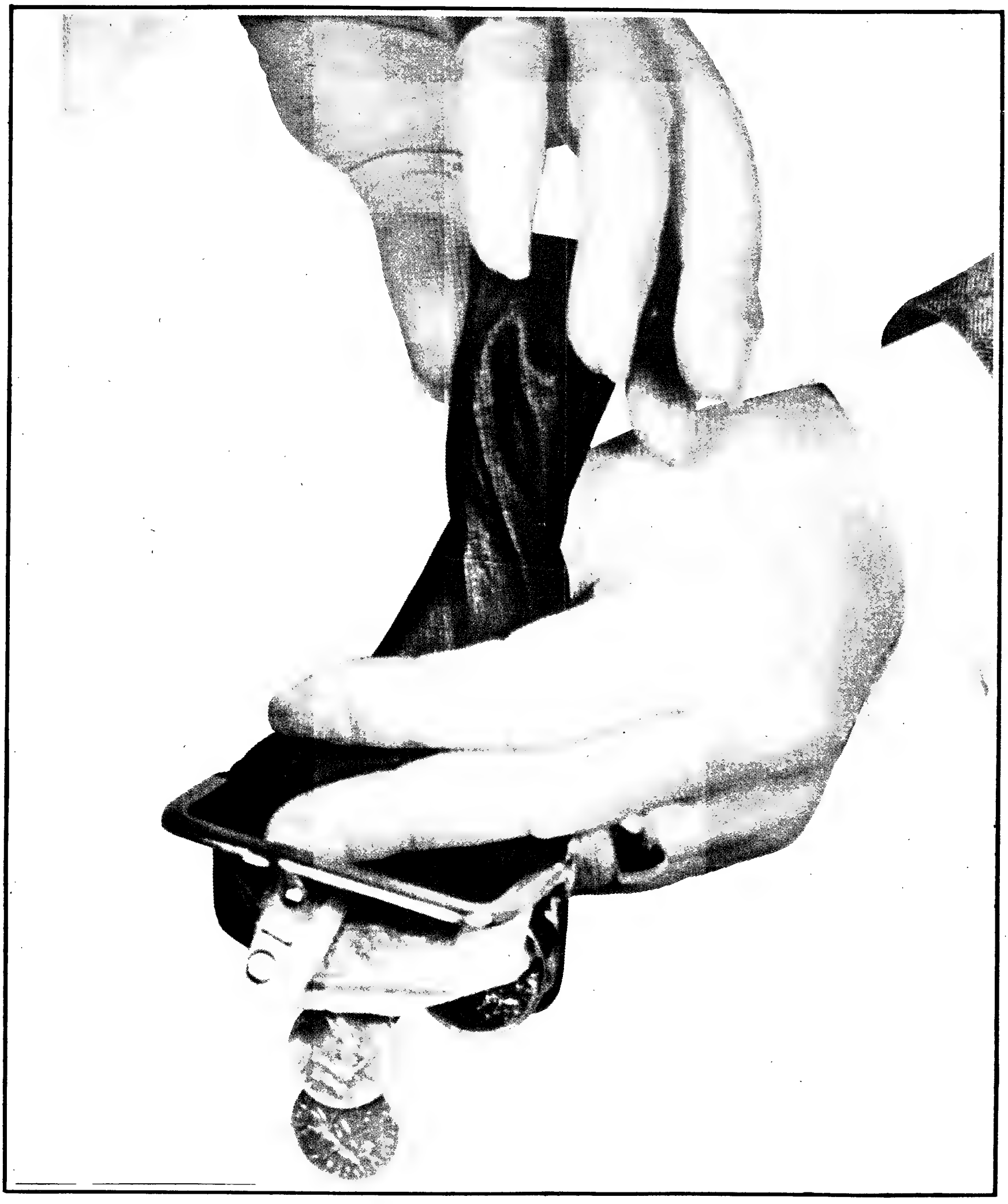
SUSPENSÕES EM BELAS ARTES

PORTO, 5 — Foram suspensos por 90 dias e proibidos do acesso às instalações da Escola Superior de Belas Artes do Porto, 15 alunos daquele estabelecimento de ensino, em consequência de acontecimentos ocorridos no passado dia 22.

Os alunos suspensos (14 de Arquitectura e um de Pintura) aguardam a conclusão de um processo disciplinar.

Economia

N.95
5 DE MARÇO
DE 1974



Registo e Comentário

Uma história para registar

Suponhamos uma pequena ou média empresa. Pode ser uma fabriqueta, uma tipografia, um pequeno jornal que sai à semana. Vive como pode... e fundamentalmente do crédito bancário com base no desconto de letras.

Num determinado momento numa país «qualquer», talvez como medida contra especulativa actividade bolsista a tomar dimensão um tanto desmesurada — bem maior que a da empresa da «história»... — os condutores da política económica e financeira decidem tornar mais difícil o crédito bancário, para dessa forma evitar que os «jogadores» possam dispor, com tanta facilidade, de meios para a preocupante e empolada movimentação bolsista e para-bolsista.

A tal empresa, a «nossa», lá estava no seu (outro) jogo de desconta aqui, reforma ali, aguenta e cresce o que pode, e depara com novas e talvez previsíveis dificuldades. Dizemos talvez previsíveis e podemos também dizer novas e graves.

. Continua na página dois

LEIA NAS PÁGINAS INTERIORES

PÁGINA TRÊS:
Opções nos preços: o bacalhau

PÁGINAS CENTRAIS:
Umá última possibilidade para os Nove?

PÁGINA SEIS:
De vez em quando um país...

PÁGINA OITO:
Actividades económicas

Registo Comentário

Por SÉRGIO RIBEIRO

Continuação da primeira pagina

Entretanto, beneficiando da eventual corrida a vender depressa o que está a baixar, alguns pequenos detentores de «papel» procuram vender, outros esperam melhores dias até serem «convencidos» que o momento é de trocar ao contrário, isto é, vender papel e receber dinheiro fresco... enquanto é tempo.

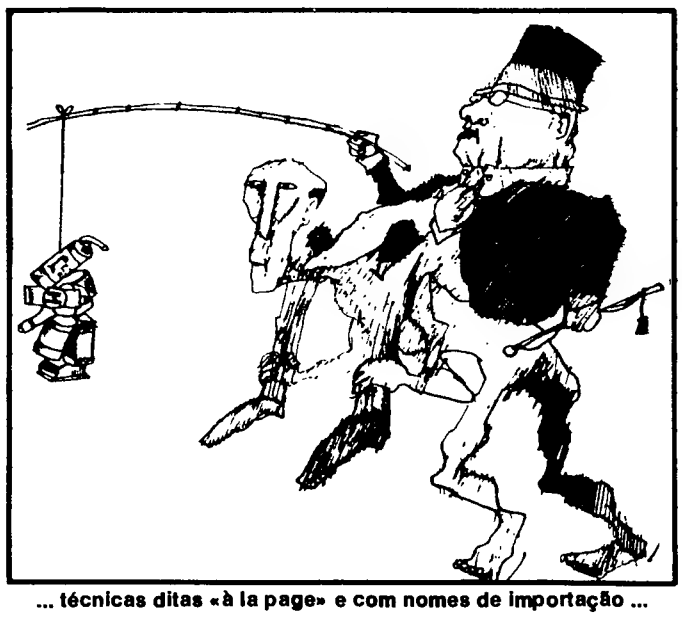
Na empresa que é intérprete da «história» não há «papel» para vender. E, se for tipografia, ou jornal, ou editora, também não há papel (sem aspas) para comprar... Dificuldades acrescidas e de média pode tornar-se pequena, de pequena ou média pode tornar-se nada ou absorvida. Às vezes bastam dois habituais descontos não feitos para fazer tombar o que era só equilíbrio ou equilibrismo!

No terreno do «jogo» haverá quem não tenha dificuldade, qualquer a circunstância, em chegar ao crédito de que necessita — se necessita... — para comprar o «papel» que lhe interessa, em condições de baixa, às vezes só para aguardar que suba, o que é o tal «jogo».

Se a história tivesse moral, ou resumo, diríamos que a pequena (ou média) empresa sobreviveu mais dificilmente, ou morreu, ou «integrou-se», e que isso aconteceu à margem e como reflexo de uma (afirmada ou não) tentativa de dominar um «jogo» que acabou por o não ser mas por encontrar outras condições para continuar, e em maior benefício dos mais fortes e com capacidade de se adaptarem ao «estado do terreno».

JÁ QUE FALAMOS DE DIMENSÃO

Já que falámos de dimensão e que falámos de pequenos e médios, lembrámo-nos que mereceria registo a primeira assembleia geral de uma associação portuguesa para a defesa do consumidor, surgindo logo a fácil identificação com pequeno, isto é, só pequeno é que precisa de defesa



... técnicas ditas «à la page» e com nomes de importação ...

e consumidor, tal como lembra associação de ditos, é a peça manobrável e pequena da «máquina».

Não é que não tenhamos a saltar-nos para as teclas a palavra de simpatia por tudo que é associação e defesa do que se considera fraco — a precisar de defesa em colectivo — pois essa é a única forma de se deixar de ser fraco e pequeno, mas há outras palavras que querem merecer combinação de letras neste registo-comentário.

A associação de consumidores apresenta toda a utilidade relativamente aos fins que enuncia e será portanto útil, para quem nela coloca esforços e intenções, se conseguir, permanente e até progressivamente, lembrar também e prioritariamente que o consumidor antes de o ser é produtor, e que a forma ou a «dimensão» e «qualidade» com que aparece no lado do consumo resulta do modo como se dimensionou socialmente e qual a posição qualitativa no lado da produção.

Sem quaisquer paternalismos despropositados e para que não sentimos vocação, a simpatia por tais associações depara sempre com a barragem do aviso quanto ao perigo de se estar a pensar mais nos produtos esquecendo, ou não lembrando, o objectivo social que levou à sua produção.

TEM DE SER: OS PREÇOS

E se falámos em produtores e consumidores, também na semana passada algumas coisas ou factos vieram chamar a atenção para o desfazamento que tantas vezes reflecte um circuito de produção-distribuição-consumo de produtos que servem para satisfazer necessidades de primeira fila. Desfazamento que se concretiza na insatisfação dos produtores pelo baixo preço porque vendem, e no protesto dos compradores face ao alto preço porque compram.

Não se trata de uma atitude de «regateio» directo mas sim bem indirecto e com muitos «curto-circuitos» ou intermediários. Este problema aparece e torna-se muito relevante sobretudo no campo dos produtos agrícolas e alimentares.

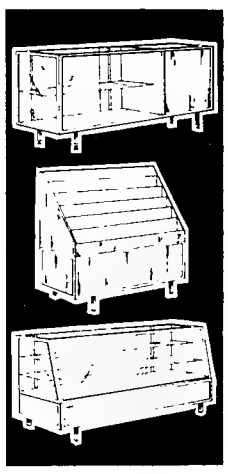
Sobre os produtos agrícolas, e sem ter de sair da semana que referimos, podemos falar da «Europa» que, não obstante os seus problemas graves, a nível de relações intra-comunitárias e para fora relativamente aos parceiros mais poderosos, não pode deixar de continuar a discutir os problemas agrícolas e o magno problema da fixação dos preços dos produtos, particularmente gado para abate.

Neste caso, a França não se apresenta sozinha, acompanhada pela Itália, Bélgica e Irlanda, embora, como vai sendo tendência cada vez mais marcada, tenha do outro lado a R.F.A. e a Grã-Bretanha. Para que a França não escapasse a uma situação com alguns aspectos espectaculares, as propostas de só 7 por cento de aumento para o gado da parte da comissão da C.E.E. tiveram a resposta de manifestações violentas, particularmente na Bretanha.

S.R.

Continua na pág. seis

NOVO
novo sistema funcional
BELA
bela linha
BEAUTILINE



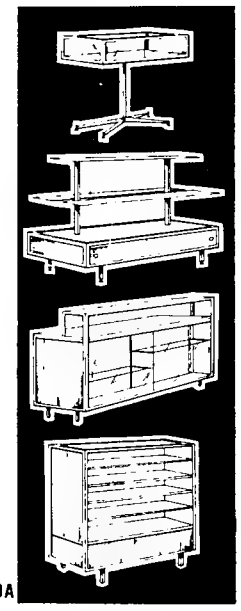
SISTEMA REVOLUCIONÁRIO DE COMBINAÇÃO DE PERFIS DOURADOS OU PRATEADOS QUE TORNA POSSÍVEL UMA GAMA INFINITA DE.

- montras
- vitrinas
- expositores
- modelos especiais

para:

GRANDES ARMAZÉNS
SUPERMERCADOS
MÉNAGE
BOUTIQUES
FARMÁCIAS
PERFUMARIAS
RELOJOARIAS
ELECTRODOMÉSTICOS
EXPOSIÇÕES
MUSEUS. ETC

FABRICAMOS TODOS OS MODELOS POR ENCOMENDA



NOVIMPORTA

Representante exclusivo:
Centro Comercial de Importação, Lda.

ESTRADA DA LUZ, 173-A-B-C-D- TEL. 782694-LISBOA

EXCURSÕES CP

PROGRAMA DE MARÇO

— Viagens em carruagens de grande conforto (1.ª classe) e autocarros de turismo.

● NEVE NA SERRA DA ESTRELA
— Fins-de-semana: 2/3, 9/10, 16/17, 23 24 e 30 31
— Meios-de-semana: 6/7 e 20 21
Aloj. na Guarda (Hotel 1.ª classe): Fim-de-semana 780$00
Meio-de-semana 740$00

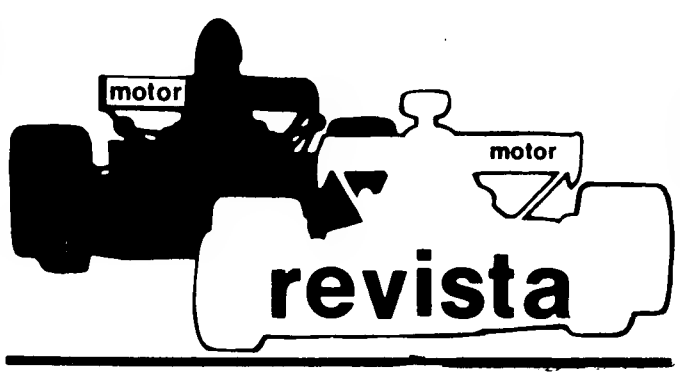
● ALMOÇO ESPECIAL À LAREIRA BEIRÃ E PASSEIO À NEVE
— Fins-de-semana: 2/3, 9 10 e 16 17
Aloj. na Urgeiriça (Hotel 1.ª classe). Visita a Viseu, Mangualde (almoço típico), Lagoa Comprida, Torre, etc 790$00

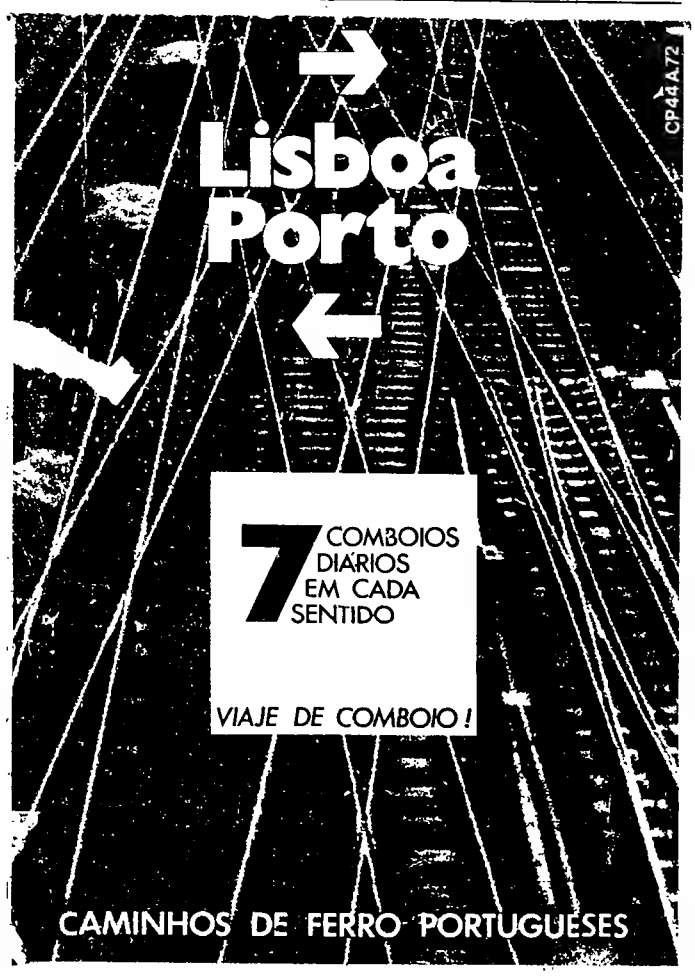
● ALMOÇO À MINHOTA E MIMOSAS EM VIANA
— Fins-de-semana: 2/3 e 9 10
Aloj. em Viana do Castelo (Hotel 1.ª classe ou Residência 1.ª classe). Almoço (lampreia e rojões) e visita ao Monte de St.ª Luzia, Afife, etc. Hotel 1.ª classe . 850$00
Residência 1.ª classe . . . . . 780$00

● LAGOS-SAGRES
— Fins-de-semana: 2 3, 16/17 e 30 31
Aloj. Hotel de Lagos (1.ª classe). Visita a Albufeira, P. Rocha, Torralta, Sagres e Casino de Alvor (c espectáculo de variedades facultativo) . . . . 850$00

● MONTE GORDO/AYAMONTE
Fins-de-semana: 23/24
Aloj. em Monte Gordo (Hotel 1.ª classe) e visita a Ayamonte . . . . . 870$00

PROGRAMAS E INFORMAÇÕES
— Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
— Rua do Arsenal, 124 e Centrais de C. Ferro de Lisboa
ORGANIZAÇÃO — T. 36 75 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

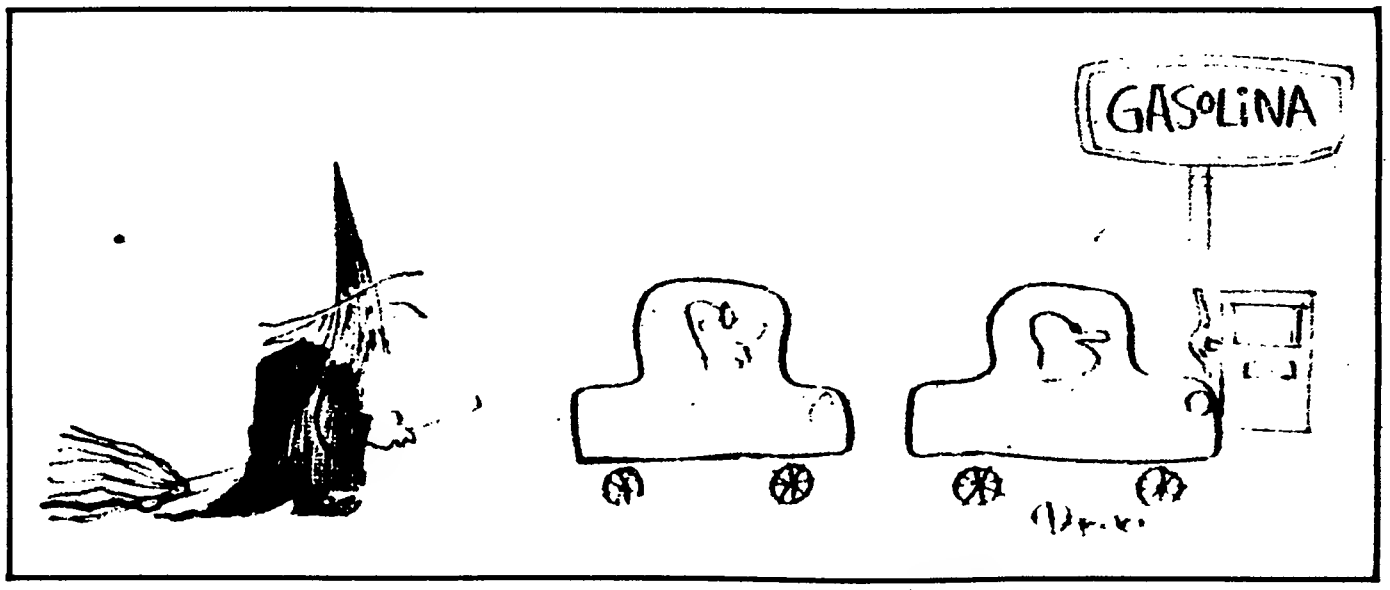




STOP NO HIPERMERCADO?

Este clima de acontecimentos de excepção que temos vivido, em que os homens dos camelos teriam posto os homens dos automóveis a falarem sózinhos, tanto tem desfeito crenças estabelecidas, como gerado tremendas interrogações.

A carência de matéria-prima, e o consequente aumento do produto fabricado, «no caso dos sacos de plástico», em que a compra trivial de 50 contos passou para duzentos e tantos contos, engendrou significativo duelo entre o supermercado e a tenda tradicional.



Por
JOSÉ ALVES

O hiper ou o super, determinou como lei, que a menina da caixa, **manejadora das engrenagens trituradoras dos orçamentos domésticos**, ajuntasse as somas totais, o encargo de meio escudo, por cada saco, para transporte das compras efectuadas, sem olhar para a natureza e montante das mesmas.

Ante esta crueza, fria, matemática, que tem provocado o abandono puro e simples de bastas compras, na caixa, por gente ferida pela inconsideração, veio a sublinhar-se o humanismo crescente do merceeiro, procurando a colaboração do consumidor, do freguês: quer trazendo o saco a encher, quer aceitando embalagens de cartão canelado, cujo destino era o lixo.

Desta forma, a mercearia clássica aproxima-se ainda mais do cliente que serve, associando-o às suas carências, como alivia o serviço de recolha de lixos pela eliminação de caixas que voltam a ser úteis.

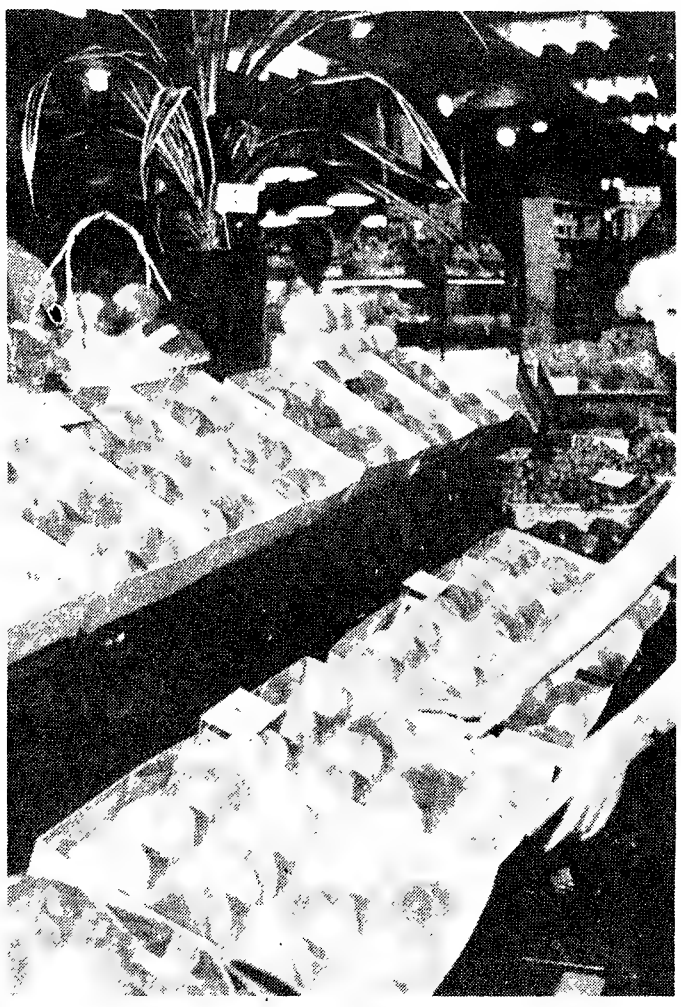
Esta mútua compreensão aproxima e, não é isenta de um certo pudor que concorre para um entendimento de reciprocidade num clima de humanismo.

Pessoas «exaltadas» vão ao exagero de pretender que os roubos praticados nos hipermercados, por clientela dos mesmos, estão na origem de recalcamentos, de raivinhas, nascidas da ausência de alma nos grandes empórios dos géneros alimentícios.

Essas pessoas julgam-se perdidas, sós, no meio da turba, e gritam a sua solidão, escamoteando produtos a subtrair ao pagamento na caixa. No entanto os engenhosos processos, já detectados, como esconderijos interiores devidamente adaptados às formas anatómicas do indivíduo, denunciam uma premeditação cuidada, a que não terá sido alheio um período de roubo experimental bem sucedido.

Mas tudo isto são histórias proibidas, como os boatos de caixas viciadas para acrescentos de 10% em cada centena de escudos totalizados.

O que é certo é que o homem da tenda de antanho, porque tem vida de trabalho e fracos proventos reune com ele, se outros requisitos tão importantes não tivesse, teria sempre as necessárias condições de comunicação, onde a semente da relação humana não tomba em vão, para revelar o seu espírito colaborante nas emergências de qualquer jaez.



A MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

— Para melhorar o trabalho, é preciso primeiro falar com aqueles que o executam: é preciso um clime social normal, um diálogo entre parceiros sociais, estruturas de harmonização.

— Harmonização ao mais alto nível: uma instância de supervisão dos planos e orçamentos de melhoria das condições de trabalho, compreendendo a direcção e os representantes do pessoal (incumbência da comissão de empresa).

— Harmonização na base: dos grupos de trabalho técnico por sector ou oficina, incluindo operários, agentes de autoridade e especialistas animosos devido à procura criativa de soluções.

— Formação: ao nível dos quadros, mestria e operadores, fornecendo técnicas e atitudes, constitui frequentemente um preâmbulo.

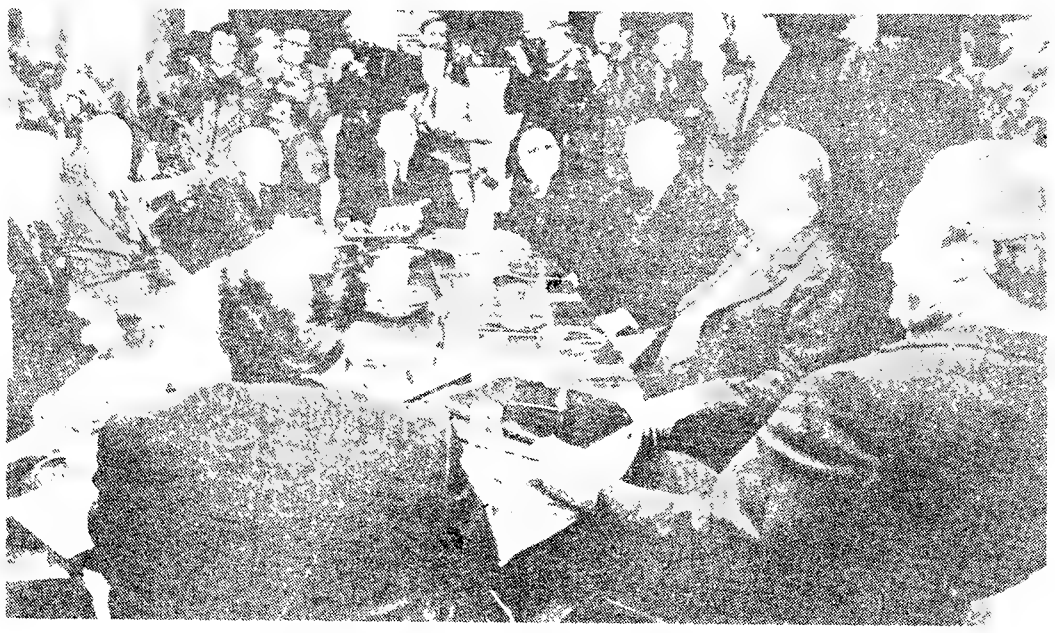
— Lugar alargado à auto-organização na base: horários flexíveis, enriquecimento do trabalho, grupos semi autónomos, etc.

Este trabalho já veio publicado há algum tempo no jornal «Le Monde». Entretanto coisas e tempo se passou na pequena Europa, particularmente nas suas relações com os Estados Unidos e na definição de uma «identidade europeia» face à «nova Carta do Atlântico» que insiste em ser trunfo e que o será pelo menos durante algum tempo, ainda que, nesse «jogo», a construção da tal Europa por vezes enfaticamente proclamada fique prejudicada se não comprometida.

O facto de considerar que entretanto se passaram muitas e algumas significativas coisas não teria tirado oportunidade a este trabalho, antes lhe teria vindo dar maior peso às reflexões que suscita e sugere.

UMA ÚLTIMA POSSIBIL
PARA OS NOVE?

A guerra do Próximo Oriente, ao fazer tomar consciência à Europa da sua insignificância política e da sua vulnerabilidade energética, deu-lhe a ocasião para um novo alento, e os «Nove» aceitaram ter, com este objectivo, em meados de Dezembro, uma «cimeira» restrita, como propunha Pompidou. Em dois outros artigos, André Fontaine expôs as origens da iniciativa francesa e a posição do chefe do Estado sobre o Próximo Oriente.



A união desejada é difícil

À amargura que experimentam por terem sido postos de lado relativamente aos assuntos do Próximo Oriente junta-se, para os europeus, desprazer de serem, não obstante com os japoneses, as principais vítimas desta guerra do petróleo. É verdade que, graças a uma reorientação da sua política, que fez esquecer há muito a expedição de Suez, a França e a Grã-Bretanha podem esperar, tal como a Itália, evitar uma diminuição importante dos seus aprovisionamentos. Mas é-lhes necessário, desde já, e ser-lhes-á preciso mais ainda de futuro, resignar-se a pagar mais caro um combustível de que só tinham desenvolvido a utilização porque acreditaram que continuaria a ser durante muito tempo uma matéria barata. Para Governos já de si incapazes de dominar a inflação, a aceleração assim dada aos preços é muito simplesmente dramática.

Certamente que há lugar para pensar que a Arábia Saudita e os emirados do Golfo Pérsico não têm nenhuma vontade __ levando demasiado longe a sua pressão __ de provocar o desmoronamento do capitalismo ocidental, com os quais estão, face aos regimes progressistas árabes, estreitamente solidários. Nem por isso estão menos decididos a tirar partido __ e o lucro __ máximo de uma arma sem dúvida muito mais eficaz __ e em todo o caso infinitamente menos terrível __ do que a retomada das hostilidades. É preciso o optimismo de comando de Nixon para acreditar que eles poderiam deixar de a manejar antes da intervenção de uma regularização de paz entre Israel e os seus vizinhos, o que, na melhor das hipóteses, vai levar muito tempo.

Daqui até lá, a redução das entregas que afecta a Holanda e, por via das consequências, a Bélgica e a República Federal, tem todas as possibilidades de se agravar. Os países aprovisionados podem recusar aos seus parceiros desfavorecidos a ajuda que impõe a solidariedade europeia e que a U.R.S.S., correndo o risco de perturbar o «Terceiro Mundo», declarou, pelo seu lado, estar disposta a vender a Bonn, se a necessidade da mesma se fizesse sentir? Os holandeses **começaram, aliás, a recordar** aos seus vizinhos que estes, ao fim e ao cabo, dependem largamente deles para as suas importações de gás natural.

A energia nuclear

A crise da energia não pode, nestas condições, deixar de ocupar um lugar de destaque nas conversações sobre o relançamento europeu, com o risco da França ter de recordar que não se estaria nessa situação se se tivesse considerado a sua proposta, formulada antes do Verão, de constituir por toda a parte vastas reservas de combustíveis. É evidente que as medidas que poderão ser fixadas agora não passarão, na sua maior parte, de paliativos como aqueles destinados à luta contra a inflação. O mesmo acontece com a produção de combustível nuclear, domínio no qual a Europa corre o risco de conhecer, daqui a alguns anos, se não se lançar num programa de grande envergadura, uma dependência tão dominante como aquela que experimenta hoje relativamente aos hidrocarbonetos.

E nesta perspectiva que Messmer recordou recentemente que os ensinamentos tirados da produção, em Pierrelatte, de urânio enriquecido para fins militares, permitiram aos Nove, se para isso libertassem os necessários meios financeiros, dotar-se de uma ferramenta de produção à medida das suas necessidades. Porém, acontece que esta proposta está em concorrência com a outra que visa a utilizar o processo de centrifugação realizado por um grupo que compreende a Holanda, a Grã-Bretanha e a República Federal. Vistos de Paris, os dois projectos parecem compatíveis. Porém, não é a questão de participar no segundo que desemboca sobre as perspectivas de produção notoriamente insuficientes, antes que os Nove tenham posto o primeiro em marcha.

Um acordo sobre este ponto constituiria a melhor demonstração de solidariedade da Europa para os anos vindouros e da sua vontade de se dotar finalmente desta política comum da energia cujo princípio foi posto pelo tratado de Roma, mas que continua a esperar a correspondente realização. É certo que o preço do empreendimento seria elevado. Porém, quando se pensa nas somas que foram engolidas pelo «Concorde», para não falar já dos matadouros de La Villette, e na que custará o túnel sob a Mancha, pode-se perguntar se a inteligência não ordena que se entre francamente em tal empreendimento.

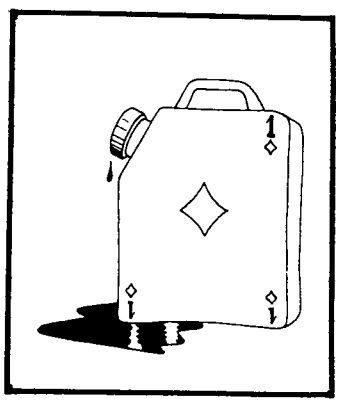
Isto seria, no entanto, ter a ilusão, mais do que acreditar, que um acordo a este respeito seria suficiente para relançar a construção da Europa. O caminho «funcional», seguido durante estes últimos anos, após o malogro dos sonhos federalistas dos anos 50, não deu senão resultados igualmente funcionais, insuficientes para pavimentar a estrada da união política reclamada por todos os lados. Chaban-Delmas, em Nantes, sublinhou a necessidade disso, ao pedir que se orientem as coisas na direcção de um «executivo europeu». Porém, tem-se muita dificuldade em se perceber exactamente o que quererá fazer Pompidou.

A palavra, aliás medonha, de «supranacionalidade», irrita-o, a ele, pouco menos do que ao seu antecessor, e não foi Heath que o terá incitado, em Chequers, a fazer grandes esforços desse lado. O vocábulo «confederal» assusta menos, sem dúvida, o chefe do Estado francês, e é certo que o general De Gaulle a ele frequentemente recorreu. Porém, o próprio conceito de confederação é bastante suave, e um tal jurista pode afirmar que, com as suas instituições actuais, tal como funcionam, a Comunidade dos Nove é já uma confederação.

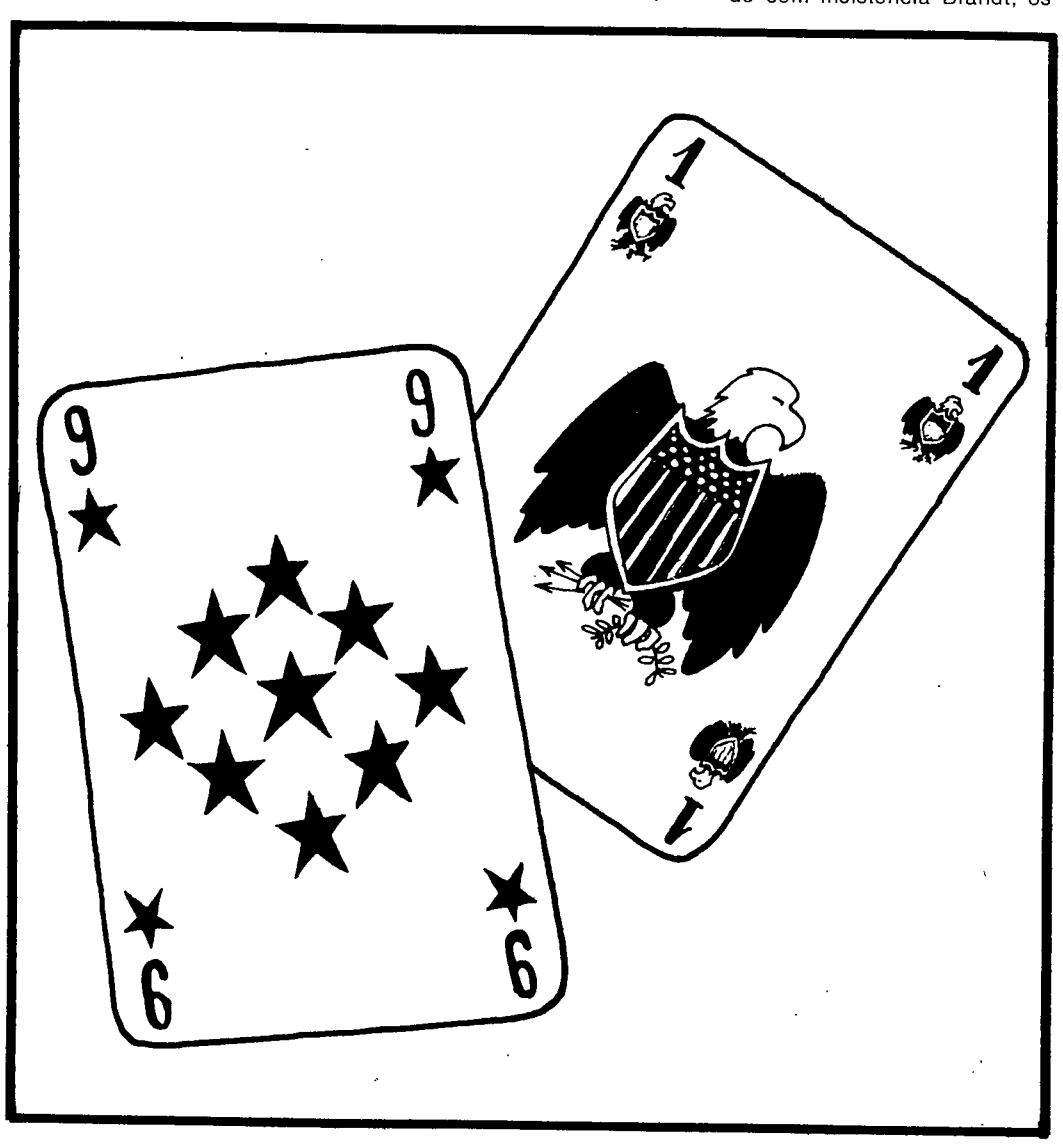
Para ir mais longe, seria preciso aumentar quer os poderes da Comissão __ o que o Eliseu está tanto menos disposto a admitir quanto é certo que, no seu ponto de vista, os britânicos, para entrarem no jogo de Bruxelas, conduzem cada vez mais o jogo _ , quer, como pede com insistência Brandt, os do Parlamento de Estrasburgo. Também neste caso não se sente em Paris um entusiasmo muito grande. Quanto à velha ideia, que figura expressamente no tratado de Roma, de eleger este Parlamento por sufrágio universal, Maurice Schumann esperou ter deixado o Ministério dos Negócios Estrangeiros para a ele se aliar publicamente. Mais ainda, preconiza uma fórmula de eleição à escala nacional que levantará, por certo, muitas objecções.

Manifestações cada vez mais numerosas de solidariedade

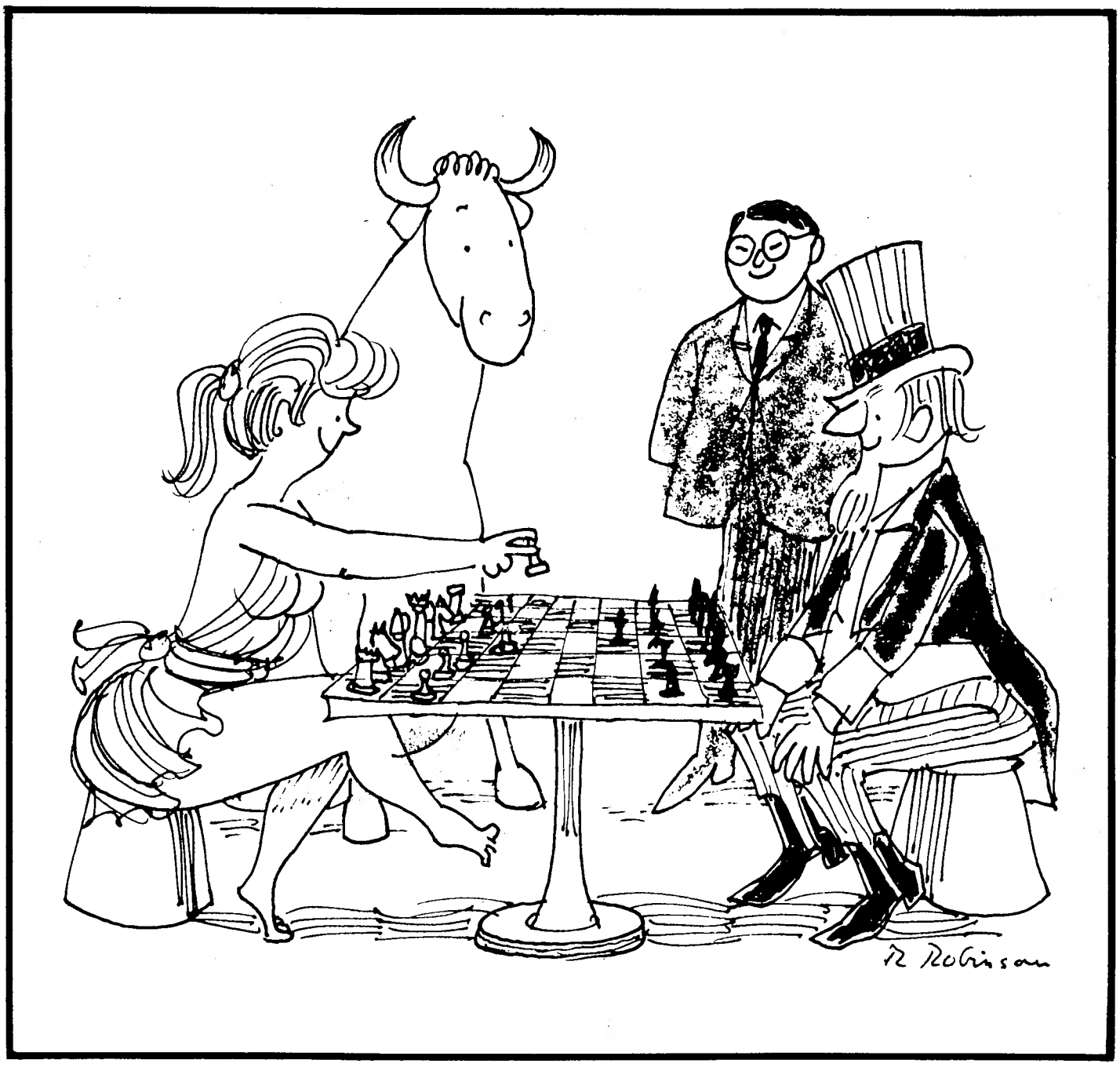
Nisso, Pompidou continua a ser muito gaullista; para ele, é sempre dos Governos que deve vir o impulso. E o que parece, sobretudo, esperar é, mais do que inovações institucionais que correspondem bastante pouco ao seu temperamento desconfiado e pragmático, a expressão, cada vez mais frequente, pelos Nove, ao sabor de reuniões sempre mais numerosas, da sua vontade relativamente ao exterior; se se diz claramente mais optimista quanto às possibilidades da Europa do que há alguns meses atrás é porque lhe parece que nestes últimos tempos esta solidariedade se manifestou várias vezes. Não houve senão a adopção da resolução sobre o Próximo Oriente, de todos estes sinais o mais notado. E um facto que, na conferência sobre a segurança europeia, os países da Comunidade, divididos embora relativamente à discussão de Viena sobre a redução das forças, agem no conjunto em concerto. O mesmo aconteceu em várias ocasiões das suas relações com os Estados Unidos. Notou-se já, a este propósito, as posições tomadas tanto na conferência preparatória do «Nixon round» em Tóquio como na reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Copenhaga, em Setembro, onde se chegou a acordo sobre um texto preparado pelos ingleses, muito aquém daquilo que Washington pretendia quanto à **redefinição das relações inter-atlânticas.**



Esta redefinição, reclamada por Kissinger há alguns meses na perspectiva daquilo a que havia chamado o **ano da Europa**, e da viagem, anunciada para o Outono, do presidente dos



IDADE



Por
ANDRÉ
FONTAINE
(«Le Monde»/«DL»)

Estados Unidos ao Velho Continente, parece impor-se mais do que nunca depois da crise que a aliança acaba de sofrer. A bem dizer, é um paradoxo que esta crise tenha eclodido quando o secretário de Estado acabara de ter com Jobert a entrevista mais cordial e mais fácil, com o consentimento geral, que tiveram, desde há muitos anos, os chefes das duas diplomacias, e depois de Valéry Giscard d'Estaing ter enterrado oficialmente, durante a reunião do F.M.I., em Nairobi, o machado de guerra com o Tesouro americano.

O **Economist**, de Londres, pôde escrever, por seu lado, que os franceses pareciam ter, finalmente, compreendido que **a vontade dos americanos de defender a Europa, apesar dos insultos, não é ilimitada**. Aliás, por diversos indícios, como a visita a Jobert e ao Conselho Atlântico de Joseph Sisco, assistente do secretário de Estado para os assuntos do Próximo Oriente, tem-se a impressão de que os Estados Unidos desejam agora abrandar as suas relações com os seus aliados, os quais se entregaram em 15 de Novembro último à redacção da nova declaração atlântica.

O que acaba de se passar deveria ajudar os mais «atlantistas» a compreender que é normal que os interesses da Europa e dos Estados Unidos sejam divergentes na ocasião. Uns e outros, dela deveriam poder tirar conclusões sem, no entanto, se injuriarem cara a cara. A ocasião não seria boa para Pompidou colocar a ideia de uma porta-voz único dos Nove, como lhe foi sugerido por alguns dos seus colaboradores? Ter-se-iam, talvez, negligenciado um pouco menos, durante estes últimos tempos, os avisos da Europa, se tivessem sido expressos por uma só voz. Tudo indica, no entanto, que o chefe do Estado francês não julga a ideia amadurecida. Não é homem que ignore as objecções. Com que autoridade, por exemplo, poderia a França falar em nome da Europa, quando no próprio seio da Comunidade se ouvem ainda expressar-se tantas reservas sobre a sua atitude?

Fundo de Desenvolvimento Regional e Fundo Monetário

É mais com outras decisões concretas que o presidente da República sonha, para tornar manifesta aos olhos do público **a vontade de relançamento dos Nove. Também parecia mais** bem disposto, do que no passado, relativamente ao famoso «Fundo de Desenvolvimento Regional» que Londres reclama com tanta insistência, e que, nos termos do comunicado da «cimeira» de Outubro de 1972, deveria entrar em vigor antes de 1 de Janeiro próximo. É certo que lhe aconteceu ficar supreendido pelo facto dos britânicos, que consideram tantas necessidades na Escócia e no País de Gales, escolher, de preferência, investir na indústria alimentar francesa. Contava poder observar a Heath, em Chequers, que a adesão ao Mercado Comum está longe de ter sido tão custosa para eles, como são levados a acreditar muito dos súbditos da rainha Isabel. As concessões que a França poderia fazer à Grã-Bretanha em matéria de desenvolvimento provocam, portanto, no seu espírito algumas contrapartidas. É, aliás, um assunto muito complicado se se admitir, com um recente estudo do **Newsweek**, inspirado em documentos da O.C.D.E. e das comunidades, que as regiões com direito de relcamar ajuda, representam metade da superfície da Europa dos Nove e 40 por cento da sua população entre as quais a totalidade da Irlanda, 51 por cento da Itália, 36, 33 e 32 por cento respectivamente para o Reino Unido, a França e a Dinamarca.

Um outro passo concreto deveria ser constituído pela atribuição ao Fundo Monetário Europeu, criado por aplicação de uma outra decisão da «cimeira» de Outubro de 1972, de somas que lhe permitam desempenhar o seu verdadeiro papel. No entanto, no Eliseu, mostram-se muito cépticos quanto à possibilidade de se passar em 1 de Janeiro, como o mesmo comunicado havia prometido, à segunda fase da realização da união económica e monetária. Além disso, dificilmente se escondia considerar esta moção de fases como sofrivelmente vazia e teórica. De qualquer maneira, como se pode falar seriamente de união monetária quando a Grã-Bretanha e a Itália, por motivos que lhes são próprios, e que, no caso da primeira pelo menos, não parecem prestes a desaparecer, **entenderam por bem** desvalorizar as suas moedas para além dos limites de flutuação acordados à famosa «serpente» europeia?

Para uma defesa europeia?

Porém, o mais novo, sem dúvida, na atitude francesa é a franqueza com que se reconhece, agora, que a verdadeira prova da vontade política dos Nove se situará no domínio militar. Debré, que, como bom **discípulo do general De Gaulle,** professava que não há defesa senão a nacional, deixou o Governo, e Jobert fez mais do que alusões, nas suas intervenções da Assembleia Nacional, à necessidade de sonhar com fórmulas europeias. Chaban-Delmas foi ainda mais longe, em Nantes, ao falar de uma defesa autónoma num quadro atlântico. Tratar-se-ia de uma ressureição da Comunidade Europeia de defesa contra a qual os gaullistas, nos anos 50, terçaram tantas armas? As duas grandes diferenças são, em todas as situações, que o comandante-em-chefe não seja, como então, um americano e que a defesa comum tenha uma dimensão nuclear.

Já não se nega hoje ao Eliseu que se fale destes problemas entre europeus. Como proceder, aliás, doutra maneira quando, segundo certos votos do Congresso, se precisa a perspectiva, tão receada em Paris, de uma possível retirada das tropas americanas da Europa? No momento em que os **alemães confessam, a todos os** momentos, a sua obsessão de ver o seu território tornar-se, em caso de guerra, o campo fechado de um confronto atómico que, para continuar a ser «táctico», nem por isso seria menos terrivelmente mortífero? Dito isto, as objecções nascidas dos acordos atómicos anglo-americanos, para não falar senão destes, tornam muito problemática a conclusão de um acordo ou, em todo o caso, a sua elaboração antes de prolongadas demoras. Mas é significativo de uma mudança de estado de espírito tanto no Eliseu como **no Quai d'Orsay que se inssista** presentemente sobre a necessidade de uma solução depois de ter duante tanto tempo tomado alegremente o seu partido da sua pretensa impossibilidade.

É preciso dizer, também, que será sem dúvida esta ocasião em que se verá se os «europeus» aspiram realmente a constituir-se numa entidade distinta dos Estados Unidos e capaz, em caso de necessidade, de se defender eventualmente completamente sozinha ou se procuram apenas consolidar a integração atlântica. Se a maioria está ainda no poder, é preciso esperar por esse momento para se ter um belo debate no seio do U.D.R.

Não nos encontramos aí. Estamos da fase em que o presidente da República está aparentemente convencido, apesar da sua desconfiança natural relativamente às inovações, que **a união da Europa é a condição** da salvaguarda da sua independência e que ele acredita possível empreender a obra, tendo em conta a tomada de consciência suscitada um pouco por toda a parte pelos acontecimentos do Próximo Oriente e da guerra do petróleo. Mas nada de bom se faz no meio da indiferença dos cidadãos. Para assegurar o êxito deste relançamento da Europa seria preciso encontrar as palavras susceptíveis de mobilizar a opinião, indo além da defesa dos interesses e da ordem estabelecidos. O regime em França será capaz disso? Nada é menos certo.

Quando Ortoli, presidente da Comissão da C.E.E., a despacho com Nixon e Kissinger?

DE VEZ EM QUANDO UM PAÍS...

(FONTE: FUNDEXPORT, DEZEMBRO DE 1973)

Em 31 de Agosto, foram celebrados os contratos de concessão dos direitos de prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de petróleo, em 11 das 31 concessões em que foi dividida a plataforma metropolitana (offshore). As concessões foram atribuídas às seguintes empresas:

— Grupo Shell Prospex Portuguesa e Sociedade Concessionária da Exploração de Petróleos em Portugal (Sacorex), com 6 áreas de concessão e a imposição de realizar um mínimo de 11 sondagens no período inicial de 3 anos.

— Esso Exploration and Production Portugal, Inc. com 3 áreas de concessão e a imposição de um mínimo de 4 sondagens no período inicial.

— Grupo Portugal Sun Oil Company/Amerada Hess Corporation of Portugal/Phillips Petroleum Company, com 2 áreas de concessão e a obrigação de um mínimo de 3 sondagens no mesmo período.

ALGUNS INDICADORES DE CARÁCTER ECONÓMICO E SOCIAL

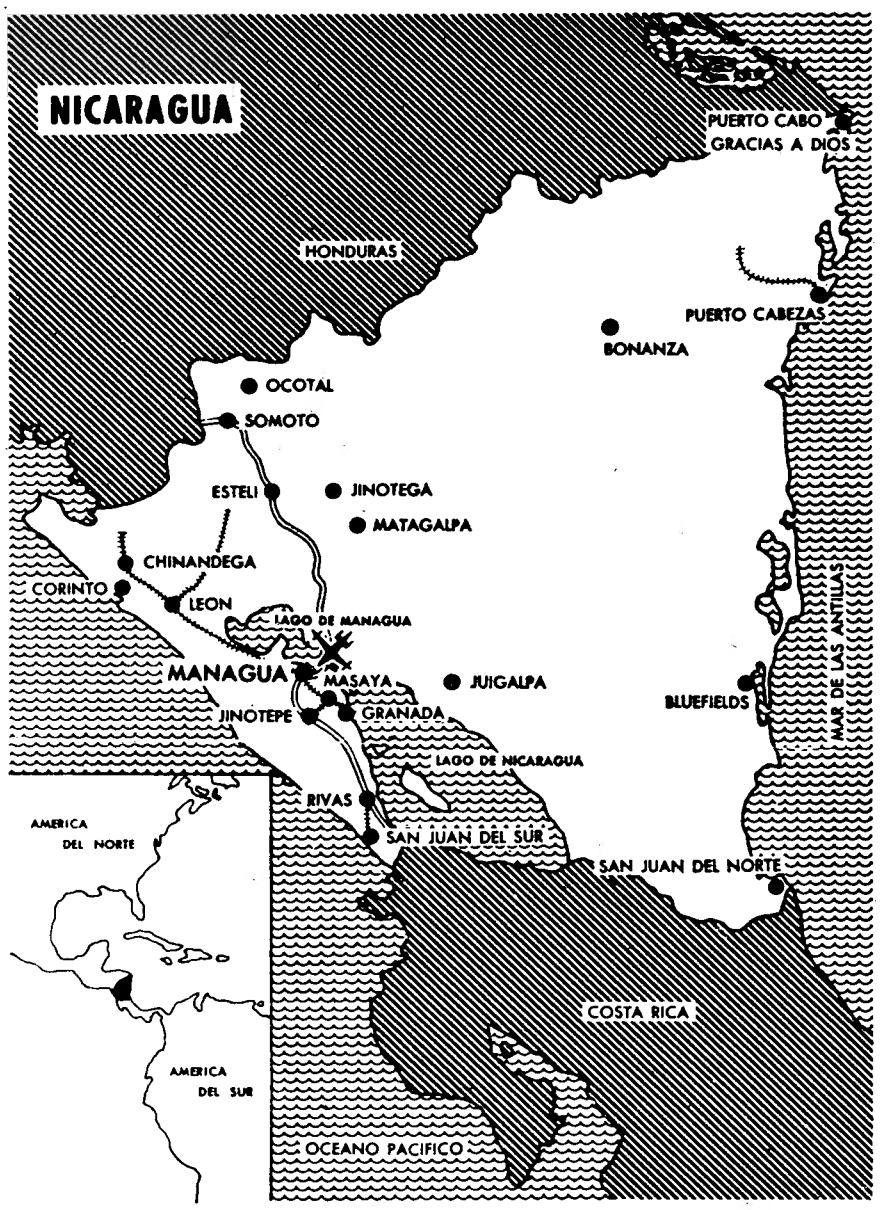
– Produto Nacional Bruto (1971):	
Total	908,6 milhões de dólares
Per capita	443,2 dólares
– Formação bruta de capital fixo (1971):	
Em Percentagem do Produto Interno Bruto (P.I.B.)	14,7
– Indústrias transformadoras (1971):	
Em percentagem do Produto Interno Bruto	18,5
– Agricultura (1971):	
Em percentagem do Produto Interno Bruto	24,2
– Taxa anual média de crescimento	
do Produto Interno Bruto (1969-70):	1,4%
– Cinemas (1969):	141
Frequência anual por habitante	5
– Aparelhos de rádio (1/1/70):	107 000
1 aparelho para 17,8 habitantes	
– Televisores (1/1/70):	45 000
1 aparelho para 41,6 habitantes	
– Telefones (1/1/70):	25 634
1 aparelho para 78 habitantes	
– Viaturas de turismo (1969):	14 034
1 veículo para 135,7 habitantes	
– Veículos utilitários (1969):	24 855
1 veículo para 76 habitantes	
– Tiragem de jornais diários por mil habitantes (1969):	51
– Consumo de papel de jornal (1969):	
Total (em toneladas)	3 600
Kg por habitante	1,9
– Consumo de energia (1969):	
Total (equivalência em 1 000 toneladas de hulha)	630
Per capita (kg de hulha)	328
– Ensino	
Taxa de alfabetização (1969):	50%

O ensino primário é obrigatório e gratuito entre os 6 e os 13 anos, calculando-se em 70%, a frequência da população com idade escolar.

O número de alunos matriculados nos diferentes tipos de ensino, no ano lectivo 1968-69 foi o seguinte:

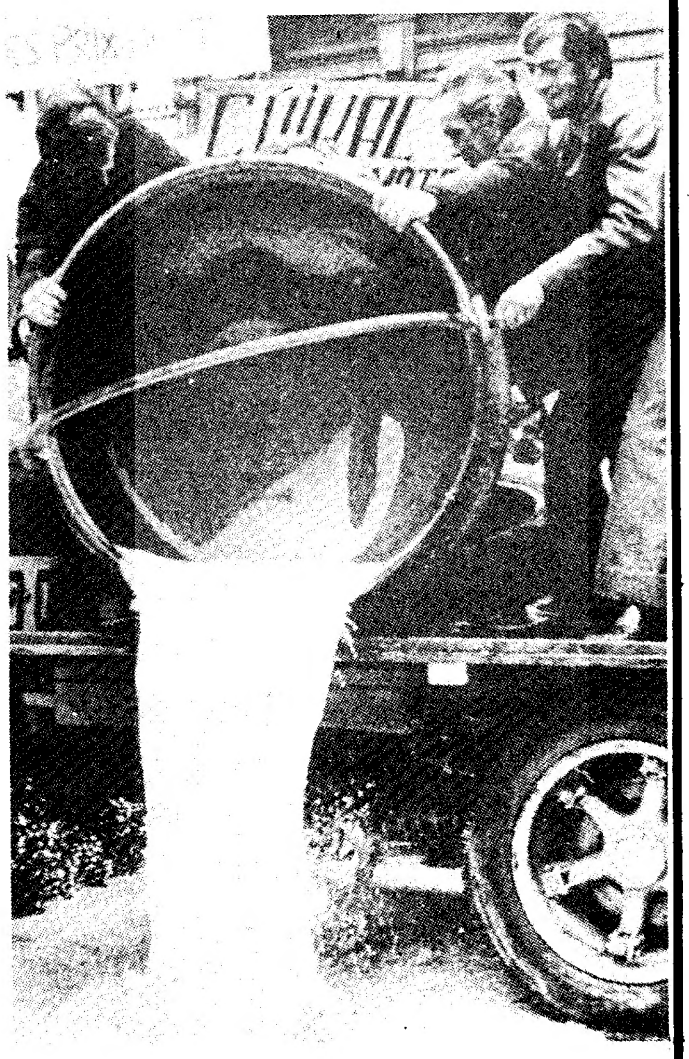
Ensino primário	265 833
" secundário	32 952
" normal	3 339
" técnico	3 433
" superior	7 225

– Saúde (1969):	
Taxa de mortalidade geral	17‰
Taxa de mortalidade infantil	55‰
Esperança de vida à nascença	50 anos
Hospitais	42
Nº de camas	4 356
Médicos	973
Dentistas	258
Farmacêuticos	305
Enfermeiros graduados	405
Consumo de calorias por dia e por habitante	2 350
Consumo de proteínas por dia e por habitante	68 g

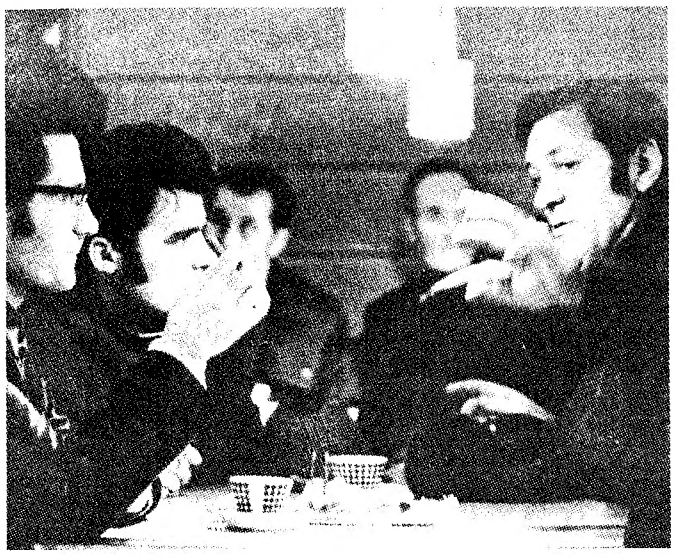


Registo e Comentário

Continuação da página dois

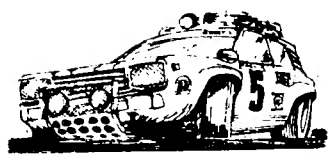


... É o caso do leite ... a resposta de manifestações violentas (da parte de produtores) ... Com o enorme peso do que, para ter um nome terá de se chamar crime, de relações de produção que fazem destruir num local o que falta às crianças ao lado ou alguns quilómetros mais longe



O jogo das mãos, dos olhos, da boca: A COMUNICAÇÃO

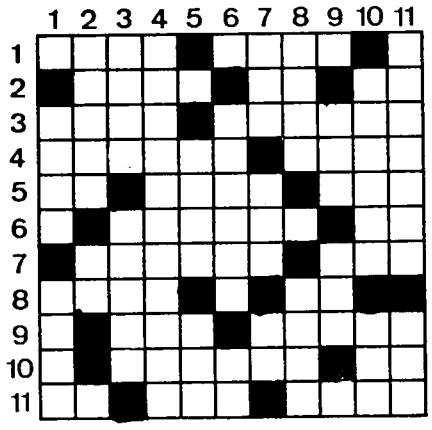
À VENDA EM TODO O PAÍS
MAIS UM NÚMERO
DE
motor



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10714



HORIZONTAIS:

1 Qualquer de entre dois ou mais. Quem. Tempo do verbo ser.
2 Malho. Troça. Antes do meio dia.
3 Cabeleira. Elegante.
4 Rezaram. Terra nova e arroteada de fresco.
5 Ruim. Esteiros. Arara.
6 Cadelas. Atmosfera.
7 Chuvada. Pega.
8 Doméstica. Prasiodímio (s.q).
9 Cólera. Segada.
10 Determinar. Artigo definido (ant).
11 Catedral. Rio da Suiça. Estorga.

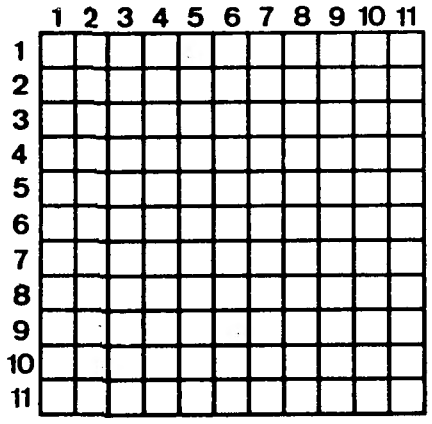
VERTICAIS:

1 Lago de Itália. Divindade.
2 Nome de fruto. Boro (s.q).
3 Mulher nobre. Região montanhosa da Ásia central (Rússia e Afeganistão).
4 Ocasionaria.
5 Artigo definido. Serra de Portugal. Pegadeira.
6 Desagradável. Crómio (s.q).
7 Cantão da Suiça. Pequeno símio do Brasil. Cálcio (s.q).
8 Encoleriza. Namorado ridículo (Brás).
9 Agora.Apelido.
10 Guarneceras de asas. Barrete mourisco.
11 Metera em mala. Ice.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6872



HORIZONTAIS:

1 Urdiríamos.
2 Que é do ar. Dera mios.
3 Curar. Restos mortais.
4 Grei. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
5 Antes de Cristo. A corte.
6 Ópera de Vérdi. Dança popular portuguesa.
7 Laço. Em partes iguais.
8 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Ave pernalta. Madre.
9 Preposição e artigo definido. Bebida alcoólica da India e América. Rádio (s.q).
10 Sobra. Calculei.
11 Guarnecer de ameias. Fronteiras.

VERTICAIS:

1 Taberna. Fechara as asas para descer mais depressa.
2 Destaca. Expludam (fig).
3 Rã (pop). Ilha do estado da Baía. Pronome reflexo.
4 Mediana. Passado. Prende.
5 Ilha do Pequeno Belt. Comprar garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação (Bras).
6 Prefixo de negação. Artigo indefinido.
7 Intimos. Ave de rapina.
8 Suspiros. Piedosa. Pedra de altar.
9 Resmungara. Cento e um em romano.
10 Rezo. Aqui. Superfície plana delimitada.
11 Ilha do mar Jónio. Prendeis com peias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10713

HORIZONTAIS:

1 Arara. Assai.
2 Lu. Ar. Ni.
3 Maçaria. Às.
4 A UNIÃO. FAZ.
5 Alças. Bise.
6 Fita. Rã.
7 Era. Rifar.
8 Ro. Casos. Ur.
9 Iscas. Ralai.
10 Daria.
11 Arreara.

VERTICAIS:

1 Alma. Ferida.
2 Rua. Airosa.
3 Culta. Cra.
4 Anca. Cair.
5 Ria Rasar.
6 Aias. Si.
7 Arão. FORÇA.
8 Brasa.
9 Afiar. Lia.
10 Ansas. Uã.
11 Il. Zelarias.

PROVERBIO: A UNIÃO FAZ A FORÇA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6871

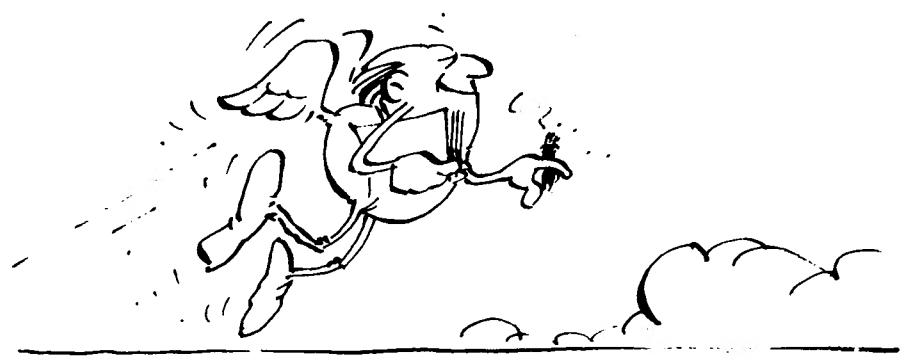
HORIZONTAIS:

1 Capa. Sulca.
2 Legou. Ias.
3 Rebatida.
4 Rum. Ro. Ar.
5 Amua. Tari.
6 Ada. Ras.
7 Ara. Catem.
8 Ir. Armo. Elo.
9 Demorada. Ac.
10 Rio. Aleta.
11 Assis. Airó.

VERTICAIS:

1 Acra. Sidra.
2 Ruma. Reis.
3 Al. Muda. Mós.
4 Per. Aarão.
5 Agem. Arras.
6 Ob. Tu. Mal.
7 Suara. Códea.
8 Torra. Ati.
9 Lll. Iate. Ar.
10 Cada. Sela.
11 Asaro. Moca.

os Kolans



Actividades económicas

UM PROBLEMA GRAVE: TAMBÉM EM FRANÇA

Uma penúria de 300 000 toneladas num consumo mundial de 25 milhões de toneladas de papel de jornal é suficiente para perturbar a Imprensa mundial e mesmo para elevar o papel de jornal ao nível dos «grandes» produtos; e, no entanto, trata-se apenas de uma situação conjuntural desfavorável. O mercado mundial é tão sensível, que o mínimo incidente (dificuldades na exploração das **florestas canadianas, devido a inundações, greves** de lenhadores ou de estivadores, etc.) vai reflectir-se nos «stocks» e, com a psicose de penúria que atravessa os países europeus, na paginação dos jornais e revistas.

A França, por exemplo, não depara com problemas ao nível dos abastecimentos, mas existem grandes inquietações em relação aos preços. A curto prazo, os abastecimentos neste país estão assegurados através de contratos com os escandinavos (o que não impedirá uma alta de 15% a 20% em Janeiro) e da própria produção nacional (cujos preços serão indexados pelos preços escandinavos). Mas os industriais franceses do papel, tendo seguido o programa de redução da produção, tal como havia sido fixado por comum acordo, de modo a permitir uma diversificação dos fornecedores (preço, qualidade, etc.) terão igualmente que enfrentar uma subida de preços, tanto ao nível das matérias-primas como da própria transformação. As pastas mecânicas são produzidas numa proporção de 40% a partir de madeiras nacionais, cujo preço também aumenta, pois há uma procura acrescida de madeira para outros fins a preços incontrolados, e 60% através de madeiras importadas (nomeadamente da União Soviética, que anunciou altas que poderão atingir 30% a 40%). A pasta química aumentou de 15% em 1 de Julho de 1973, devendo registar um novo aumento no início de 1974. No papel de jornal, são utilizadas cerca de 80% de pastas mecânicas e 20% de pastas químicas.

Apesar destas altas, os industriais franceses do papel não aparentam um optimismo exagerado sobre o carácter rentável da sua actividade, não é aliás certo que eles possam repercutir totalmente essas altas nos seus preços, pois neste caso a Imprensa terá de se preparar para pagar bastante caro o papel ou reduzir a paginação, não por falta de matérias-primas, como está acontecendo na Grã-**-Bretanha, mas devido ao custo do papel.**

Este fenómeno parece produzir-se de modo idêntico em relação ao papel «couchê» das revistas, onde a penúria ainda não é de temer (a Beghin orienta pouco a pouco a sua produção do papel de jornal para papel de revista), mas onde se prevêm importantes altas de preço, tanto mais que os japoneses têm comprado ultimamente na Europa **papel a qualquer preço.**

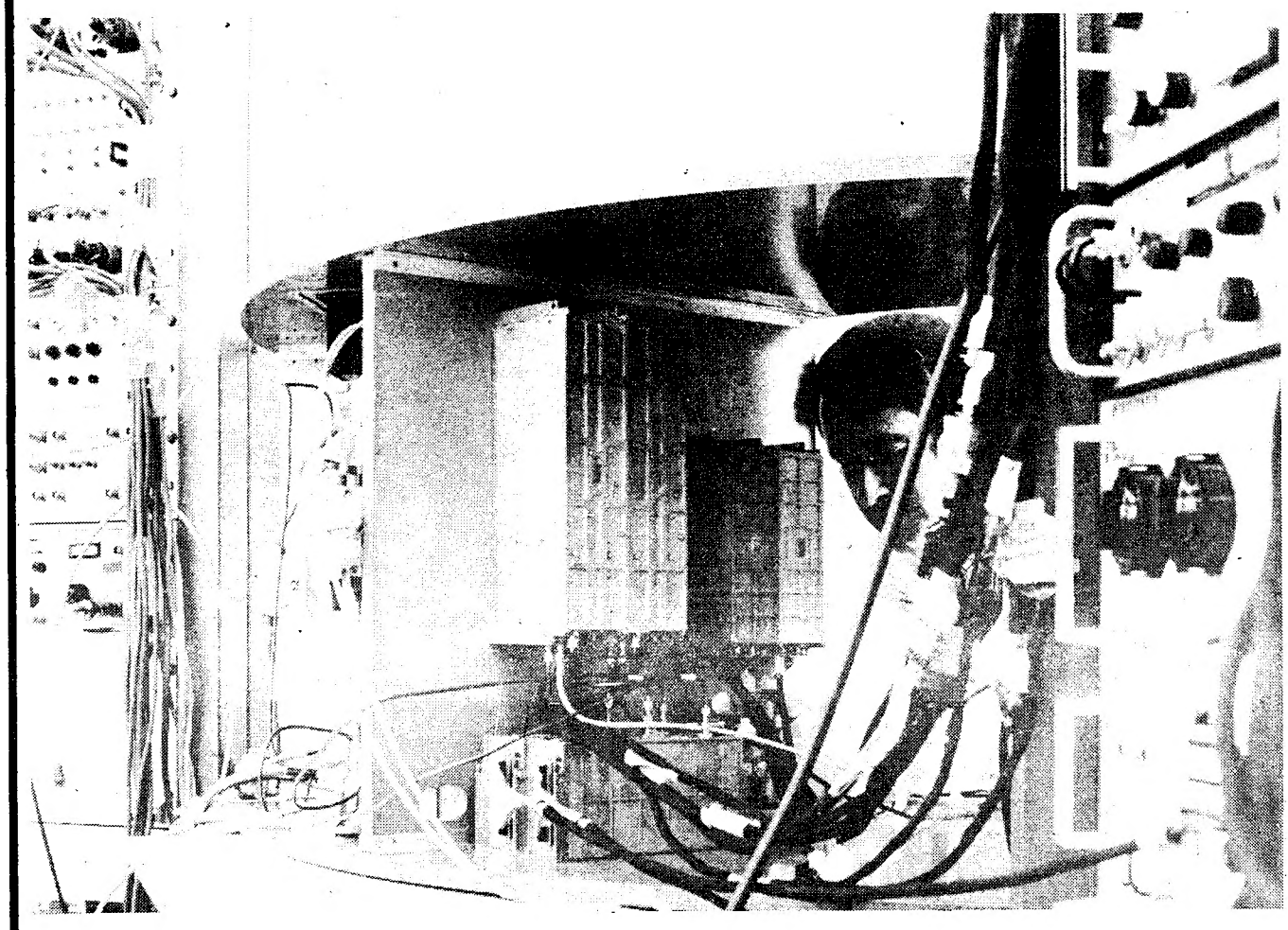
Quais são as soluções? O papel plástico: se a técnica parece ter atingido uma fase definitiva, deverá no entanto recordar-se que este papel é produzido à base de matérias plásticas, portanto de derivados de petróleo, cujos mercados estão sujeitos às dificuldades conhecidas.

E o papel proveniente de outros países, tais como o Brasil, cujas reservas florestais são consideráveis e praticamente inexploradas? Nestas florestas predominam as árvores folhosas, dando fibras curtas e impróprias para a fabricação do papel-jornal.

E os outros europeus? Além da Itália, cuja produção é excedentária (e arrisca-se a ser tentada pelos preços estrangeiros, embora os seus se encontrem bloqueados), todos têm os mesmos problemas.

Finalmente, poderá perguntar-se se a França deverá pôr fim à sua política de redução da produção (de 460 000 toneladas em 1966 para 285 000 toneladas em 1974) e instalar uma outra baseada nos abastecimentos em madeira nacional.

FUSÃO NUCLEAR-SOLUÇÃO DA CRISE ENERGÉTICA?



A crise energética do momento transferiu para o primeiro plano uma questão de importância crucial para a humanidade inteira: quanto tempo ainda serão suficientes as reservas de petróleo, carvão e gás natural para equilibrar a procura energética geral? A solução deste problema poderá consistir na fusão dos núcleos de hidrogénio pesado, denominado «deutério», cujas reservas na água natural são consideráveis. Durante a fusão nuclear liberta-se a parte do gás raro hélio, um potencial energético apreciável. A fim de se poderem investigar mais profundamente os fenómenos naturais de produção de energia que se processam no sol, a sonda «Helios», desenvolvida conjuntamente pela República Federal da Alemanha e pelos Estados Unidos, procederá este ano a medições, cujos resultados serão de grande utilidade na construção de centrais atómicas. Num laboratório especializado de Ulm procede-se aos últimos preparativos nas aparelhagens de medição da «Helios».

A PRIMEIRA TRADING COMPANY EM PORTUGAL

Em Lisboa foi formada recentemente a primeira trading company a operar no nosso País. À semelhança das suas congéneres no estrangeiro, a sociedade vai dedicar-se, numa primeira fase, às exportações fundamentalmente de pequenos e médios industriais portugueses para os mercados tradicionais, e às importações de equipamento e matérias-primas necessárias ao desenvolvimento económico do País, oferecendo ainda aos industriais que com ela negoceiem possibilidades de financiamente e formas de pagamento bastante favoráveis, além de toda uma gama de serviços altamente especializados. Em fases posteriores seguir-se-ão acções tendentes a encontrar novos mercados e novos produtos, ou relançar produtos que, por falta de dinamismo, não estarão a aproveitar neste momento todas as potencialidades de exportação que se lhes oferecem.

OS MAIORES GRUPOS DE BANCOS NA EUROPA

Os cinco grandes grupos bancários europeus são:

Deutsche Bank (Alemanha), Société Générale (França), Midland Bank (Reino Unido), Société Générale de Banque (Bélgica) e Creditanstalt-Bankverein (Alemanha);

Crédit Lyonnais (França), Banco di Roma (Itália) e Commerzbank (Alemanha);

Dresdner Bank (Alemanha), Algemene Bank Nederland (Holanda), Bayerische Hypothken-und-wechselbank (Alemanha) e Banque de Bruxelles (Bélgica);

Kredietbank (Alemanha), Banco Ambrosiano Crédit Commercial de France (França), Berliner Handelsgesellschaft Frankfurter Bank (Alemanha) e Williams and Glyn's (Reino Unido);

Chase Manhattan Bank (E.U.A.), National Westiminster Bank (Reino Unido), Westdentche Landesbank Gorazentrale (Alemanha), Royal of Canada (Canadá), Mitsubishi Bank (Japão) e Crédito Italiano (Itália).

"GRANDE BOUFFE"

A Grande «Bouffe», **um filme-sensação que pode ser aproveitado para ser um título-demonstração. Um retrato de uma sociedade tal como organizada**

DL Economia